

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL MESTRADO

CAMILA SILVA

DO PASSADO AO FUTURO:
A ESCRITA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO
FARROUPILHA NA IMPRENSA PORTO-ALEGRENSE

SÃO LEOPOLDO

2012

ARMANDO VIANA
PORTO ALEGRE-1935

CAMILA SILVA

DO PASSADO AO FUTURO:

A ESCRITA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO
FARROUPILHA NA IMPRENSA PORTO-ALEGRENSE

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Cristina Bohn Martins

SÃO LEOPOLDO

2012

S586d Silva, Camila
Do passado ao futuro: a escrita comemorativa do Centenário Farroupilha na imprensa porto-alegrense / Camila Silva -- 2012.
155 f. :il. 30cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2012.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Cristina Bohn Martins.

1. Imprensa - História - Porto Alegre. 2. Imprensa - Memória. 3. Centenário Farroupilha - Comemoração. I. Título. II. Martins, Maria Cristina Bohn.

CDU 070(091)(816.51)

Catálogo na Publicação:
Bibliotecário Eliete Mari Doncato Brasil - CRB 10/1184

CAMILA SILVA

DO PASSADO AO FUTURO:

A ESCRITA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO
FARROUPILHA NA IMPRENSA PORTO-ALEGRENSE

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em 10/04/2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cláudio Pereira Elmir – UNISINOS

Profa. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues – UFRGS

Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins, orientadora – UNISINOS

Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira – UNISINOS

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Cláudio Pereira Elmir e à professora Mara Cristina de Matos Rodrigues pela leitura do presente trabalho e pelas importantes observações à época da qualificação, que contribuíram para a conclusão da mesma. Ao professor Paulo Roberto Staudt Moreira pela solicitude ao compor a banca examinadora da minha dissertação. À professora Maria Cristina Bohn Martins, minha gratidão, pela orientação interessada e cuidadosa, minha admiração, pelo seu entusiasmo e dedicação no trabalho como pesquisadora e professora, e meu carinho, por ter me acolhido tão afetuosamente.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS pela oportunidade de estudo e pesquisa, e a secretária Janaína Trescastro pela atenção às questões burocráticas, indispensáveis na realização deste trabalho. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cuja bolsa possibilitou meu ingresso no curso de mestrado.

Gostaria de agradecer a todos os professores que colaboraram na minha formação na área da História. Especialmente à professora Marluza Marques Harres e ao professor Cláudio Pereira Elmir, pelas leituras e debates que ajudaram de forma mais específica na elaboração da dissertação. Agradeço às professoras Elsa Avancini e Viviane Adriana Saballa e ao professor Rodrigo Lemos Simões, pelo aprendizado da pesquisa histórica na época da minha graduação no Unilasalle. Aos professores Paulo Roberto Staudt Moreira e Manoel José Ávila da Silva por terem incentivado a realização deste trabalho em sua fase inicial.

Sou grata pela sorte de ter construído amizades na minha trajetória acadêmica: à Danielle Herbele Viegas, colega e amiga desde o período da graduação, companhia em momentos que não cabem no espaço desta lista, mas que a memória fará perdurar; à Deise Cristina Schell, grata surpresa que me faz acreditar no poeta (“*a gente não faz amigos, reconhece-os*”); e àquelas que foram colegas de sala de aula e de quarto, com quem conversei sobre a História e sobre a vida: Caroline Poletto, Fernanda Giroto, Fernanda Wisniewski, Maíne Barbosa Lopes e Natália Garcia Pinto. Obrigada pelo carinho e amizade.

À Luana, à Danielle e ao Vitor: obrigada pela ajuda “técnica”.

À Madelaine, à Luana, à Cristiana e ao Alexandre, agradeço por todo afeto já dedicado e pela compreensão durante o período em que precisei estar ausente do convívio familiar (ah, os jogos do Internacional que perdi, as rodas de chimarrão que não pude estar, os telefonemas que me esqueci de retornar...). Por fim, embora em primeiro lugar, minha imensa gratidão à Edite e ao José Gonzaga pelo apoio e amor incondicional que somente pai e mãe sabem dar. Obrigada por tornarem meu trabalho possível.

Não é extraordinário pensar que dos três tempos em que dividimos o tempo – o passado, o presente e o futuro –, o mais difícil, o mais inapreensível, seja o presente?(...) Sentimo-nos deslizar pelo tempo, isto é, podemos pensar que passamos do futuro para o passado, ou do passado para o futuro, mas não há um momento em que possamos dizer ao tempo: «Detém-te! És tão belo...!», como dizia Goethe. O presente não se detém. Não poderíamos imaginar um presente puro; seria nulo. O presente contém sempre uma partícula de passado e uma partícula de futuro, e parece que isso é necessário ao tempo.

(Jorge Luis Borges)

RESUMO

Esta dissertação analisa como as comemorações do primeiro centenário da Revolução Farroupilha produziram uma memória sobre o evento. A pesquisa utiliza documentação periódica publicada em Porto Alegre, nos jornais *A Federação*, *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *Jornal da Manhã*. A investigação pretende compreender quais foram os elementos acionados nas representações e interpretações sobre este episódio, e como as narrativas mobilizaram a rememoração deste evento nos usos do passado farroupilha. Busca-se assim perceber como a *experiência* e a *expectativa* foram relacionadas e de que forma inscreveram o presente em uma perspectiva temporal. O trabalho visa contribuir para os estudos sobre a construção da memória farroupilha e a constituição de uma identidade regional.

PALAVRAS-CHAVE:

Centenário Farroupilha. Comemoração. Imprensa. Memória.

ABSTRACT

This dissertation examines how commemorations of First Centenary of the Farroupilha Revolution produces a memory of the event. This study uses documents published periodically in Porto Alegre, on the newspapers *A Federação*, *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* and *Jornal da Manhã*. The research aims to understand the elements which were triggered in the representations and interpretations of that episode, and how narratives mobilized the recollection of this event in the Farroupilha's past uses. Search to see how well the *experience* and *expectations* were related and how they entered this in a time perspective. The work aims to contribute to studies on the construction of Farroupilha memory and the constitution of a regional identity.

KEYWORDS:

Centenary of the Farroupilha Revolution. Commemoration. Press. Memory.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	
Pórtico Monumental da Exposição do Centenário Farroupilha.....	15
Imagem 2	
Nota publicada pelo jornal <i>Correio do Povo</i> . (Heróes e Terra. Porto Alegre, 20/09/1935)	37
Imagem 3	
Artigo publicado pelo jornal <i>Correio do Povo</i> . (Os supremos objectivos da jornada de 35. Porto Alegre, 20/09/1935)	42
Imagem 4	
Artigo publicado pelo <i>Jornal da Manhã</i> . (Organização política e organização social da República Rio-Grandense. Porto Alegre, 20/09/1935)	46
Imagem 5	
Artigo publicado pelo <i>Jornal da Manhã</i> (continuação). (Organização política e organização social da República Rio-Grandense. Porto Alegre, 08/10/1935)	48
Imagem 6	
Imagem de David Canabarro, publicada pelo jornal <i>Diário de Notícias</i> . (Porto Alegre, 20/09/1935)	61
Imagem 7	
Imagem de Manduca Carvalho, publicada pelo <i>Diário de Notícias</i> . (Porto Alegre, 20/09/1935)	64
Imagem 8	
Imagem de Manoel Lucas de Oliveira, publicada pelo jornal <i>Diário de Notícias</i> . (Porto Alegre, 20/09/1935)	64
Imagem 9	
Imagem de Bento Gonçalves, publicada pelo jornal <i>Diário de Notícias</i> . (Porto Alegre, 20/09/1935)	66
Imagem 10	
Capa da Edição Comemorativa do Primeiro Centenário da Revolução Farroupilha, publicada pelo jornal <i>Diário de Notícias</i> . (Porto Alegre, 20/09/1935)	69
Imagem 11	
Capa do jornal <i>Correio do Povo</i> . (Porto Alegre, 20/09/1935)	70
Imagem 12	
Capa do jornal <i>A Federação</i> . (Porto Alegre, 23/09/1935)	73

Imagem 13	
Discursos do presidente Getúlio Vargas e do governador Flores da Cunha, publicados pelo <i>Jornal da Manhã</i> . (Porto Alegre, 24/09/1935)	74
Imagem 14	
Discurso do governador Flores da Cunha, publicado <i>Correio do Povo</i> . (Porto Alegre, 24/09/1935)	75
Imagem 15	
Discurso do presidente Getúlio Vargas, publicado pelo <i>Correio do Povo</i> . (Porto Alegre, 24/09/1935)	76
Imagem 16	
Capa da Edição Farroupilha publicada pelo <i>Jornal da Manhã</i> . (Porto Alegre, 20/09/1935)	83
Imagem 17	
Imagens do governador Flores da Cunha e do general Bento Gonçalves, publicadas pelo <i>Jornal da Manhã</i> . (Porto Alegre, 20/09/1935)	84
Imagem 18	
Artigo publicado pelo <i>Diário de Notícias</i> . (Continuação Dos Homens Não Rio-grandenses na Republica de Piratini. Porto Alegre, 20/09/1935)	104
Imagem 19	
Artigo publicado pelo <i>Diário de Notícias</i> . (Continuação Dos Homens Não Rio-grandenses na Republica de Piratini. Porto Alegre, 20/09/1935)	105
Imagem 20	
Discurso do governador Flores da Cunha, publicado pelo jornal <i>A Federação</i> . (Porto Alegre, 21/09/1935).....	113
Imagem 21	
Texto publicado pelo jornal <i>A Federação</i> . (Vozes da cidade. Porto Alegre, 21/09/1935)	119

LISTA DE SIGLAS

AHPAMV – Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IHGPS – Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro

IHGRS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

IHGSC – Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

MCSHJC – Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

PDN – Partido Democrático Nacional

PRD – Partido Republicano Democrático

PRL – Partido Republicano Liberal

PRR – Partido Republicano Rio-Grandense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
 CAPÍTULO 1	
EM BUSCA DAS ORIGENS E DOS DESTINOS DO RIO GRANDE DO SUL....	27
1.1 A narrativa como um elo entre o passado e o presente	28
1.2 A narrativa como fronteira entre o <i>eu</i> e o <i>outro</i>	40
1.3 A <i>terra</i> , o <i>povo</i> e a construção de um tempo histórico para o Rio Grande do Sul	53
 CAPÍTULO 2	
OS HERÓIS SUL-RIO-GRANDENSES, ENTRE O PASSADO E O PRESENTE DA NAÇÃO	59
2.1 Os heróis (do passado): o panteão farroupilha nas páginas dos jornais	61
2.2 Os heróis (do presente): os sucessores farroupilhas reconhecidos pela imprensa ..	71
2.3 “ <i>São os farrapos que voltam</i> ”: quando o passado visita o presente.....	87
 CAPÍTULO 3	
O RIO GRANDE DO SUL, ENTRE O PASSADO E O FUTURO DA NAÇÃO....	94
3.1 “ <i>Separatismo nunca</i> ”: a conciliação entre o passado da região e da nação	96
3.2 O passado que continua presente: 1835 e 1930, a um só tempo	110
3.3 “ <i>O que pensam de nós</i> ”: sobre o debate entre a região e a nação	114
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
 ANEXOS	130
ANEXO 1. Antonio Ribeiro	131
ANEXO 2. Bento Gonçalves da Silva Filho	132
ANEXO 3. Fructuoso Borges da Fontoura.....	133
ANEXO 4. Manoel Lucas de Lima	134
ANEXO 5. José Gomes Portinho	135
ANEXO 6. Antonio Vicente da Fontoura	136
ANEXO 7. Domingos José de Almeida	137

ANEXO 8. Luiz José Ribeiro Barreto	138
ANEXO 9. José Pinheiro de Ulhoa Cintra	139
ANEXO 10. Padre João de Santa Barbara	140
ANEXO 11. Francisco Lucas de Lima.....	141
ANEXO 12. José de Paiva Magalhães Calvet.....	142
ANEXO 13. Frederico Augusto do Amaral Sarmiento Mena.....	143
ANEXO 14. Caetano Gonçalves da Silva	144

REFERÊNCIAS	145
Fontes	145
Bibliografia	148

INTRODUÇÃO

A cada 20 de setembro porto-alegrenses de todas as idades preparam-se para a comemoração do evento que é considerado a data máxima da história do Rio Grande do Sul, a Revolução Farroupilha. Sentindo-se peões ou prendas, cidadãos pilcham-se com seus chiripás, guaiacas, ceroulas, saias de armação, vestidos e bombachinhas. A cavalo ou a pé, andam pelas ruas da capital sul-rio-grandense, entre prédios e carros, em sua maior parte carregando o chimarrão. Assistem ao passado sendo encenado no desfile farroupilha, e passeiam entre os piquetes e o fogo de chão no Parque Harmonia. Não é necessário o uso do vocábulo “gaúcho” para que possamos relacionar os elementos acima citados à imagem mental que guardamos desta figura típica¹.

Em Porto Alegre, na região metropolitana ou nos municípios do interior do Estado, as programações da Semana Farroupilha incluem todo tipo de atividade. Peças teatrais, shows artísticos, exposições culturais, concertos musicais e palestras (para mencionarmos apenas alguns eventos), nos cercam por todos os lugares. Se nesta mesma data folhearmos os jornais locais, encontraremos uma galeria de textos e imagens que ilustram os personagens e os fatos que marcaram a “honrosa epopeia dos farrapos”. Ruas e avenidas transformam-se em verdadeiros palcos onde a Revolução Farroupilha é representada². As referências ao gaúcho e ao episódio farroupilha não se restringem ao mês de setembro. Programas de rádio e de televisão celebram a música e a cultura regional, campanhas publicitárias utilizam os símbolos e a linguagem do “sul” como forma de persuasão, e políticos discursam sobre as virtudes da “alma gaúcha”.

Não restam dúvidas quanto à importância deste acontecimento e do valor da sua comemoração no Rio Grande do Sul. Enquanto alguns eventos exigem o esforço interpretativo do historiador para serem trazidos à luz como tal, a Revolução

¹ Para Pesavento: “É por todos sabido que existe um estereótipo sobre o Rio Grande do Sul, sobre os gaúchos e sobre a região sulina”. Partindo deste pressuposto, tentaremos problematizar a questão da construção da identidade gaúcha e suas teceduras com a rememoração da Revolução Farroupilha. PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 1993, p. 383.

² Atualmente nos desfiles comemorativos ela é encenada por escolas, grupos e entidades, que, caracterizados com trajes típicos, desfilam junto aos carros temáticos que representam episódios da Revolução Farroupilha, ou da história do Rio Grande do Sul.

Farroupilha parece estar consagrada como um dos “fatos históricos evidentes”³ do nosso passado.

No entanto, o que o torna evidentemente “importante”? Por que, por quem, e como ele é lembrado? Talvez a melhor forma de responder a tais perguntas seja considerando que a memória de um acontecimento é constituída em cada presente, entre os limites que este coloca aos que recordam. Concordamos com Albuquerque Jr. quando este afirma que: “É vasculhando as camadas constitutivas de um dado saber, de um dado acontecimento, de um dado fato, que podemos apreender o movimento de seu aparecimento (...)”⁴. Neste sentido, pretendemos por em relevo uma das “camadas” dentre aquelas que ao longo da história formaram a memória farroupilha. Para tanto, temos como objeto de nossa investigação as narrativas comemorativas do primeiro Centenário Farroupilha, presentes nos jornais *A Federação*, *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *Jornal da Manhã*.

*A meia noite de ontem, pontualmente, as sirenes dos jornais locais rasgaram o silencio da noite com o seu grito sibilante anunciando o inicio do dia que assinnala [sic] a passagem do centenário da epopéia gloriosa dos farrapos, que inscupiu em letras de ouro a página mais gloriosa da nossa história, e que constituiu a mais empolgante demonstração de ardor cívico e o mais sublime e eloqüente exemplo de amor a liberdade. (...) E hoje em todos os recantos da gleba gaúcha, não haverá, por certo, nem um coração que deixe de palpitar mais apressado na reminiscência daquela época de pugnacidade romântica, dos feitos dramáticos dos dias luminosos de setembro de 35, e em que os heróis farroupilhas culminaram na audácia e no desprendimento que imortalizaram a raça*⁵.

O Centenário da Revolução Farroupilha foi celebrado por diversos setores da sociedade sul-rio-grandense. O IHGRS destacou-se por seu envolvimento em atividades intelectuais, como na organização do 1º Congresso de História Sul-Riograndense e na

³ Ao utilizar esta expressão, Elmir está se referindo à uma suposta “autonomia do objeto”, geralmente praticada por uma historiografia positivista. ELMIR, Cláudio Pereira. *A História devorada*. Nos rastros dos crimes da Rua do Arvoredo. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004, p. 23.

⁴ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007, p. 151.

⁵ O Rio Grande, vibrante de entusiasmo cívico assiste à passagem da data máxima do centenário da sua história. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 de setembro de 1935, p. 5. Esclarecemos que todas as citações documentais presentes neste texto preservam as características ortográficas e gramaticais, assim como as construções sintáticas originais.

publicação de dois volumes da sua revista, dedicados à Revolução Farroupilha; mas principalmente por sua participação no Comissariado Geral da Exposição do Centenário Farroupilha, ao lado dos representantes do governo do Estado do Rio Grande do Sul, da FARSUL e do Centro da Indústria Fabril.



Imagem 1 – Pórtico Monumental da Exposição do Centenário Farroupilha (Acervo da Faculdade de Arquitetura da UFRGS).

A Exposição [imagem 1] foi construída no espaço até então conhecido como “Campo da Redenção”, ou “Várzea do Portão”, dando origem ao atual Parque da Redenção. Percebemos pela imagem o investimento na transformação do espaço urbano para receber o evento. De acordo com o relatório apresentado ao governador Flores da Cunha⁶, mais de um milhão de pessoas visitaram a Exposição, que contou com 3.080 expositores⁷. A montagem dos pavilhões e estandes, e a participação dos estados brasileiros eram diariamente noticiadas pela imprensa porto-alegrense. Anúncios publicitários divulgavam produtos e serviços para a ocasião da Exposição, e

⁶ RELATÓRIO sobre a Exposição Farroupilha apresentado pelo Comissário Geral Major Alberto Bins ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Gal. J. A. Flores da Cunha. Porto Alegre: Globo, 1936, p.34.

⁷ CERONI, Giovani Costa. *A exposição do centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos jornais Correio do Povo e A Federação*. 2009. 162 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009, p. 78.

notas assinadas pelo prefeito Alberto Bins convidavam a população à visita. Poesias e crônicas celebravam o passado farroupilha, e edições especiais contavam a história da “gloriosa epopéia”, por meio da escrita e da imagem.

Segundo Ozouf, em estudo dedicado às celebrações da Revolução Francesa, a festa possui uma função pedagógica, pois, por meio desta, uma “história anual e comemorativa da Revolução” é ensinada “àqueles que não a conheceram diretamente”⁸. A autora constatou a importância atribuída aos jornais como “fundadores da memória de um povo”, apontando-nos que “o texto e a palavra são obstinadamente encarregados de reaver tudo”⁹. Pensando, então, sobre o papel dos jornais na rememoração do passado farroupilha, nos perguntamos: qual teria sido a Revolução que a imprensa quis “reaver” em sua narrativa?

O contexto comemorativo, em sua efemeridade, “se apresenta como reescritura da história e atualização do passado”, que “não remete somente a um fato, mas à sua interpretação”¹⁰. Comemorar, portanto, significa também *re-apresentar* “uma coisa ausente”¹¹, isto é, uma versão sobre o ocorrido, e não o acontecimento em si mesmo. A comemoração, ou a “rememoração social”, como aponta Silva¹², está sempre localizada e influenciada por um determinado tempo e espaço. Elaborada pelo presente, a memória de um evento pode ter muito mais a dizer sobre aqueles que criam, organizam e selecionam as lembranças, do que sobre o passado em questão. Assim, tendo a comemoração da Revolução Farroupilha – e não o evento que está sendo comemorado – como objeto, estaremos atentos aos significados atribuídos ao próprio presente, na medida em que este confere sentidos ao passado.

⁸ OZOUF, Mona. *A festa: sob a Revolução Francesa*. IN: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (Dir.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 219.

⁹ Ibid.

¹⁰ CUESTA, Josefina. *Historia del presente*. Madri: Eudema, 1993, p. 62. No mesmo sentido, Gonzáles aponta a importância das comemorações de “acontecimentos históricos relevantes”, por tratarem-se de ocasiões propícias para a elaboração de novas leituras e interpretações do passado que, em consonância com o tempo vivido, chegam às páginas dos periódicos como ideias e indicações de inquestionável interesse para os historiadores. GONZÁLES, Juan Sánchez. Sobre la memoria. El pasado presente en los medios de comunicación. *Historia Actual Online*, Cádiz, n. 4, 2004, p. 156. Disponível em: <http://www.historia-actual.org/Publicaciones/index.php/haol/article/view/51/52>. Acesso em: 21/04/2008.

¹¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990, p. 20.

¹² SILVA, Helenice Rodrigues. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 427.

Apoiados na perspectiva de Koselleck sobre a dinâmica do tempo histórico, compreendemos que a forma pela qual o presente observa o passado e o futuro, está relacionada à maneira como ele situa a si próprio no transcorrer do tempo. Analisando diferentes períodos da história europeia, o autor demonstrou como cada presente se relacionou com seus passados e futuros. Para o historiador, o tempo histórico não pode ser “cronologicamente mensurável”¹³, mas apreendido entre o que o teórico denomina como “campo de experiência” e “horizonte de expectativa”. A *experiência* seria “o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”¹⁴. A experiência acumulada no tempo não poderia, então, ser sucessivamente organizada em um calendário, ainda que datada. Sobre a *expectativa*, o autor afirma que também “se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto”¹⁵. Assim, partindo das categorias propostas por Koselleck, pretendemos refletir sobre a relação entre o presente que narrou o passado (farroupilha) e, possivelmente, projetou o futuro.

A memória, como nos lembra Lowenthal, é uma das formas pelas quais conhecemos o passado¹⁶. Através dela, o tempo transcorrido (irreversível) é recuperado pelo recurso da imaginação¹⁷. Portanto, ela deve ser compreendida não como o acúmulo de sucessivas experiências depositadas em um “arquivo”. Inventar, selecionar e esquecer, são algumas das ações operadas pelo presente, na criação de representações sobre uma determinada realidade, ou, como diz Catroga, na “re-presentificação”¹⁸ do passado. Chartier propõe que um dos sentidos da representação é o de ser “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como é”¹⁹. Cientes de que “as representações são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam”²⁰, disputam e classificam o mundo a favor da sua concepção de

¹³ KOSELLECK, Reinhard. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006, p. 311.

¹⁴ Ibid., p. 309.

¹⁵ Ibid., 310.

¹⁶ LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, novembro de 1998, p. 66.

¹⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 6: 1-8, 2006, p. 2. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1499.html>. Acesso em: 16/03/2010.

¹⁸ CATROGA, Fernando. *Memória e História*. In.: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). Fronteiras do Milênio. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 46.

¹⁹ CHARTIER, Roger. Op. cit., p. 20.

²⁰ Ibid., p. 16.

“realidade”, nos inquirimos sobre quais teriam sido as lutas implícitas (ou explícitas) na formulação do “real” sobre a Revolução Farroupilha. Quais interesses poderiam ter influenciado a narrativa que se criou na comemoração do seu primeiro centenário? Qual Revolução se quis então lembrar nas páginas dos jornais?

A memória – enquanto diálogo de um determinado presente com o passado –, exerce papel fundamental na construção identitária de um grupo, na medida em que assegura sua continuidade no tempo histórico. Atualizando o passado, o presente tem condições de conhecer (e reconhecer) a si próprio no tempo, de situar-se nele e de projetar-se no futuro, ou até de antecipá-lo. Neste sentido, buscamos compreender de que forma a rememoração da Revolução Farroupilha serviu de alicerce para o tempo presente²¹ em questão. Para tanto, perseguiremos os sentidos atribuídos à memória deste evento nas narrativas encontradas nos jornais.

Halbwachs diz que “não podemos pensar em nós mesmos, senão pelos outros”²². Este é o fundamento da noção cunhada pelo autor sobre a memória coletiva²³, prevendo que nenhuma memória, mesmo a mais pessoal, pode ser estritamente individual. Na sua concepção, nossas lembranças permanecem coletivas “mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos”, pois “temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”²⁴. Assim, as memórias individuais estão sempre apoiadas na memória coletiva de um grupo, que as confirmam, preenchem suas lacunas, confundindo-se com ela²⁵. Por outro lado, certas lembranças impessoais nos são conhecidas pelo exterior, isto é, porque ouvimos dizer, lemos no jornal, ou assistimos no teatro e no cinema determinada representação do passado²⁶. Esta memória, denominada pelo autor como “memória histórica”, caracteriza-se por

²¹ Neste caso nos referimos ao “tempo presente” não como o passado recente, ou a história imediata, mas ao que Gonzáles denomina como o “tempo da memória”, isto é, um determinado presente (distante ou próximo da nossa atualidade) que carrega em si um conteúdo de memória que, de acordo com o autor, “constitui o substrato identitário das diferentes sociedades, e a plataforma de lançamento em que estas sociedades se projetam para as incertezas do futuro”. GONZÁLES, Juan Sánchez. Sobre la memoria. El pasado presente en los medios de comunicación. *Historia Actual Online*, Cádiz, 2004, p. 153. Disponível em: <http://www.historia-actual.org>. Acesso em: 21/04/2008.

²² HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 20.

²³ Conforme aponta Cuesta, a classificação proposta Halbwachs tem sido expandida e dividida em categorias como “memória oficial”, “memória pública”, “memória culta” e “memória popular”. Tais categorias especificam e reconhecem a pluralidade do trabalho da memória. Ver: CUESTA, Josefina. *Historia del presente*. Madri: Eudema, 1993, p. 41-49.

²⁴ HALBWACHS, Maurice. Op. cit., p. 26.

²⁵ Ibid., p. 53.

²⁶ Ibid., p. 54 e 55.

estabelecer pontos de referência entre os membros de um grupo e não pode ser para o indivíduo senão algo como “sinais exteriores, aos quais ele não se relaciona a não ser com a condição de afastar-se de si”²⁷. Segundo Pollack, dentre os elementos que constituem a memória coletiva estão os acontecimentos “vividos por tabela”²⁸, ou seja, compartilhados por aqueles que não participaram diretamente do ocorrido, mas que guardam um sentimento de pertença pelo grupo que retém determinada memória. Conforme o autor,

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada²⁹.

Relativa às lembranças de um acontecimento vivido diretamente ou indiretamente, a memória coletiva está, então, atrelada ao sentimento de pertença que garante a coesão entre os membros de um dado grupo (familiar, político, de uma determinada região, etc.). Sobre a relação entre memória e identidade, Rousso, baseado na teoria da memória de Halbwachs, assinalou que,

(...) as representações do passado observadas em determinada época e em determinado lugar – contando que apresentem um caráter recorrente e repetitivo, que digam respeito a um grupo significativo e que tenham aceitação nesse grupo ou fora dele – constituem a manifestação mais cara de uma “memória coletiva”³⁰.

Neste sentido, aproximamos nossa reflexão ao conceito proposto por Halbwachs, com o intuito de melhor compreendermos as formas pelas quais a rememoração da Revolução Farroupilha contribuiu para a definição (e atualização) de uma identidade gaúcha. A identidade, conforme nos lembra Albuquerque Jr., “longe de ser uma construção pessoal ou privada, é uma elaboração coletiva e pública”³¹. Assim, partimos

²⁷ HALBWACHS, Maurice. Op. cit., p. 57.

²⁸ POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 201.

²⁹ Ibid., p. 201.

³⁰ ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 95.

³¹ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *Identidad como construcción pública*. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/academico/artigos.htm>>. Acesso em: 27/07/2009.

do pressuposto de que a imprensa porto-alegrense³² – guardada suas especificidades nos anos 1930 –, possivelmente tenha colaborado na socialização de imagens sobre a Revolução Farroupilha e sobre o gaúcho. De acordo com Rüdiger, as quatro primeiras décadas do século XX foram marcadas por um processo de transição no jornalismo sul-rio-grandense³³. Desde o início dos anos 1910, afirma o autor, o jornalismo político-partidário, até então predominante, concorreu com o jornalismo noticioso que surgia no Rio Grande do Sul e, nas duas décadas seguintes, perdeu progressivamente seu espaço para o jornalismo informativo. Os jornais partidários que não encerraram suas atividades adequaram-se às novas características de uma empresa jornalística em ascensão³⁴. Em se tratando de um processo de transição, as heranças da imprensa partidária não podem ser ignoradas, no entanto, como aponta Rüdiger, o público não se restringia mais aos leitores tradicionais, e era disputado pelas empresas³⁵.

Jornais são, desta maneira, a fonte mais importante da nossa investigação. Como já dissemos em outro momento, os veículos que pesquisamos foram *A Federação*³⁶, o

³² Ao longo desta pesquisa procuramos por uma bibliografia referente à história da imprensa no Rio Grande do Sul, no entanto percebemos a escassez de estudos dedicados a este assunto. Preocupado com esta questão, Steyer afirma que “existem muito poucos livros que procuram sistematizar a história da imprensa gaúcha”, sendo a obra *Tendências do jornalismo*, de Francisco Rüdiger, a principal referência sobre o tema. Encontramos neste livro uma periodização que contribuiu para pensarmos, de uma forma geral, sobre o contexto de produção das fontes aqui utilizadas. Porém, reconhecemos que um olhar detalhado para as questões particulares de cada empresa jornalística poderia ter apresentado outros problemas a serem considerados em nossa análise, não fosse à lacuna presente na historiografia do jornalismo impresso do Rio Grande do Sul e a impossibilidade de aprofundarmos uma investigação sobre esta questão específica no espaço de tempo disponível para realização deste trabalho. STEYER, Fábio Augusto. Reflexões sobre a história do jornalismo no Rio Grande do Sul: uma experiência de pesquisa. In: 1º ENCONTRO PR/SC DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2010, Guarapuava. Anais do 1º Encontro PR/SC de História da Mídia. Guarapuava: UNICENTRO, 2010, p. 2. Disponível em: <http://www.unicentro.br/historiadamidia/anais>. Acesso em: 12/11/2011.

³³ RÜDIGER, Francisco. A transição para a modernidade. In.: *Tendências do jornalismo*. _____ . Porto Alegre: EDUEFRGS, 1993, p. 72.

³⁴ Segundo Hohlfeldt, pode-se perceber já no final da década de 1860 a adequação do jornalismo partidário às demandas dos receptores, devido à introdução do conceito de *empresa jornalística* [grifo do autor], no Rio Grande do Sul. HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. *Revista da Associação Nacional dos Programas e Pós-Graduação em Comunicação*. v. 7, 2006, p. 5. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/issue/view/7>. Acesso em: 18/12/2011.

³⁵ De acordo com o autor, o consumo das novidades era incentivado pelas empresas noticiosas: “Os placards [grifo do autor] de notícias, montados nas fachadas dos escritórios, divulgavam os últimos telegramas recebidos, tornando-se ponto de convergência da população, chamada pelo tocar de uma sirene. Nas páginas dos periódicos, por sua vez, multiplicaram-se as seções especializadas (esporte, cinema, vida social) que respondem à diversificação do público e à modernização da sociedade”. RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Op. cit., p. 66.

³⁶ O jornal *A Federação* foi fundado em 1884 por membros do PRR, dentre eles, Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, Fernando Abott e Joaquim Francisco de Assis Brasil. Em 1932, após a cisão entre os membros do PRR e a criação do PRL, liderado por Flores da Cunha, em apoio ao governo central, *A Federação* passou a atuar como órgão oficial deste partido. Apesar da função política atribuída ao jornal,

*Correio do Povo*³⁷, o *Jornal da Manhã*³⁸ e o *Diário de Notícias*³⁹. Estivemos atentos às edições publicadas entre os meses de julho, agosto, setembro e outubro do ano de 1935. Mapeamos os conteúdos referentes à história e à comemoração da Revolução Farroupilha, e às figuras políticas daquele período, presentes em forma de textos e imagens.

Estivemos atentos ao fato de que o documento “não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”⁴⁰. A imprensa – muito embora possa ser (equivocadamente) compreendida como um reflexo da verdade sobre os fatos –, seleciona e constrói a realidade, sendo, ao mesmo tempo, influenciada e influente sobre ela⁴¹. Assim, tanto o incomum como o regular, podem passar despercebidos pelo olhar desorientado. Conforme sublinha Elmir, para que o jornal impresso possa ser considerado uma fonte de pesquisa histórica “jamais pode ser visto como um dado, a

em 1935, ele era composto pelas seções de “Assuntos Esportivos”, “Vida Social” e “Do teatro ao cinema”, dentre outras.

³⁷ Em 1885, Francisco Antônio Vieira Caldas Junior fundou o *Correio do Povo*, que, após sua morte, foi assumido pela então viúva Dolores Alcaraz Caldas. Em 1935, Breno Caldas, filho de Caldas Junior, assume a direção do jornal ao lado de sua mãe. Segundo Rüdiger, foi após o surgimento do *Correio do Povo* que se consolidou no Rio Grande do Sul “a concepção de que o jornalismo pode ser organizado como negócio”. RÜDIGER, Francisco. *Cotidiano, mídia e indústria cultural: modernidade e tradicionalismo, dos anos 1930 à atualidade*. In.: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coords.); GERTZ, René (dir.). República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985). v. 4. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2007, p. 356.

³⁸ Fernando Caldas, filho de Caldas Junior, fundou o *Jornal da Manhã*, em 1930, segundo Rüdiger, após ter brigado com seu pai na direção do *Correio do Povo*. Em 1931 o veículo foi vendido para Ângelo Flores da Cunha, irmão do então interventor federal, Flores da Cunha. O *Jornal da Manhã* apoiou o interventor sempre que possível. Pouco antes da saída de Flores da Cunha do governo do Estado, o jornal encerrou suas atividades, em 1937. RÜDIGER, Francisco. *Cotidiano, mídia e indústria cultural: modernidade e tradicionalismo, dos anos 1930 à atualidade*. Op. cit., p. 363.

³⁹ O *Diário de Notícias* foi fundado em 1925, por um grupo de intelectuais sul-rio-grandenses, sob a direção de Leonardo Truda e Raul Pilla, e com a colaboração de Adroaldo Mesquita Costa, Alcides Maia, Antão de Faria, Celeste Gobato, Darcy Azambuja e Maurício Cardoso. Em 1930, o jornal foi comprado por Assis Chateaubriand, passando a fazer parte do grupo *Diários Associados*. Segundo Grandi, foi graças a ajuda de Getúlio Vargas que Chateaubriand “plantou raízes no Rio Grande”. GRANDI, Celito De. *Diário de Notícias: o romance de um jornal*. Porto Alegre: L&PM, 2005, p. 32. Conforme Rüdiger, “o *Diário* era o segundo maior jornal do estado, dispondo de instalações que rivalizavam com as do *Correio do Povo*”. Segundo o autor, devido à paginação mais moderna e à linguagem menos convencional, o *Diário* tornou-se “o jornal dos segmentos urbanos mais cosmopolitas e, portanto, mais abertos a inovação”. RÜDIGER, Francisco. *Cotidiano, mídia e indústria cultural: modernidade e tradicionalismo, dos anos 1930 à atualidade*. Op. cit., p. 362.

⁴⁰ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 535-536.

⁴¹ Bourdieu, por exemplo, aponta as exigências do mercado externo, ao qual o campo jornalístico está sujeito; e, em contrapartida, a influência que este campo exerce sobre os demais campos (intelectual, jurídico, científico, político, etc.). BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 101.

partir do qual abstraímos os elementos de uma suposta realidade”⁴². Para tanto, o autor sugere que o pesquisador realize uma “leitura intensiva”⁴³ do jornal, que esteja atento à constância ou à inconstância de um dado discurso, e para a medida do deslumbramento e da desconfiança na interpretação⁴⁴.

Michel de Certeau, discorrendo sobre a “operação historiográfica”, nos fala sobre o “lugar social”⁴⁵ daquele que produz um discurso sobre o passado (o historiador). Tomaremos de empréstimo a ideia de “lugar social” para pensarmos o contexto de produção das narrativas sobre a Revolução Farroupilha, publicadas pelos jornais anteriormente citados. Ainda que a escrita sobre o passado sobre a qual nos debruçamos não seja a mesma referida pelo historiador, esta não deixa de ser uma escrita que atribui sentido a um determinado passado, a partir de um determinado lugar social no presente. Segundo o autor, “é em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam”. Da mesma forma pretendemos interrogar as escolhas praticadas por aqueles que escreveram para os jornais em questão – a começar pelo próprio “Jornal”, por ser uma instituição circunscrita por determinações próprias⁴⁶.

Por outro lado, determinados textos que serão analisados nesta dissertação foram assinados por intelectuais ligados ao IHGRS. Este dado requer que direcionemos a nossa atenção também para os debates ocorridos no campo intelectual durante o período estudado. De acordo com Sirinelli, os campos intelectual e político não devem ser compreendidos isoladamente, no que compete às primeiras décadas do século XX⁴⁷. Concordando com ele, Gomes adverte sobre os múltiplos “lugares de sociabilidade intelectual” – como jornais, revistas, editoras, associações –, e os mais diversificados

⁴² ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos de Estudos do PPG em História da UFRGS*. Porto Alegre, UFRGS, v. 13, 1995, p. 21.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Ibid., p. 23 e 24.

⁴⁵ CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65.

⁴⁶ Ibid., p. 65.

⁴⁷ SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In.: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 231-269.

públicos aos quais suas obras eram dirigidas⁴⁸. Assim, recorreremos à explicação da autora para pensarmos sobre o trabalho intelectual:

Intelectuais seriam “profissionais” da produção de bens simbólicos, essenciais à legitimação de regimes políticos modernos, cada vez menos afeitos ao uso da força. (...) O intelectual, como ator político do campo da cultura, é tratado com um personagem integrado a redes de sociabilidades diversas e com diferenciados formatos organizacionais, tendo tradições intelectuais também variadas. Dessa maneira, é preciso entender que o próprio perfil do historiador – um desses intelectuais – estava em aberto, sendo objeto de debates e disputas, tanto no que dizia respeito ao tipo de produto cultural que caracterizaria seu *métier* (em sua diversidade e hierarquia) quanto ao tipo de atividades profissionais e sociais que conviria a ele desenvolver para ser reconhecido como tal⁴⁹.

Tendo em vista a discussão apresentada até este momento, identificamos nosso trabalho com o projeto historiográfico defendido por Guimarães, voltado para a articulação dos domínios da “política, cultura histórica e uma história das formas de lembrar-se”⁵⁰. Concordamos com o historiador, quando este afirma que a forma pela qual o presente lida com o seu passado remete ao debate dos “usos políticos do passado”⁵¹, pois:

Revisitar o passado não pode ser desvinculado das demandas e exigências de um tempo presente e, nesse sentido, sua compreensão é também parte da inteligibilidade de uma cultura histórica que aciona experiências, imagens e atores do passado para uma contemporaneidade que busca nesse tempo que ficou para trás referências para imaginar o mundo em que vive⁵².

Neste sentido, pensar em uma cultura histórica implica considerar a maneira como uma sociedade administra o seu passado, ou, no “conjunto de fenômenos histórico-culturais representativos do modo como uma sociedade ou determinados grupos lidam com a temporalidade (passado-presente-futuro) ou promovem usos do passado”⁵³. Também, como prefere Le Goff, a cultura histórica pode ser compreendida como a

⁴⁸ GOMES, Ângela Maria de Castro. *A República, a história e o IHGB*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 27.

⁴⁹ Ibid., p. 26.

⁵⁰ GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca; SOIHET, Rachel (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 39.

⁵¹ Ibid. Faz-se necessário lembrar que Guimarães parte do conceito problematizado na seguinte obra: HARTOG, François; REVEL, Jacques (dir.). *Les usages politiques du passé*. Paris: Ed. Ehes, 2001.

⁵² GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. Op. cit., p. 39.

⁵³ ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca; SOIHET, Rachel (orgs.). Introdução. In: _____ (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Op. cit., p. 15.

“mentalidade histórica de uma época”⁵⁴, ou, “a relação que uma sociedade, na sua psicologia coletiva, mantém com o passado”⁵⁵. Esta relação está, pois, conectada com as demandas do tempo presente, como apontou Guimarães, o que nos faz pensar que a transposição do passado no presente é marcada pelos usos que o último faz do primeiro. Tais usos podem ser empreendidos por “indivíduos, grupos e movimentos sociais, bem como pela literatura, historiografia, mídia, poder público e ensino de história”⁵⁶.

Desta forma, tentaremos identificar quais foram as demandas que orientaram os usos e as reconstruções do passado (farroupilha) pela imprensa porto-alegrense. A produção de uma escrita sobre este episódio não pode, contudo, ser compreendida de forma isolada da construção do passado operado em âmbito nacional. De acordo com Gomes, durante as primeiras décadas do século XX estabeleceram-se novos parâmetros sobre a forma de narrar a história da nação⁵⁷. O desapontamento em relação à Primeira República e as esperanças depositadas na Revolução de 1930 apresentaram novas questões que se ocupavam em legitimar o regime que se pretendia instaurar. Ao historiador do IHGB coube, portanto, a tarefa de erguer um “passado comum” à nação, visando criar um “sentimento de patriotismo” e uma consciência coletiva”⁵⁸. Interessa-nos, pois, perceber de que maneira as narrativas analisadas atenderam as inquietações deste período e aproximaram o evento comemorado ao passado nacional.

Devemos ainda considerar o momento político vivido no Rio Grande do Sul e no Brasil, ou melhor, a relação política entre a região e a nação. Alguns estudos nos apontam faces do conflito entre o governador Flores da Cunha e o presidente Getúlio Vargas⁵⁹. Segundo Rangel, Getúlio Vargas, em 1934, já demonstrava certa indiferença em relação aos critérios regionalistas nas suas decisões, como exemplo, na escolha dos ministros e dirigentes⁶⁰. Para Love, Getúlio Vargas, “o regionalista que defendera a democracia liberal e o federalismo nos últimos anos da década de 20, havia-se tornado

⁵⁴ LE GOFF, Jacques. Op. cit., p. 48.

⁵⁵ Ibid., p. 47.

⁵⁶ ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca; SOIHET, Rachel (orgs.). Introdução. In.: _____ (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Op. cit., p. 16.

⁵⁷ GOMES, Ângela Maria de Castro. Op. cit., p. 24.

⁵⁸ Ibid., p. 79.

⁵⁹ Ver, por exemplo: ELÍBIO Jr., Antônio Manoel. *A construção da liderança política de Flores da Cunha: governo, história e política (1930-1937)*. 2006. 430 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

⁶⁰ RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. O governo de Flores da Cunha. In.: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coords.); GERTZ, René (dir.). Op. cit., p. 22.

um centralista e nacionalista de tipo autoritário”⁶¹. Apesar do dualismo presente na observação do autor, consideraremos, sim, que por um lado a ação centralizadora do governo Getúlio Vargas e, do outro, a estratégia regionalista de Flores da Cunha, acirravam o conflito entre ambos.

O projeto de nacionalização do governo getulista, para além da política, no sentido mais estrito do termo, teve repercussões em diversos setores da sociedade brasileira. Sem dúvida, os intelectuais – especialmente aqueles vinculados ao IHGB, e, na região sul, ao IHGRS – tiveram papel de destaque na tentativa de criação de uma unidade nacional, contribuindo para a escrita de um passado em comum para a pretendida nação. No Rio Grande do Sul, conforme demonstrou Oliven, a construção de uma identidade regional mediante a emergência do nacionalismo, foi marcada pela afirmação do seu pertencimento à nação⁶². Assim, tendo em vista os esforços para definição dos limites entre o regional e o nacional durante a década de 1930 – não apenas na sua dimensão política, mas também social e até cultural – objetivamos compreender como a narrativa da imprensa se inseriu neste debate, estando sempre atentos para as possíveis regularidades (ou discrepâncias) dos seus discursos.

A reflexão que encontramos em Koselleck orientou a estrutura desta dissertação. Inspirado nele, Catroga descreve o presente histórico como “um permanente ponto de encontro da recordação com a esperança”⁶³. Concordando com os autores, tentaremos perseguir a “recordação” (experiência) e a “esperança” (expectativa) em nossa análise, procurando compreender quais foram os sentidos atribuídos ao presente histórico em questão. No primeiro capítulo procuramos compreender quais foram os elementos priorizados nas construções narrativas que pretenderam explicar as origens da Revolução Farroupilha. Atentos aos sentidos atribuídos a determinados temas valorizados nos textos selecionados, buscamos perceber como a rememoração deste evento significou, também, o presente e o futuro do Rio Grande do Sul.

O segundo capítulo tratará da relação empreendida, pela narrativa, entre os personagens da Revolução Farroupilha e algumas figuras políticas do período,

⁶¹ LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975, p. 274.

⁶² OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 58.

⁶³ CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história*. Coimbra: Almedina, 2009, p. 16.

especialmente Flores da Cunha e Getúlio Vargas. Assim, buscaremos entender quais representações foram construídas sobre os heróis farroupilhas (experiência), e como as mesmas foram mobilizadas na construção das imagens dos líderes políticos daquela ocasião (expectativa). Assim, o objetivo do segundo capítulo foi perceber como a representificação dos farrapos – possivelmente nas imagens de Flores da Cunha, por exemplo –, criou expectativas sobre o futuro, ao menos político, do Rio Grande do Sul. Serão analisados artigos e reportagens que tragam em seu conteúdo referências sobre determinados personagens da Revolução Farroupilha, sobre a participação das lideranças políticas nas celebrações do Centenário Farroupilha, e sobre as suas atuações políticas.

Na terceira parte do nosso trabalho, discutiremos sobre como a questão do “ser” regional/nacional foi refletida nas escritas que abordaram a Revolução Farroupilha e as suas comemorações. Os textos analisados serão, inicialmente, os que procuraram pontuar as motivações do movimento e, em seguida, aqueles que buscaram compreender o presente através da leitura do passado farroupilha. Por fim, observando os textos que destacaram as comemorações do Centenário Farroupilha, pretendemos verificar quais foram as possíveis “esperanças” sobre a relação entre a região e a nação inscritas nas narrativas.

CAPÍTULO 1

EM BUSCA DAS ORIGENS E DOS DESTINOS DO RIO GRANDE DO SUL

“[...] o homem conta histórias como protesto contra a sua finitude. [...] Se ele soubesse sempre – como o sabe a deusa grega da memória – o que foi, o que é e o que será, não haveria nem recordação, nem atitudes de espera, nem necessidades de se deixar marcas que as solicitassem. Porém, como nesse trilho se revela a consciência da morte e da sua repulsa, o significado das pegadas de quem passou é inseparável das interrogações que elas colocam a quem vem”⁶⁴.

As representações, para além de um reflexo da realidade, devem ser compreendidas como partes constituintes do real, como assinalaram Bourdieu⁶⁵ e Chartier⁶⁶. Sobre este tema, Pesavento também afirmou que as representações traduzem em “imagens e discursos”⁶⁷ o que é imaginado sobre o real. A oposição entre a realidade e a representação foi discutida por Bourdieu, em artigo publicado na década de 1980⁶⁸. Elucidando como a ideia de região foi construída pelas ciências sociais, o autor chamou a atenção para as classificações e demarcações operadas pelo trabalho intelectual. Neste sentido, Bourdieu propôs que tal oposição fosse superada dentro do próprio campo das ciências sociais, através do reconhecimento de que as ciências também participam nas “lutas das representações”⁶⁹ que ordenam o real.

Tendo em vista tais apontamentos, tentaremos identificar neste capítulo quais foram os elementos que contribuíram na *re-apresentação* da Revolução Farroupilha na oportunidade da comemoração do seu centenário, bem como os sentidos atribuídos ao presente na rememoração do passado. Para isto nos valem as edições dos jornais *A Federação*, *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *Jornal da Manhã*, publicadas no mês de setembro de 1935, e, no caso do último, de um artigo datado de outubro do mesmo

⁶⁴ CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história*. Op. cit., p. 7.

⁶⁵ BOURDIEU, Pierre. L’identité et la représentation: elements pour une reflexion critique sur l’idée de region. *Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris, vol. 35, novembro de 1980.

⁶⁶ CHARTIER, Roger. Op. cit.

⁶⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. Op. cit., p. 383.

⁶⁸ BOURDIEU, Pierre. Op. cit.

⁶⁹ Ibid., p. 65.

ano. No conjunto de matérias encontradas, estivemos especialmente atentos aos conteúdos que abordaram a história da epopeia.

A partir da leitura dos textos que pretenderam definir as causas do movimento farroupilha, notamos que a busca pelas origens deste evento preocupou-se em identificar quais foram os elementos que prepararam no Rio Grande do Sul as condições para a realização da revolução. Neste sentido, aproximaremos determinados conteúdos apresentados pelos artigos selecionados a fim de entendermos quais foram os sentidos construídos sobre o episódio farroupilha. Em seguida, tentaremos compreender como o presente percebeu-se em relação ao passado farroupilha, e, a partir disso, identificarmos de que forma as narrativas projetaram o futuro da região.

1.1 A narrativa como um elo entre o passado e o presente

Benedict Anderson, em estudo dedicado à formação do sentimento nacional, demonstrou que as comunidades nacionais se distinguem pela forma como são imaginadas⁷⁰. Conforme apontou o historiador, o censo, o mapa e o museu – compreendidos como “três instituições de poder”⁷¹ –, criaram imagens dos Estados coloniais que, posteriormente, fundamentaram as construções das nações independentes, ao menos nos casos da África e da Ásia, analisados pelo autor.

A questão que perseguimos neste trabalho não está relacionada ao modo como uma nação foi imaginada, mas dois pontos nos interessam em Anderson. Primeiramente, a ideia de que a criação de uma comunidade passa pelo domínio da imaginação, e não da invenção – se esta for compreendida como falsificação⁷². Sabemos que um conceito automaticamente transportado de um estudo para outro, pode causar prejuízos de análise. No entanto, se ampliarmos a concepção de *comunidades imaginadas* a outros grupos, considerando suas especificidades, talvez possamos perceber outros horizontes de interpretação. Assim, vemos na abordagem de Anderson

⁷⁰ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 33.

⁷¹ Ibid., p. 227.

⁷² Crítico dos trabalhos de Ernest Gellner e Eric Hobsbawm, Anderson sublinha que a noção de “invenção” sobre o nacionalismo, supõe que “existem comunidades ‘verdadeiras’ que, num cotejo com as nações se mostrariam melhores”. Ibid., p. 33.

uma inspiração para pensarmos sobre como o Rio Grande do Sul foi imaginado, enquanto região, na narrativa sobre a Revolução Farroupilha. Em segundo lugar, a preocupação do autor em relação à imaginação do território que uma comunidade ocupa, nos faz indagar sobre como o território em que ocorreu o episódio farroupilha foi “resgatado” na ocasião do seu primeiro centenário. Não nos debruçaremos aqui, no estudo das relações entre o mapa e o poder, como fez Anderson quando tratou do nacionalismo no caso do Sudeste Asiático. Porém, o destaque atribuído ao elemento territorial em alguns textos encontrados nos jornais, requer que estejamos atentos a este aspecto da narrativa. Deste modo, tentaremos compreender como este elemento foi inscrito nas representações sobre o sul-rio-grandense.

Em 20 de setembro de 1935, o jornal *Diário de Notícias* publicava a Edição Comemorativa do Primeiro Centenário da Revolução Farroupilha. Dentre os textos de maior destaque desta edição, está o artigo escrito por Francisco de Assis Brasil⁷³ intitulado “*As causas da Revolução Farroupilha*”. Neste artigo, o autor percorreu as “origens” da formação do Rio Grande do Sul, com o intuito de apresentar as características que, em sua opinião, possibilitaram a realização da Revolução Farroupilha. Dentre os aspectos abordados, chama atenção a correspondência estabelecida em seu argumento entre as condições físicas do território sul-rio-grandense e a constituição do gaúcho:

*Ninguém pode hoje desconhecer a eficaz influencia que sobre um povo [grifo nosso] exerce o conjunto de circunstancias fisicas que o rodeiam: o meio cosmico [grifo nosso]. E, si esse fato não assumisse já o carater da lei aceita e proclamada, seria assim ainda de grande proveito o exemplo do Rio Grande, onde os habitos e as tendencias dos habitantes desde logo sensivelmente se adaptaram a natureza especifica do meio*⁷⁴.

Neste sentido, Assis Brasil iniciou sua escrita desenvolvendo uma descrição da geografia do Estado, com a intenção de identificar a constituição do “povo” que habita o “*meio cósmico*” do Rio Grande do Sul. Destacando os aspectos do relevo, do clima e

⁷³ Colaborador na fundação do PRR (1882), do PRD (1908) e, posteriormente, do PDN (1927). Em 1935, Assis Brasil não ocupava nenhum cargo político, mas permanecia como um nome de reconhecida influência política no Estado. Seu artigo teve posição de destaque na Edição Comemorativa do Primeiro Centenário da Revolução Farroupilha, contando com duas páginas, a primeira ilustrada com a imagem de Antonio de Souza Neto.

⁷⁴ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. *As causas da Revolução Farroupilha. Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 de set. de 1935, p. 8 (Edição Comemorativa do Primeiro Centenário da Revolução Farroupilha). Os grifos presentes nesta citação, assim como nas subsequentes, são de nossa autoria.

da vegetação, sua narrativa procurou apontar os fatores ambientais que “moldaram” a forma de *ser* do gaúcho, fazendo-o “capaz” de realizar o episódio farroupilha, como podemos observar:

*Datava de pouco mais de um seculo a existencia da provincia, e é verdade que esse tempo é nimamente estreito para a realização dum fato desta ordem, que regularmente exige o curso de muitos seculos; por isso mesmo é preciso, para conciliar os principios com a realidade, considerar as propriedades e condições energicas do meio em que a nova população se formou e as **disposições particulares** para afeiçoar-se a esse meio que os elementos constitutivos dela ofereciam. Um fato que ressalta a minima observação é que nesse trabalho a ascendencia da natureza ambiente sobre a população foi muito pronunciada. Todos os **caracteristicos peculiares do povo**, todos os seus habitos e o proprio tipo de constituição fisica estão na mais rigorosa correlatividade com as circunstancias particulares do meio⁷⁵.*

Os fatores climáticos característicos do Rio Grande do Sul aparecem na narrativa como responsáveis pela formação física do próprio gaúcho. Deste modo, o autor concluiu que as baixas temperaturas ocorridas no Estado teriam aproximado a “*fibra do habitante*” às supostas peculiaridades da “*raça branca*”. Por outro lado, este fator foi apontado como uma singularidade do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil:

*A posição astronomica da provincia torna o seu clima demasiadamente frio, e a natureza do solo completamente desabrigado para as bandas dos mares do sul e das regiões abertas e planas dos Pampas, ainda mais agrava esta circunstancia, fazendo com que ela seja facil e constantemente visitada pelos ares quasi gelados da visinhanças do polo. Esta temperatura imprime um tom especial a fibra do habitante. Os povos que habitam paizes frios, quando este fenomeno não é levado a excesso, ostentam em geral organização rigida e forte a adquirem maior agilidade e persistencia para os labores da vida. A **raça branca** particularmente apresenta estes resultados; nem é outra a explicação de grande parte dos meritos da raça saxonica e das que tem com ela afinidade ou são ramos seus. No Brasil são sensiveis e bem conhecidas as diferenças que as varias temperaturas vem estabelecendo do equador para o sul, mas em parte alguma elas se refletem tão frisantes como no Rio Grande, onde alias outras causas, como iremos vendo, se combinam com esta para construir um **tipo especial**⁷⁶.*

Na visão do autor, as oscilações na temperatura – fenômeno típico das regiões cujo clima predominante é o subtropical –, criaram um “*tipo especial*” no habitante desta região, por conferir-lhe “*agilidade e persistência*”, atributos que o preparavam

⁷⁵ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

⁷⁶ Ibid.

para as situações da guerra:

*Mas o frio não é permanente. No verão, cessando as repetidas deslocções da atmosfera, reina de ordinario com as grandes calmarias um calor abafadiço e aflitivo. Em razão da pureza atmosferica, os raios do sol, tornam-se por vezes tão ardentes como se não caissem obliquos sobre a terra. Este contraste do frio e do calor, ambos levados a um grau exagerado, acostumam o individuo que suporta tal alternativa a resistir com igual valor a sorte de interperios. [...] É um soldado excelente, no qual não é mais admiravel a coragem com que carrega sobre o inimigo do que a constancia com que resiste as hostilidades da natureza*⁷⁷.

Considerando que a identidade, como lembra Albuquerque Jr., é “elaborada na relação com o outro, no conflito e aproximação com o seu diferente”⁷⁸, observamos nesta narrativa a figuração de uma imagem para o gaúcho, em relação a um *outro*, neste caso, os brasileiros. A delimitação e a classificação – artifícios empregados no processo de conformação identitária –, parecem, a nosso juízo, operar na escrita de Assis Brasil, na medida em que, definindo o espaço do Rio Grande do Sul, o gaúcho foi sendo representado. Na visão do autor, assim como o clima, a vegetação fez do território sul-rio-grandense uma exceção na paisagem brasileira:

*[...] A vegetação acompanha esta variabilidade. Não há no Rio Grande a **luxuriante monotonia** do mundo vegetal que se observa nas regiões intertropicais do Brasil. O solo de nenhuma das outras provincias brasileiras pode ser equiparado ao do Rio Grande, cuja natureza e conformação o tornam, relativamente ao resto do pais, o que se pode chamar – **um mundo a parte***⁷⁹.

Portanto, compreendendo o Rio Grande do Sul não como integrante do Brasil, mas como um “*mundo a parte*”, as características físicas do território do Estado foram resgatadas no texto como uma forma de distinção entre a região e a nação. Em conformidade com tal enunciação, o autor distingue – de forma curiosa – a dessemelhança entre o sul-rio-grandense e os habitantes de outras regiões do país, no que confere aos diferentes costumes alimentares, que, na visão do autor, determinam a formação dos indivíduos de cada região. Diz Assis Brasil que a “*alimentação no Rio Grande é solida, succulenta, abundante e absolutamente exempta de principios nocivos á*

⁷⁷ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

⁷⁸ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *Identidad como construcción pública*. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval>>. Acesso em: 27/07/2009, p. 1.

⁷⁹ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

saúde”⁸⁰. Distinguindo os hábitos tidos como comuns entre os gaúchos da alimentação supostamente própria da região norte do país, o autor afirma que: “Os farinaceos, em geral, teem uso quasi nulo. A propria farinha de mandioca, que se fabrica em grande quantidade, é consumida em grau muito inferior ao das provincias do norte”⁸¹. Em contrapartida, o “farto” consumo da carne de gado foi ressaltado como um hábito típico desta região:

*Come-se carne, e da melhor, da mais fresca e substancial. O gado vacuum é tão abundante, existe espalhado por toda a provincia com tão grande prodigalidade – que é indistintamente do rico e do pobre este otimo alimento. A carne sangrenta é devorada com o melhor dos appetites; um pedaço dela lançado descuidadosamente sobre o fogo e apenas tostado – eis o genuino “churrasco”, esse tipico manjar do gaúcho. Depois de cada refeição e a toda hora, ingerem-se, uma após a outras, algumas duzias de cuias de mate amargo, “chimarrão”. As propriedades digestivas diureticas e sudorificas do mate completam o que a carne começou. Um forte vigor expansivo transmite-se ao corpo inteiro, e o pensamento, como toda a função participa da agilidade dos orgãos*⁸².

Com o intuito de fundamentar sua tese – de que o chimarrão e o churrasco influenciam a constituição do “corpo” humano –, o autor faz referência a estudos baseados na alimentação das populações europeias, sugerindo uma similitude com os hábitos dos ingleses:

*A ciencia moderna proclama unanimamente a importancia que se deve ligar a alimentação como factor sociologico. Já Dr. Mattrie, alegre filosofo, companheiro e amigo do grande Frederico, exaltava as virtudes, o poder enorme que há numa reação, e atribuía o carater particular dos ingleses ao seu habito de comer carne sangrenta. Com bases mais racionais Taine sustenta esta mesma opinião, o Buckle a expõe e justifica plenamente com a sua eloquente clareza habitual. No Rio Grande o fato se deu de maneira a produzir o mais energicamente possivel os seus efeitos. Quando a provincia se povoou, já estava atestada de gado, que sempre, até hoje, excedeu em muito as necessidades do consumo, determinando uma consideravel exportação. [...] A facilidade que havia para a ação continua desse poderoso agente – alimentar-se – explica a rapidez com que os seus efeitos se manifestaram*⁸³.

A aproximação encontrada com os ingleses não foi evidenciada em relação aos

⁸⁰ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

⁸¹ Ibid.

⁸² Ibid.

⁸³ Ibid.

nordestinos⁸⁴. Conforme podemos observar no trecho a seguir, o autor procurou fazer crer que os alimentos consumidos em outras regiões, – ao contrário do que foi descrito no caso do Rio Grande do Sul –, destinaram a população destes territórios a condições inferiores, quando comparadas ao gaúcho:

*Nas provincias do norte, no Ceará e no Piauí, por exemplo, encontra-se tambem com larga fartura o alimento animal, mas os seus feitos serão fatalmente diversos operando num clima quasi invariavelmente torrido e sobre o [ilegível] devorador de farinha, de [ilegível] e irritantes. Neste sentido a comparação mais lucida que se pode estabelecer é entre o caipira de São Paulo e o gaúcho do Rio Grande. O caipira que se alimenta em geral de feijão, farinha de milho e café, apresenta um aspecto valetudinário, tez baça, olhar frouxo e amortecido e curvo, amarelo, desdentado. O gaúcho é robusto, corado e musculoso, tem o olhar irrequieto e penetrante, os dentes alvos e fortes, recta a espinha dorsal, o colo solidamente plantado sobre os ombros atléticos*⁸⁵.

Acreditamos, assim, que, ao diferenciar a constituição física destes grupos, a presente narrativa criou fronteiras que separam o *eu* (gaúcho) do *outro*. O gaúcho “robusto, corado e musculoso”, de “olhar irrequieto e penetrante”, “dentes alvos e fortes”, é imaginado, desta forma, como a negação do “caipira” – de “aspecto valetudinário”, “olhar frouxo e amortecido”, “curvo, amarelo e desdentado”. Ainda com o intento de discriminar as qualidades do gaúcho, Assis Brasil sugere que determinadas aptidões morais são intrínsecas ao caráter do mesmo, devido às propriedades da vegetação no solo do Rio Grande do Sul:

*O aspecto do solo, bem como o genero de suas produções, atua tambem de modo decisivo não somente sobre a constituição fisica do individuo, mas principalmente sobre os seus atributos morais. Assim, o habitante do mato é geralmente acanhado e pouco espirituoso, como que participe da natureza sombria que o cerca. Garibaldi, quando fazia sua aprendizagem nas armas, servindo a Republica Rio-Grandense, teve ocasião de notar, na terrivel retirada pela serra das Antas, que os moradores daquelas florestas eram quasi todos antipaticos a causa republicana e principalmente **traíçoeiros e covardes**, agredindo de emboscadas e fugindo após o golpe insidioso.*

⁸⁴ É importante ressaltarmos que a demarcação da região Nordeste e, portanto, do nordestino, era algo recente nos anos 1930. De acordo com Albuquerque Jr., foi na década de 1910 que se iniciou a construção das imagens que ainda hoje são reservadas ao Nordeste. Para o historiador “políticos, jornalistas, escritores, poetas, pintores, historiadores, sociólogos, folcloristas, vão articular toda uma produção cultural em torno desta ideia de Nordeste, tornando este espaço visível e divizível, tornando esta designação um conceito em torno do qual se articulam demandas econômicas e políticas e se elabora um conjunto de narrativas e de símbolos que o vão definir”. ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 100.

⁸⁵ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

Esta observação do grande general, que se encontra em suas “Memorias”, é muita exata e de grande alcance. O homem do mato não pode ter as mesmas ideias e muito menos os mesmos sentimentos que tem o da campina. Na campina, ainda aqueles que teem tendencia inata para a traição não a podem exercer facilmente. Nas brenhas escuras, pelo contrario, o proprio aspecto da natureza acorda no homem o germen, o prurido das inlinações perversas.

O valor do espirito aumenta a medida que este mais desafogado e livre se pode exercer, e nada o enche tanto duma grave alegria e da consciencia da propria força e grandeza como um grande quadro, uma vasta perspectiva ampla e risonha da natureza. As verdes campinas imensas do Rio Grande, já pondo de parte outros resultados, devem ter sido, só pelo seu aspecto e beleza, uma força impulsora de grande monta, contribuindo para dar a alma dos seus habitantes a tempera excelente de que ela é feita⁸⁶.

Notamos que a narrativa intenta, novamente, contrapor a imagem do *eu* (gaúcho) em relação a um *outro* – exterior –, ressaltando, a partir das diferenças ambientais, supostas disparidades na configuração “espiritual” – que poderíamos deduzir como psicológicas –, entre ambos. O predomínio das “verdes campinas” é associado, então, ao que o autor considera como sendo atributos inerentes ao homem desta região, em contradição à descrição realizada sobre os “habitantes do mato”. Em desconformidade com a “alma” do homem da campina, os homens que vivem entre as “brenhas escuras” são definidos como predispostos à traição e à covardia, além de acanhados e pouco espirituosos. Talvez possamos inferir que provavelmente Assis Brasil fazia referência às regiões onde se verificava o predomínio de florestas fechadas, em contradição à região sul. Percebemos, portanto, na depreciação do *outro*, a vontade de afirmar o gaúcho⁸⁷.

Tendo em vista que, para o autor, as “causas” da Revolução Farroupilha justificam-se pelas consequências que a composição física do Rio Grande do Sul gerou na formação do gaúcho, compreendemos que, ao tentar demonstrar as condições desfavoráveis em que os habitantes de outros territórios vivem, o autor procurou enunciar que não poderia ter ocorrido em outro lugar do país um episódio equivalente ao farroupilha. Assim, pensamos que na medida em que sua narrativa demonstra a

⁸⁶ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

⁸⁷ Neste mesmo sentido, Pesavento, analisando a obra “História do Rio Grande do Sul para o ensino cívico” (1898), de João Maia, verificou que para “fazer compreender a performance gloriosa da história gaúcha e a maneira exemplar de ser dos filhos da terra, em tudo melhor que os outros”, o autor interrompeu a narrativa para delinear o “tipo rio-grandense”. PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do sul profundo*. In.: Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004, p. 228.

“superioridade” do gaúcho diante das demais regiões do Brasil, confere, também, um sentido de excepcionalidade para este evento⁸⁸.

O determinismo geográfico foi também expressado no artigo de Fernando Callage, denominado “*O drama épico de 1835*”. No entanto, na narrativa deste autor a geografia do Estado foi interpretada não como um fator de distanciamento em relação ao “todo”, mas, ao contrário, para ele o gaúcho surgiu como o defensor das fronteiras:

*A formidável luta não se fez esperar, pois. Mesmo porque um **povo livre**, educado nas lides seculares da guerra, na permanente **defesa do território nacional**, tendo por cenário os horizontes sem fim, as savanas intermináveis, aquela **liberdade de agir em pleno escampo**, de pensar sem rodeios e vacilações, sem peias que o amarrem, sem laços que o sufiquem, acharia mesmo doçura nos entreveros sangrentos das batalhas. Não é que o rio-grandense seja, por instinto atávico, um sanguinolento, mas é que as guerras que o destino implacável fez-o sustentar contra os hespanhoses, contra os cisplatinos, contra todos aqueles que invadiam o seu solo, fez-o um belicoso, um amante das armas. Lutar, vencer batalhas, era o seu mais forte imperativo, a sua mais alta vocação, porque a **fatalidade geográfica** e o **espírito de fronteira**, haviam o educado para isso*⁸⁹.

Conforme já foi apontado por Pesavento, a posição adquirida pelo Rio Grande do Sul na defesa da fronteira do Brasil constituiu um dos “componentes básicos para postura ufanista⁹⁰”, entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. O autor em questão parece estar de acordo com tal postura, pois dentre os elementos de sua narrativa, destaca-se a alusão realizada à “defesa do território nacional”, por parte do “*povo livre*” do Rio Grande do Sul. A relação estabelecida na escrita de Callage entre “*os horizontes sem fim*” e a “*liberdade*” de agir e pensar do sul-rio-grandense, também nos remete ao estudo desenvolvido pela referida historiadora. Analisando a obra “*A formação do Rio Grande do Sul*” (1927), de Jorge Salis Goulart, a autora evidenciou que “o meio natural, de campo aberto e de fronteira” foi asseverado como “o

⁸⁸ Os argumentos elencados por Assis Brasil no texto analisado já haviam sido divulgados na obra *República rio-grandense*, em 1882. Sobre esta obra, Lazzari destaca que as características atribuídas ao sul-rio-grandense – que o tornava distinto dos “tipos das demais províncias brasileiras” –, estavam diretamente relacionadas à Revolução Farroupilha. Conforme o autor, “a força e a natureza da rebelião que eclodiu na província se deveriam à formação deste ‘tipo vigoroso e sólido’, orgulhoso da superioridade da terra que lhe permitia total independência e autonomia, formado em gerações que cumulativamente sofreram os efeitos do meio natural”. LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: letrados, identidade gaúcha e nacionalidade* (1860-1910). 2004. 363 p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004, p. 221.

⁸⁹ CALLAGE, Fernando. O drama épico de 1835. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 3.

⁹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do sul profundo*. Op. cit., p. 228.

destino manifesto para a defesa da pátria e da liberdade”⁹¹. Além disso, podemos inferir que ao encontro do que foi interpretado no discurso de Assis Brasil, este autor percebe no gaúcho uma predisposição à guerra, explicada pelo fator geográfico.

Chama-nos a atenção no trecho acima transcrito, o teor utilizado por Callage para referir-se à localização geográfica do Estado – “*fatalismo geográfico*”. A mesma expressão foi encontrada nas palavras de Russomano⁹², como podemos observar:

*E o nosso estado só terá proveitos, nessa unanimidade de desejos, porque, apesar dos naturais tropeços de uma viagem, num época de aglomeração, os visitantes terão ensejo de observar o grão de intensidade a que atingiu a nossa civilização, que tem um dos extremos, no Brasil e o outro – **para que negarmos essa fatalidade geographica?** – no Estado Oriental*⁹³.

Tais referências à “fatalidade geográfica” e ao Estado Oriental, nos remetem ao debate historiográfico ocorrido no período, sobre as relações entre os farroupilhas e as Repúblicas do Prata⁹⁴. Ainda que os autores dos artigos aqui citados não tenham feito menção direta à Revolução Farroupilha ao tratar deste tema, devemos considerar que, sem dúvida, esta questão influenciou em alguma medida suas escritas, já que ambos salientaram as fronteiras territoriais que separam o Rio Grande do Sul e a região platina⁹⁵.

⁹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do sul profundo*. Op. cit., p. 229.

⁹² Victor Russomano formou-se na faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e na Faculdade de Direito de Pelotas. Foi membro do IHGRS e da Academia Rio-Grandense de Letras. MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978, p. 511.

⁹³ RUSSOMANO, Victor. Os farrapos, pioneiros do constitucionalismo republicano no Brasil. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p (Edição Farroupilha).

⁹⁴ Ver, sobre o tema: GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992. SCHEIDT, Eduardo. O processo de construção da memória da Revolução Farroupilha. *Revista de História*. São Paulo, USP, n.147:189-209, 2002.

⁹⁵ É importante ressaltarmos os trabalhos que já refletiram sobre este tema, para que possamos compreender estas narrativas em um quadro de referências mais amplo. Letícia Nedel, por exemplo, observa que “(...) as relações do Rio Grande do Sul com as repúblicas vizinhas foram descritas pela historiografia da década de 30 até muito depois da queda de Getúlio Vargas, como se houvesse um antagonismo devido ao ‘dever premonitório’ de parte dos sul-rio-grandenses em defender o que viria a ser a pátria brasileira”. NEDEL, Letícia Borges. *Um passado novo para uma história em crise: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. 2005. 335 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2005, p. 66-67. Acrescenta-se a este debate, a polêmica sobre o termo “gaúcho”. Conforme a historiadora, as teses entregues ao Congresso do IHGRS, em homenagem ao Centenário Farroupilha, distinguiram “um gaúcho do outro”. Por um lado os autores desqualificavam o gaúcho do *pampa platino*, – “habitado por bandoleiros a serviço de caudilhos” –, e por outro, atribuíam um “sentido nobre” ao gaúcho habitante do estado brasileiro – “decorrência da extração social ‘superior’ das elites locais”. Ibid., p. 67-68. A oposição entre a formação social platina e a sul-rio-grandense foi também constatada por

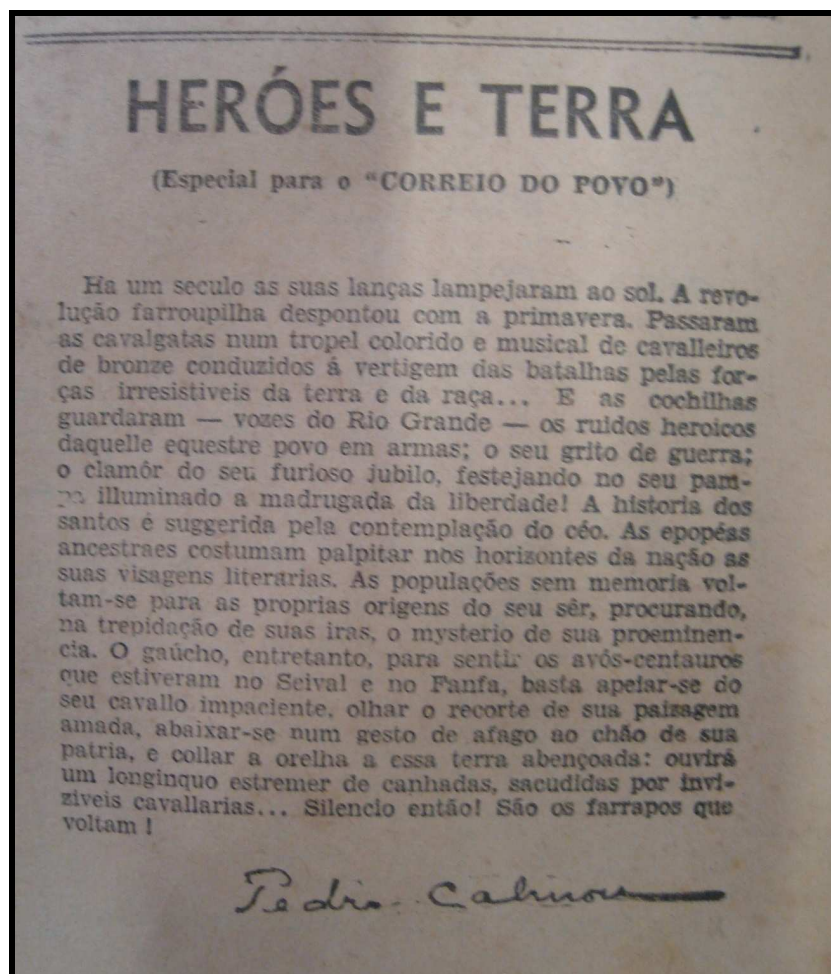


Imagem 2 – Nota publicada pelo jornal *Correio do Povo*. Heróis e Terra. Porto Alegre, 20 de setembro de 1935, 2ª seção, s/p. (AHPAMV)

Callage, como Assis Brasil, escreveu sobre uma suposta propensão presente nos habitantes deste território para a guerra. Em expressões como “soldado excelente”⁹⁶, ou “luctar, vencer batalhas”⁹⁷, estes autores criaram imagens de um gaúcho guerreiro e valente. Também em Calmon, em artigo intitulado “*Heróis e Terra*” [imagem 2], percebemos a referência a esta “vocação”:

Mara Rodrigues, em análise da obra de Moysés Vellinho: “Contrastando o gaúcho platino ao rio-grandense, Vellinho buscou provar que, apesar de um meio físico semelhante e de uma mesma contingência de conflitos fronteiriços, os fatores raciais e sociais haviam tido enorme peso na distinção dos dois tipos sociais em questão”. RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. Op. cit., p. 175. Conforme a historiadora, Vellinho alegava que devido a predominância do “sangue branco” na formação étnica da população, o caudilhismo e a oposição entre o campo e a cidade não ocorreram no Rio Grande do Sul, fatores estes que o diferenciavam das demais regiões do Prata. Ibidem. Neste caso a autora se referia a obra “*Capitania d’el Rey: aspectos polêmicos da formação rio-grandense*”, escrita na década de 1950. Apesar da publicação ser posterior ao ano de 1935, vale a pena relacionarmos a observação de Mara Rodrigues, pois as principais ideias do autor a respeito da identidade sulina foram forjadas entre os anos de 1925 e 1964. Ibidem, p. 13.

⁹⁶BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

⁹⁷ CALLAGE, Fernando. O drama épico de 1835. Op. cit., p. 3.

*Ha um seculo as suas lanças lampejaram ao sol. A revolução farroupilha despontou com a primavera. Passaram as cavalgadas num tropel colorido e musical de cavalleiros de bronze conduzidos á vertigem das batalhas pelas **forças irresistíveis da terra e da raça...** E as cochilhas guardaram – vozes do Rio Grande – os ruidos heróicos daquelle eqüestre **povo** em armas; o seu grito de guerra; o clamor do seu furioso jubilo, festejando no seu pampa illuminado a madrugada da liberdade!⁹⁸.*

As palavras do autor sugerem que a Revolução Farroupilha surgiu com a mesma naturalidade com que iniciam as estações do ano – “a revolução farroupilha despontou com a primavera” –, fazendo crer que não haveria outro destino para as “*forças irresistíveis da terra e da raça*”, senão o das batalhas.

A composição da terra e do seu ambiente, nos termos empregados nas escritas consideradas até o presente momento, confundem-se com a do próprio homem⁹⁹. Logo, a terra – que fez o gaúcho “superior” aos *outros* – funda um elo entre os tempos históricos, aproximando, a nosso ver, o passado do presente, e atualizando-o no sentimento de comemoração, conforme podemos inferir no artigo “*As causas da Revolução Farroupilha*”:

*[...] Quem nasceu e viveu nessa terra, em que a propria natureza tem singular aspecto de macula generosidade, não pode deixar de ama-la com amor fanatico: já se tornou proverbial a adoração do riograndense pelo seu torrão natal, o orgulho muitas vezes imprudente, porem sempre naturalissimo, com que ele a coloca acima de todas as provincias irmãs. Há terras assim, que exercem tal influencia sobre seus filhos, que se chega a identifica-los da adaptação do **povo** a este conjunto de circunstancias ambientes nasce para ele uma natureza correspondente.*

O carater riograndense teve essa origem. E' pois, em primeiro lugar, na natureza fisica, no conjunto de circunstancias que constituem o meio cosmico – que se encontra a primeira razão, a causa inicial, não direi só da revolução, mas tambem do modo de por que ela se efetuou. Para fazer ressaltar a sansão deste asserto – bastará combinar as circunstancias primordiais entre si e depois com os fatos supervenientes que com elas vieram entrar em colaboração¹⁰⁰.

⁹⁸ CALMON, Pedro. Heróis e Terra. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p, (2ª seção).

⁹⁹ Refletindo sobre a “invenção do gaúcho”, Pesavento afirmou que a “articulação personagem-paisagem” foi um dos elementos que construíram o caráter mítico do gaúcho, identificando-o com uma “dimensão rural”, onde ele é compreendido como “personagem-símbolo da região”: “Monarca das coxilhas, centauro dos pampas, ele é algo que mistura o componente selvagem, de exacerbação permanente, com a altivez inata de quem habita imensidões sem fim. As coxilhas estendem-se na paisagem sem limites do pampa, da mesma forma que o seu habitante é um ser criado sem restrições”. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do sul profundo*. Op. cit., p. 228.

¹⁰⁰ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

Notamos que as palavras de Assis Brasil conferem sentimento à terra – que é “generosa” –, e o dever aos seus “filhos” de “ama-la”. Talvez possamos aquilatar que os sentidos atribuídos por este autor ao passado farroupilha, tenham incidido sob o presente que comemorava o centenário da revolução, uma vez que a origem do gaúcho foi encontrada na terra – a mesma terra em que viveram os heróis farroupilhas. Associamos tal assertiva ao artigo “*O rancho do gaúcho*”, de Adão Coelho, onde a terra foi apresentada como ainda sendo a mesma dos farrapos:

*O Rio Grande do Sul dos farrapos, a mesma terra gloriosa de Bento Gonçalves, prepara-se como uma moça faceira que vai receber o seu noivo... E não é sem justificado orgulho que isso acontece. Temos sobradas razões para comemorar brilhantemente o centenario de tantos feitos glorificadores de nossos maiores. Descendentes da mesma estirpe de heróis que foram mártires, a um tempo, assiste-nos o direito incontestado de, após cem anos, **mostrarmos ao país** que soubemos, pelo trabalho fecundo, ser dignos de nossos ancestrais¹⁰¹.*

Percebemos que o autor avista no homem do presente a continuidade do passado, ou, talvez possamos afirmar, a permanência do farroupilha no presente – uma vez que estes, hipoteticamente, descenderiam da “*mesma estirpe de heróis*”¹⁰². Verificamos, ainda, a preocupação por parte do autor em relação à forma como o Estado seria visto pelo país – ou, em ser visto pelo país –, enfatizando, por conseguinte, que os homens do presente eram dignos da herança que legavam do passado (farroupilha). Coelho, em artigo publicado pelo jornal *Correio do Povo*, demonstra igual atenção à imagem da região, buscando na terra e no passado elementos para projetar o presente:

*Terra acolhedora e boa, o rancho do gaúcho está sempre aberto, como o seu coração generoso, á todos os atos fraternos e heroicos. E se esse rancho tradicional – que o tempo não conseguiu e não conseguirá extinguir porque ele vive com o gaúcho – ergue-se humildemente no topo das coxilhas, **o progresso e a civilização** não são palavras mortas na nossa terra.*

*Ele – o rancho humilde e amigo – **vive na nossa alma** como expressão grandiosa de um passado que não nos envergonha. Na sua mudez rusticamente expressiva, como expressivos e rústicos são os seus habitantes, haverá, certamente, inspiração bastante para os poetas cantarem poemas de infinita beleza épica!*

¹⁰¹ COELHO, Adão. *O rancho do gaúcho*. A Federação, Porto Alegre, 5 jul. 1935, p. 3.

¹⁰² Cabe lembrar que esta visão era compartilhada por outras narrativas. Conforme Mara Rodrigues, Moysés Vellinho e outros intelectuais de 1925 reconheciam no heroísmo um elo entre o passado e o presente dos gaúchos. Sobre esta questão, ver: RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. Op. cit., p. 45.

Quão belos exemplos de resignada renuncia, bondade e cavalheirismo não se abrigam, anônimos, na rusticidade daqueles tetos?!

*E enquanto isso, enquanto o gaúcho cuida dos campos, da pecuária, todo o Rio Grande produz dinamicamente, para si, para os seus irmãos, para a humanidade enfim... Olhemos para todos ventos e veremos que eles estão a indicar-nos núcleos de produção farta, onde o braço e a inteligência do homem forjam a grandeza da **Pátria** amanhã da terra¹⁰³.*

O rancho dos heróis farrapos, que ainda “vive na alma do gaúcho” do presente em questão, se faz passar, pela expressão do autor, como a “grandeza da Pátria no amanhã da terra”, ou, em outras palavras, como o Brasil representado no Rio Grande do Sul. Assim como a formação da *terra*, a do *povo* foi narrada por alguns intelectuais como um parâmetro para situar o Rio Grande do Sul em relação ao Brasil, ou o gaúcho frente ao brasileiro. Esta é uma das questões que perseguiremos no subtítulo seguinte.

1.2 A narrativa como fronteira entre o *eu* e o *outro*

A maneira como os indivíduos veem a si próprios incide, necessariamente, na forma como compreendem o *outro*, isto é, aquele considerado diferente ou exterior ao *eu*. Para Bourdieu “o mundo social é representação e vontade, e existe socialmente, se assim é percebido, se é percebido como distinto”¹⁰⁴. No que se refere ao início do século XX, é importante ressaltarmos que o problema da identidade nacional foi uma das principais preocupações no processo de criação da nação, de modo que “encontrar um tipo étnico específico capaz de representar a nacionalidade torna-se o grande desafio enfrentado pela elite intelectual”¹⁰⁵. Partindo destas considerações, questionamo-nos sobre como o gaúcho foi imaginado nas narrativas analisadas, e conseqüentemente, como foi pensado em relação aos brasileiros. Para tanto, aproximaremos os textos de diferentes autores, a fim de identificarmos as congruências e discrepâncias entre as suas narrativas.

¹⁰³ COELHO, Adão. Op. cit. O termo “guasca”, utilizado pelo autor, refere-se ao gaúcho do campo, criado no interior, longe dos grandes centros. OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário Gaúcho*. 3 ed. Porto Alegre: AGE, 2005, p. 147.

¹⁰⁴ BOURDIEU, Pierre. *L'identité et la représentation: elements pour une reflexion critique sur l'idée de region*. Op. cit., p. 67.

¹⁰⁵ VELLOSO, Mônica Pimenta. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11: 89-112, 1993, p. 90.

De maneira análoga ao tratamento dado à *terra* pelos artigos analisados na primeira parte deste capítulo, algumas narrativas procuraram encontrar na formação étnica do gaúcho, alguns dos fatores que prepararam o Rio Grande do Sul para a Revolução Farroupilha. Neste sentido, Manoel Duarte¹⁰⁶, autor do artigo “*No berço farrapo*”¹⁰⁷, põe em relevo a participação dos imigrantes açorianos, na posição de “*pioneiros povoacionistas*”¹⁰⁸, defensores do território que sofria a ameaça espanhola, jesuítica e indígena:

*De immediato, porém, se alertearia o bisonho e trado ilhéu desnacionalizado, adaptado à desteridade contingente. A precipua vigilancia da ambiencia temerária e agoirenta, naquelle perpetuo campo de manobras, à fulminea pericia nas arremetidas sobre o segral inimigo e concorrente, triplicemente paccionado: – hespanhol, jesuita e o indio guarany. Tel-o-iam sempre à vista. Combatel-o-iam, mais de Centuria a fio, até a definitiva conquista do Continente...*¹⁰⁹.

Na edição comemorativa do Centenário Farroupilha, o jornal *Correio do Povo* publicou uma seção especial, composta por 20 páginas dedicadas à história deste evento. Dentre os artigos, destaca-se o espaço concedido ao texto de Fernando Osório¹¹⁰, intitulado “*Os supremos objectivos da jornada de 35*” [imagem 3]¹¹¹. Assim como Duarte, este autor referiu-se à presença açoriana no Estado, comparando-a à colonização portuguesa no Brasil, como podemos notar:

*Mas si na criação do **typo rio-grandense** contribuiu por excellencia a **raça latina**, representada pelo **portuguez** com o privilegio de ter sido o Rio Grande colonisado pelos **casas açorianos**, – que trouxeram as qualidades e a feição pura da sua estirpe engrandecida no devassamento do oceano e conquista das terras longinquas, – não é menos verdade que foi precioso e inolvidavel o concurso que nos*

¹⁰⁶ Manoel Duarte foi funcionário do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, diretor do Departamento de História do Museu do Estado do Rio Grande do Sul e co-fundador do IHGRS. MARTINS, Ari. Op. cit., p. 190.

¹⁰⁷ DUARTE, Manoel. No berço farrapo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 6 set. 1935, p. 3.

¹⁰⁸ Ibid.

¹⁰⁹ Ibid.

¹¹⁰ Fernando Luis Osório Filho foi neto de Manuel Luis Osorio, conhecido como Marques do Herval, político e militar que durante a Revolução Farroupilha atuou ao lado do Império do Brasil. Segundo Colluci, “inicialmente Osório posicionara-se ao lado dos farrapos, porém quando da Proclamação da República Rio-Grandense, tornou-se legalista ao lado do Império”. Seu pai, general Osório, aderiu ao movimento farroupilha. Osório foi membro do PRR e do IHGRS. COLUSSI, Eliane Lucia. *Plantando Ramas de Acácia: a maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX*. 1998. 489 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1998, p. 183.

¹¹¹ OSÓRIO, Fernando. Os supremos objectivos da jornada de 35. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

trouxe a **raça preta**, a cujo contacto affectivo tornou-se ainda melhor o coração rio-grandense¹¹².



Imagem 3 – Artigo publicado pelo jornal *Correio do Povo*. Os supremos objectivos da jornada de 35. Porto Alegre, 20 de setembro de 1935. (AHPAMV) Antônio de Sousa Neto, representado na parte superior da página, veio a se constituir em um dos personagens notáveis da Revolução Farroupilha, e como tal, mereceu destaque na galeria de heróis que será trabalhada no segundo capítulo.

¹¹²OSÓRIO, Fernando. Op. cit.

Logo, o autor tributa aos “*casas açorianos*” as “*qualidades e a feição pura*” herdadas pelos gaúchos, daqueles tidos como “desbravadores” dos mares, e “conquistadores” das “*terras longinquoas*”. Além disso, Osório refere-se à participação africana entre os gaúchos, tema que abordaremos em seguida.

A narrativa de Assis Brasil, ao contrário da exposta acima, contraria a ideia de que o açoriano teria sido para o Rio Grande do Sul o que o português foi para o Brasil. Ainda que o autor reconheça os açorianos como os primeiros povoadores da região, e como portugueses – assim como compreenderam Duarte e Osório –, para este os açorianos diferem dos portugueses que habitaram nas demais regiões do Brasil. Neste sentido, além de distingui-los, o autor acaba diferenciando os gaúchos dos brasileiros, uma vez que os primeiros foram vistos como descendentes de uma “raça superior”, como observamos no trecho a seguir transcrito:

*Os elementos de que se formou a população do Rio Grande diferem em muito dos que originaram os **outros territórios do país**. Foram, na verdade, portugueses os primeiros povoadores, mas portugueses que já não eram, por sua vez, iguais aos que tinham imigrado antes na America. Eram açorianos, e nos Açorianos a primitiva população lusitana se havia modificado sob o influxo do meio. Era uma **raça forte e persistente**, singularmente predisposta para constituir solido tronco a uma nova população. Os portugueses do continente que vieram mais tarde encontrar, já formado, esse tronco original, e, unindo-se a ele, não podia deixar de sofrer o seu influxo¹¹³.*

Em contrapartida, Assis Brasil descreve uma relação de proximidade entre a Província do Rio Grande do Sul e os espanhóis, mesmo admitindo a ocorrência de conflitos territoriais entre ambos. As ressalvas que teriam dificultado a proximidade entre portugueses e espanhóis, eram ainda mais acentuadas entre brancos, africanos e indígenas:

O contingente espanhol não foi tão insignificante como em geral se pensa. Os espanhóis dominaram por largos espaços de tempo em grande parte do território da provincia, além de que em reciprocas invasões os dois povos se visitaram diversas vezes. Não obsta, a meu vêr, a consideração da rivalidade tradicional existente entre ambos, porque jamais antagonismos politicos perturbaram assuntos de recreação. O que oferece um serio embaraço ao contacto de duas raças, pelo menos nos primeiros tempos, é a repugnancia material ou moral que uma experimenta a respeito da outra: este fato que não se poderia dar entre portugueses e espanhóis, raças que se aproximam

¹¹³ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

*por muitos pontos de afinidade, julgo ter influido em parte no Rio Grande relativamente no cruzamento de brancos com africanos e indígenas*¹¹⁴.

Avaliando a presença dos indígenas no Rio Grande do Sul, Assis Brasil remontou ao período das Reduções Jesuíticas, com o intuito de apresentar a contribuição destes na formação do gaúcho. Comparando a influência da população africana e da população indígena na formação do povo gaúcho, o autor afirma que:

*O índio entrou ainda por menos. É verdade que essa raça povoava sofrivelmente o territorio quando ali chegaram os primeiros exploradores e habitantes; mas antes de que a população branca se irradiasse dos primeiros centros, pondo-se com ela em contato, sucessos supervenientes vieram mudar a ordem das cousas. Os jesuitas, penetrando pelo rio do Prata e por toda a parte com sua sagacidade e previdencia, estabeleceram-se em ambas as margens do Uruguai e principalmente na esquerda, lançando os fundamentos do famoso Imperio Guaranitico. Para ali arrebanharam, usando dos seus efficacissimos recursos da catequização, pode-se dizer, toda a população indigena que vagava pelo interior do territorio. Para prestar fé a este fato basta refletir que, na segunda metade do seculo 18, quando Gomes Freire de Andrade, de combinação com o exercito espanhol, tratou de desaloja-los por meio das armas, chegaram a pôr em campo, contra os generais aliados, um exercito de 12.000 homens, sendo certo que por toda a provincia **a população indigena não atingia o numero dumas 25.000 cabeças**, a chegada dos jesuitas*¹¹⁵.

Entendemos que, citando tais índices sobre a população indígena, esta narrativa contribui para apagar a participação do indígena naquilo que constituiria o gaúcho, incidindo na representação do mesmo. Interpretação semelhante foi apontada por Silva, quando analisou a obra “*História da Grande Revolução*” (1933) de Alfredo Varela. Segundo o autor, “a mistura com os indígenas é também considerada, mas de forma muito escassa no começo, já que para Varela a população era de imensa maioria latina”¹¹⁶. De acordo com Silva, Varela afirmou ter ocorrido no Rio Grande do Sul, de um lado uma divisão entre os “mais cultos e mais toscos” – referindo-se, de um lado aos açorianos, e do outro aos indígenas e africanos –, e por outro uma “combinação benéfica” entre as características destes grupos¹¹⁷. Assis Brasil, escrevendo sobre a relação entre os espanhóis, os portugueses e os índios, apontou os confrontos entre os

¹¹⁴ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ SILVA, Jaisson Oliveira. *A epopéia dos Titãs do Pampa*: historiografia e narrativa épica na História da Grande Revolução de Alfredo Varela. 2010. 210 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010, p. 119.

¹¹⁷ Ibid.

mesmos, como uma amostra de que o “cruzamento entre índios com brancos seria *difícilimo*”:

Na guerra contra o exercito espanhol e portugues os indigenas, que se atiravam á morte com o valor selvagem do fanatismo e da ignorancia, dizimaram-se extraordinariamente. Os poucos que sobreviveram conservaram a tradição, os costumes imbutidos pelos diretores-expulsos. Durante a dominação castelhana de cousa de 40 anos o mesmo sistema de reclusão conservou-se e a mesma tendencia permaneceu para o decrecimento da população, pois, alem doutros motivos que para isso havia, já os espanhóes, menos interessados, não punham em pratica, certas regras empiricas descobertas pelos jesuitas que provocavam da parte dos seus dirigidos uma espantosa prolificidade¹¹⁸.

Observamos que, como Varella faria mais tarde, este autor pretendia explicar a Revolução Farroupilha a partir da história do povoamento da região em que esta ocorreu. Desta forma, compreendemos que a abordagem presente na narrativa de Assis Brasil procurou marcar a ausência dos índios no episódio de 1835, retirando-lhes a participação no evento que então se comemorava. Como podemos perceber em suas palavras:

Destes fatos é conclusão rigorosa que, se mais tarde o elemento aborigene cooperou na formação da população riograndense, pelo menos em 1835, época do pronunciamento revolucionario, a mescla desse fator era ainda inapreciavel. E, de fato, poucos mestiços havia por esse tempo. Os índios que existiam na provincia eram ainda caboclos puros na sua quasi totalidade. Deles se formaram regimentos e companhias de excelentes cavalaria, de que tiravam bom proveito os republicanos e melhor os legalistas¹¹⁹.

¹¹⁸ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

¹¹⁹ Ibid.



Imagem 4 – Artigo publicado pelo *Jornal da Manhã*. Organização política e organização social da República Rio-Grandense. Porto Alegre, 20 de setembro de 1935, s/p. (MCSHJC) A página reproduz, ao lado de João Antônio da Silveira, Bento Manoel Ribeiro e Serafim Alencastro, Giuseppe Garibaldi, dentre os estrangeiros, aquele que as publicações consultadas consideraram ser o mais destacado participante da revolução.

A “Edição Farroupilha” publicada pelo *Jornal da Manhã* em 20 de setembro de 1935, apresentou aos seus leitores o artigo de Dante de Laytano¹²⁰, intitulado “Organização Política e Organização Social da República Rio-Grandense” [imagem 4]. Valorizando a publicação, a autoridade do autor foi destacada com os dizeres: “Especial para o ‘Jornal da Manhã’ – Por Dante de Laytano – Do Museu e Arquivo Histórico”¹²¹. A continuação do texto foi publicada em 8 de outubro do mesmo ano [imagem 5]. Ao encontro do que foi inferido nas narrativas até então analisadas, Laytano tentou explicar a Revolução Farroupilha através de uma leitura da formação étnica do sul-rio-grandense. Chama a atenção a maneira como o autor tratou a questão do negro no Rio Grande do Sul. Num primeiro momento seu texto voltou-se para comparação entre a “parcela” africana presente no Brasil e no Rio Grande do Sul. Na visão do autor a região sul esteve isolada dos principais portos de entrada de africanos, como podemos observar:

Os negros concentraram-se no litoral desde S. Paulo até a foz do Amazonas. A entrada de escravos feita pelos portos principais, ao norte Recife e S. Luiz, ao centro da Baía e ao sul Rio de Janeiro e S. Vicente, não os afastou muito da costa. Os primitivos focos da entrada de escravos se ramificavam por S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas, formando o primeiro grupo de distribuição; a Baía, por si só, formava um segundo grupo do nordeste e Maranhão e Pará, formavam o grupo do extremo norte de distribuição de escravos. Os focos de entrada de escravos partiam dos portos ampliando-se nas zonas das províncias mais importantes mesmo assim as regiões do sul, norte, centro norte e noroeste ficaram com uma porcentagem insignificante de população negra-escrava¹²².

¹²⁰ Conforme Letícia Nedel, Dante de Laytano ingressou no círculo dos historiadores como diretor do Museu Júlio de Castilhos, com o apoio de Eduardo Duarte e Alcides Maya, ambos funcionários públicos e sócios fundadores do IHGRS. Em 1935, participou como congressista no evento comemorativo ao Centenário Farroupilha, organizado pelo IHGRS, e foi admitido como sócio efetivo desta instituição. Ver: NEDEL, Letícia Borges. *Um passado novo para uma história em crise: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. Op. cit., p. 474.

¹²¹ O Museu do Estado foi criado em 1903, por decreto do governador Borges de Medeiros. Em 1905 o museu foi transferido para a casa de Júlio de Castilhos, e dois anos depois renomeado como “Museu Júlio de Castilhos”. Em 1913, foi expedido o Regulamento para o Arquivo Público do Estado – fundado em 1906 –, dividindo o seu acervo em três seções. A 2ª seção, responsável pela custódia dos arquivos histórico e geográfico, foi anexada ao Museu Júlio de Castilhos, em 1925. Sobre o Museu Júlio de Castilhos, ver: NEDEL, Letícia Borges. *Paisagens da Província: o regionalismo sul-riograndense e o Museu Júlio de Castilhos nos anos cinquenta*. 1999. 336 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1999. Sobre o Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul, ver: SPINELLI, Teniza (org.). *Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul: história, publicações e legislação*. Porto Alegre: EST Edições, 2005.

¹²² LAYTANO, Dante. Organização Política e Organização Social da República Rio-Grandense. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 8 out. 1935, p. 19.

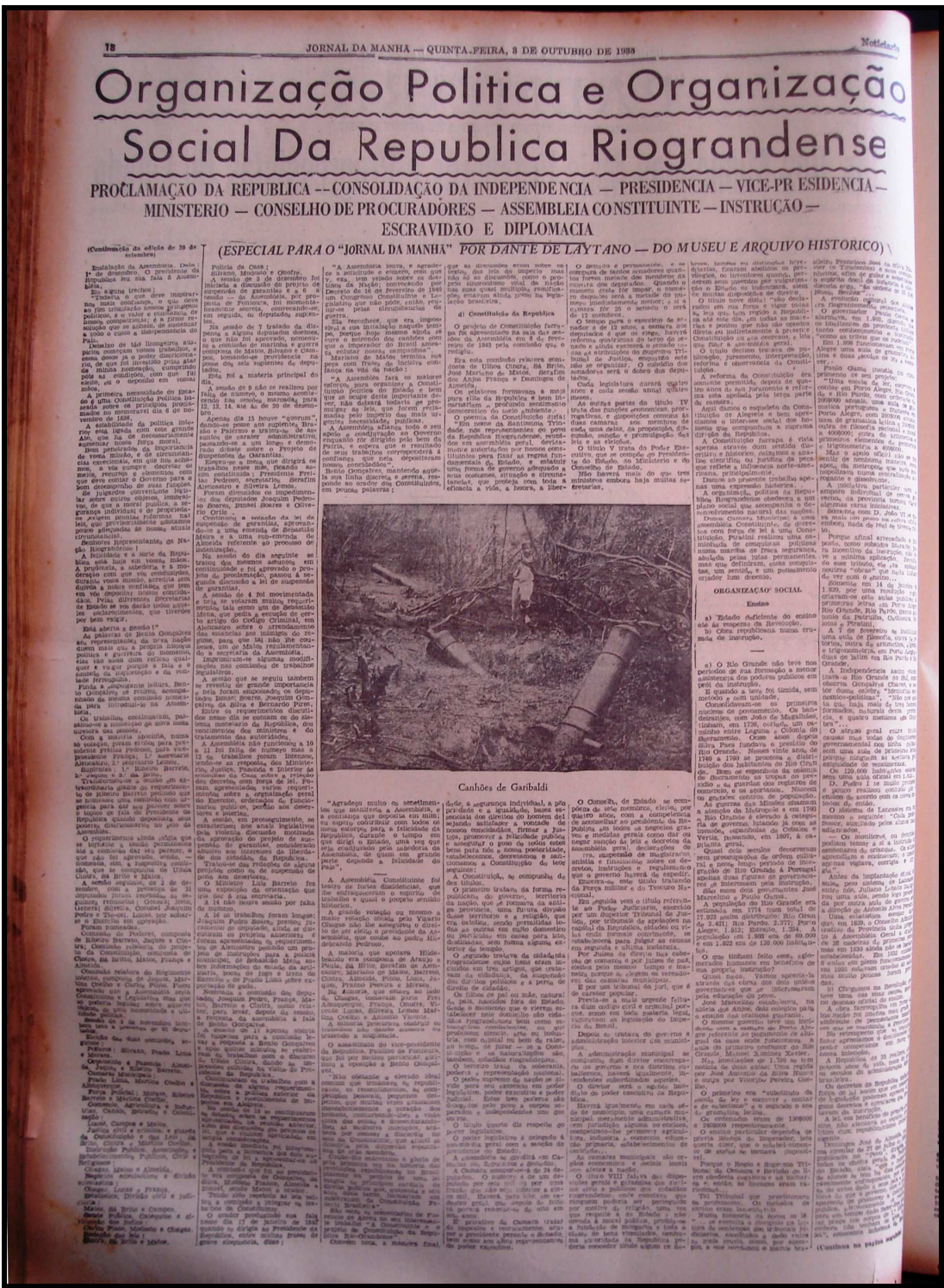


Imagem 5 – Artigo publicado pelo *Jornal da Manhã* (continuação). Organização política e organização social da República Rio-Grandense. Porto Alegre, 08 de outubro de 1935, p. 18. (MCSHJC)

Assim, Laytano propõe que o “*tipo mestiço*” que se criou no Estado, não teve o mesmo alcance na região nordeste do país¹²³, alegando que “*não fomos nenhum bom mercado de escravos nem sequer contamos dos primeiros mapas do povoamento negro do Brasil*”¹²⁴. Podemos constatar que, para o autor, a influência ibérica sobressaiu-se na formação do gaúcho:

*O problema negro em função do Rio Grande do Sul assume proporções elementaríssimas. (...) O Rio Grande se deslocando quase tres séculos da civilização brasileira, teve, em compensação, uma insignificante dosagem preta na formação de seu tipo mestiço. Ainda o atrito negro mais se enfraquecia diante da colonização européa que processamos em menos de cinquenta anos de desbravamento territorial pela metrópole*¹²⁵.

Reforçando este argumento, Laytano apresenta dados estatísticos datados de 1890, (cujas referências não foram especificadas), que buscam contrastar o retrato da porcentagem “branca” no Rio Grande do Sul, em relação ao Brasil. Parece-nos evidente que, se por um lado, sua narrativa fez ver a população sul-rio-grandense como predominantemente branca, de outro a representou como “menos” negra, comparada aos demais estados brasileiros (com exceção de Santa Catarina):

*Estudando a proporcionalidade das raças no Brasil em 1890 temos em função do Rio Grande alguns aspectos dignos de observação. A porcentagem dos brancos na nossa população é de 70,37 por cento sómente retrapassada por Santa Catarina que tem 34,79, quando existem Estados, como o de Alagoas com 31,06 por cento a população de caboclos é entre nós de 5,35 por cento, retrapassado por Santa Catarina em 3,25 por cento e Distrito Federal em 3,33 por cento, chegando á mais alta porcentagem no Amazonas, 48,38 no Pará, 39,94 e no Ceará 37,12. A população de mestiços nos pampas é apenas 15,80 por cento e atingido a 48,99 no Sergipe, a 46,19 por cento na Baía e 41,42 no Mato Grosso. Apenas Santa Catarina com 7,16 por cento tem uma porcentagem inferior ao Rio Grande. A proporcionalidade quanto ao negro é a seguinte: Rio Grande do Sul 8,68 por cento abaixo: Santa Catarina 4,80, Amazonas 3,03, Paraná 6,37, Pará 6,76, Paraíba 7,08 e Ceará 8,65 por cento*¹²⁶.

¹²³ De acordo com Mara Rodrigues, na narrativa de Moysés Vellinho “a mestiçagem no Rio Grande do Sul foi construída mediante a escolha de elementos que propiciavam a preservação de uma peculiaridade local em relação ao processo nordestino”. Desta forma: “Se a mestiçagem no nordeste do Brasil tratava principalmente das relações entre os negros escravos e os portugueses, no sul, esse processo deveria ser focalizado no índio e no branco”. RODRIGUES, Mara de Matos. *Da Crítica à História: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação*. Op. cit. p. 172.

¹²⁴ LAYTANO, Dante. Op. cit, p. 19.

¹²⁵ Ibid.

¹²⁶ Ibid.

Sobre o tema da escravidão e da participação do escravo no movimento farroupilha, Laytano afirma que, durante a revolução, a província encontrava-se com apenas “1/3 de escravos negros, no total da população”¹²⁷. Também neste sentido, Osório, pronunciou que “a revolução de 35 foi um movimento social produzido por uma considerável maioria branca”, em contradição com o que considerava ter ocorrido na região do Prata: “no Prata, em 1833, Darwin notava que o acampamento de Rosas era quase todo de origem negra ou índia”¹²⁸. Da mesma forma, Assis Brasil avalia a participação do trabalho escravo no Rio Grande do Sul como quase nula:

(...) o Brasil estava todo mais ou menos colonizado quando se começou a povoar o Rio Grande, e ainda algum tempo depois de se assentarem os primeiros núcleos foi que o tráfico de africanos começou a derivar em escala apreciável para as terras do sul. O infame comércio não poderia ser ali exercido com grandes vantagens; antes de tudo, a difícil e perigosa entrada da barra; onde não havia ainda um serviço regular de praticagem, e depois a pobreza dos habitantes, que não permitia larga saída de negra “mercadoria”, deviam ser obstáculos de considerável monta. Assim é que, pela época da revolução da província, bem que já o sangue etíope houvesse penetrado na massa da população, não era, contudo, em quantidade eficiente que acentua-se nela uma influência decisiva”¹²⁹.

Notamos, que, em conformidade com a narrativa recém-exposta, Laytano enfatizou uma ínfima porcentagem de africanos no Rio Grande do Sul. Neste mesmo artigo, o autor discorreu sobre a participação dos escravos no movimento farroupilha, em um subtítulo denominado “O papel dos negros nas forças republicanas”. Em uma exaltação às “qualidades guerreiras”, o autor expressa que:

O homem africano, com sua potencialidade muscular, resiste eficazmente aos combates, que se precediam de longas caminhadas por lugares nem sempre saudáveis e de privações alimentares, quando a própria vestimenta lhes faltasse para o abrigo do inverno (...) Os negros constituíram, por todos os títulos, um elemento poderoso para a conquista dos ideais de 35. Valentes, fortes, destemidos e também sonhadores como os revolucionários da planície pampeira...”¹³⁰.

¹²⁷ LAYTANO, Dante. Op. cit, p. 19.

¹²⁸ OSÓRIO, Fernando. Op. cit.

¹²⁹ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

¹³⁰ LAYTANO, Dante. Op. cit., p. 19.

Buscando justificar sua proposição, o autor cita o relato de Nicolau Dreys¹³¹, viajante francês que percorreu o Rio Grande do Sul no início do século XIX:

Dreyer, se referindo ao nosso negro, com a simplicidade que lhe caracteriza como um narrador serio diz: “... o negro é um bom soldado e talvez seja esta a unica profissão para que ele é naturalmente proprio. Um amigo nosso, oficial superior da Republica Argentina, chamava os negros – Suissos da America – em referencia a suas disposições guerreiras”¹³².

Certamente a escolha deste viajante, assim como do trecho citado, não foram ocasionais. Laytano buscou em Dreyer o sentido que ele próprio pretendia apresentar sobre a questão do negro. Não apenas Laytano no *Jornal da Manhã*, mas também Osório no *Correio do Povo*, trouxe as palavras de um viajante para a sua escrita, neste caso, o relato de Saint-Hilaire: “Disse Saint-Hillaire que a capitania do Rio Grande era a parte do Brasil onde os escravos eram mais felizes, com elles trabalhando os senhores”¹³³. Provavelmente o autor encontrou neste viajante a imagem que pretendia para ilustrar a relação entre os escravos e os “brancos”. Podemos dizer que, com isso, Osório quis traduzir a ideia de uma relação pacífica entre os africanos e os europeus e seus descendentes. A esta citação, o autor completa com uma alusão a lenda do Negrinho do Pastoreio:

(...) em logar nenhum do mundo um povo idealizou a apotheose, a santificação do martyrio da raça preta como o povo gaúcho, provando a riqueza moral de que é dotado no culto, singelo e tocante, genuinamente nosso, do Negrinho do Pastoreiro, – genio bom, nimbrado de sobrehumana luz, perpetuando-se em desinteresse, em generosidade, como a propria imagem do passado do Rio Grande¹³⁴.

Assis Brasil, ao fim do artigo que viemos analisando desde o início deste capítulo, expressa um retrato do gaúcho que acorda em alguns pontos com as posições identificadas nos textos até aqui explorados. Na sua visão, a população rio-grandense, “que influiu no movimento de 1835”, é “produto imediato destes fatores principais: açoriano e português, paulista e mineiro, espanhol; o elemento africano e autoctone exerceram ação quasi nula”¹³⁵. Percebemos que a opinião apresentada sobre a

¹³¹ Sobre o relato deste viajante, ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Nação e região: diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX). In.: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 212.

¹³² LAYTANO, Dante. Op. cit., p. 19.

¹³³ Ibid.

¹³⁴ OSÓRIO, Fernando. Op. cit.

¹³⁵ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

participação africana e indígena na “formação do tipo rio-grandense” não constituiu um particularismo, pois esteve presente em praticamente todas as narrativas analisadas. Isto nos faz pensar que tal suposição referente à formação étnica da população rio-grandense tenha percorrido os círculos intelectuais para além dos jornais¹³⁶.

Já a interpretação do componente “branco” obteve importância proporcionalmente contrária, pois, nos termos de Assis Brasil, do “açoriano e português, paulista e mineiro, e espanhol” foi formado o “tronco originário” ao qual a população rio-grandense foi subordinada¹³⁷. Conforme ressaltou Armani, no início do século XX as explicações históricas eram orientadas pelo “determinismo genético”, preconizado pela noção de estágios da humanidade, as quais diferenciavam as “qualidades intelectivas dos seres humanos”¹³⁸. Ao encontro deste pensamento, o movimento nacionalista incentivou a pesquisa sobre a formação da sociedade brasileira, resultando nas publicações das obras *Casa-grande e senzala* (1933) de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda, e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) de Caio Prado Jr.. Nesta busca, o “problema racial” foi em geral compreendido pelo ponto de vista da miscigenação. De acordo com esta perspectiva o branqueamento, “poderia assegurar um gradual predomínio dos caracteres brancos sobre os negros”¹³⁹, fazendo entender que gradativamente a herança negra seria erradicada do Brasil.

A figura do branco estava, portanto, ligada à ideia de progresso, tal qual a imagem do negro representava um obstáculo para o alcance do mesmo. Igualmente, para Assis Brasil o resultado da povoação do Rio Grande do Sul descrito anteriormente, foi capaz não somente de preparar o “*animo do provincia*” para a revolução de 1835, como também de apontar para a “*evolução*” e a “*civilização*” do Rio Grande do Sul¹⁴⁰. Logo, evidenciamos que tal perspectiva foi manifestada por outros autores que, escrevendo sobre a Revolução Farroupilha, projetavam o presente e o futuro da sociedade gaúcha.

¹³⁶ Em estudo sobre o pensamento de Emílio de Souza Docca, contemporâneo dos autores estudados, Armani resalta que o historiador “postulava uma supremacia dos brancos sobre os índios e negros”. Segundo o autor, para Docca o índio estava à frente do negro nos estágios evolutivos da humanidade, explicando, em parte, a sua preocupação em relação ao estudo da questão toponímia deste grupo étnico. In.: ARMANI, Carlos Henrique. *Identidades e fragmentação no pensamento de Emílio de Souza Docca*. 2002. 190 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2002, p. 93-94.

¹³⁷ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit..

¹³⁸ ARMANI, Carlos Henrique. Op. cit., p. 93.

¹³⁹ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo: Editora 34, 1994, p. 27.

¹⁴⁰ BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. Op. cit.

1.3 A terra, o povo e a construção de um tempo histórico para o Rio Grande

Avistar o passado implica para aquele que o realiza ver a si próprio no transcurso do tempo, confundindo-se entre o passado e o futuro. A construção de um tempo para si, e de si mesmo no tempo, envolve a definição de marcos, rupturas, e continuidades. As comemorações do Centenário Farroupilha constituíram um lugar legítimo para o encontro das temporalidades, e a narrativa foi uma das formas pelas quais elas foram relacionadas. Às vésperas do 20 de setembro, o *Correio do Povo* publicou um texto cujo título já indica uma pretensa ligação entre passado-presente: “Os farrapos atiram-nos a tocha!”¹⁴¹. Talvez, enunciando os gaúchos de 1935 como receptores da tocha farroupilha, Sante Uberto Barbieri¹⁴² pretendesse alertá-los sobre a responsabilidade em manter suas chamas acesas. No entanto, sua atenção não se encerra no presente, como podemos observar:

Um século agoniza sobre a glória dos Farrapos. Outro século surge. O século que morre traz ao século que vem avançando de dentro das brumas do tempo uma tocha imensa, como que para iluminar às gerações vindouras o caminho. Que caminho será?

*(...) O Farrapo nos fita de longe neste dias de festa e nos pergunta que faremos da liberdade que ele alcançou, semidesnudo, envolto nas rajadas do Minuano, no alto da coxilha. Conservaremos nós a liberdade para todos? Faremos nós destes pampas imensos um lar dadivoso para todos que nelles trabalham, e luctam e esperam? Conservaremos accesa esta labareda?*¹⁴³

O questionamento posto pelo autor aos sucessores dos farrapos demonstra a preocupação de um presente diante dos possíveis *caminhos* pelos quais o Rio Grande poderia atravessar. Apesar desta indagação, algo parece certo para Barbieri: o futuro, tal qual os cem anos que transcorreram após 1835, seria orientado pela mesma chama que iluminara as gerações passadas. A preocupação com o devir foi um elemento comum às outras narrativas analisadas. Porém, acompanhando o texto a seguir, percebemos que em algumas concepções o destino não parecia tão incerto quanto na interrogação de Barbieri:

¹⁴¹ BARBIERI, Sante Uberto. Os farrapos atiram-nos a tocha! *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19 set. 1935, p. 14.

¹⁴² Sante Uberto Barbieri, bispo da Igreja Metodista, formou-se no curso de Humanidades, em Passo Fundo e Caxias do Sul, e na faculdade de Teologia do IPA. No exterior, Barbieri tornou-se bacharel em Artes, pela Universidade de Dallas, e em Teologia, pela Universidade de Georgia. MARTINS, Ari. Op. cit., p. 62.

¹⁴³ BARBIERI, Sante Uberto. Op. cit.

*Um observador minucioso dos acontecimentos que neste instante, quer no plano material como no plano moral estão tendo lugar entre nós, acentuou a próxima realidade, que terá lugar com a Exposição Farroupilha, de ser essa época marcante como um limite entre duas fases completamente diversas na **civilização industrial e intelectual do Rio Grande**.*

Vejamos como exemplo frizante os aspectos da cidade que ora se transforma para entrar na idade de sua verdadeira grandeza. E qualquer pessoa que se detenha – isto para accentuarmos um detalhe – a contemplar a cidade do alto do viaduto da via Duque, ou que transite pelo proprio viaduto, na parte alta ou na parte baixa, procurando receber com alma aberta as sensações que esse local proporciona, sentirá que Porto Alegre se agiganta, torna-se capaz de deter verdadeiramente o nome de metropole, e já oferece aspectos, panoramas, cenários impressionantes como só as grandes capitais podem proporcionar¹⁴⁴.

A narração transcrita acima assinala no contexto dos cem anos do episódio farroupilha as fronteiras da *civilização rio-grandense*, marcada pela modernização no *plano material e moral*. Do centenário surge a *civilização industrial e intelectual*, e Porto Alegre aparece como protagonista desta evolução. A descrição faz emergir a imagem de uma cidade moderna, assim como a experiência daquele que, imerso em sua grandeza, a observa do viaduto da Rua Duque de Caxias.

Como demonstração do progresso que ocorria na capital, a narrativa cita os bondes que ali funcionavam “*des do tempo em que isto aqui vivia com a ingenuidade de uma cidadesinha de provincia, recolhendo-se cedo para casa, des do instante em que soavam no azul da noite as cornetas longas e tristes dos quarteis...*”¹⁴⁵. Para o autor, os bondes indicavam, também, a manifestação do desenvolvimento econômico e do urbanismo da cidade, assim como a presença das novas construções:

Agora sim, a coisa está mudada. Arranha-céus projetam para o alto a audacia do cimento armado. Rasgam-se amplas e cinzentas avenidas. E as construções vão nascendo, rapidas, em cada terreno ainda coberto de verde das ruas novas. E agora, em verdade, o instante de madureza de Porto Alegre. Que o proximo Centenario esteja concorrendo para o desenvolvimento da cidade, ninguém duvida. A data máxima da nossa historia, como um catalizador inesperado, veio ativar as forças que estavam se desenvolsurdina¹⁴⁶.

¹⁴⁴ O Centenario. *A Federação*, Porto Alegre, 11 jul. 1935, p. 3.

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ Ibid.

O cenário descrito surge como o resultado de um movimento gerado por “forças” que prepararam o início de uma nova fase, ou, da fase *madura* do Rio Grande do Sul. Em outro texto, podemos evidenciar uma paisagem semelhante, conforme segue:

A cidade trepida sob as maquinas possantes na ânsia apressada de se dilatar na amplitude das avenidas largas e de se embelezar para os olhos curiosos dos forasteiros.

*(...) Toda a vida material e espirito do Rio Grande gravita em torno desse acontecimento notavel que virá a ser, para a nossa existencia de povo culto, uma grande demonstração daquilo que já realizamos num curto periodo de trabalho e de esforço, e daquilo que seremos capazes de produzir dentro das **enorme possibilidades do nosso progresso e da nossa cultura**¹⁴⁷.*

Parece-nos que a recorrência e a exaltação dos componentes modernos (avenidas, viadutos, máquinas, arranha-céus, etc.), demonstram a vontade de alcançar o futuro. Este, sobreposto ao presente, aparece concretizado nas realizações compreendidas como signos da modernidade.

Cabe ainda ressaltar que o aspecto cultural foi igualmente lembrado pelos autores, enquanto abordavam os temas “progresso e civilização”. Conforme verificamos em alguns dos fragmentos anteriormente tratados, ao lado do valor material da modernidade encontra-se outra dimensão, manifestada em expressões como “*civilização intelectual*”, ou “*possibilidades da nossa cultura*”. Como vimos, o centenário farroupilha foi tido como um marco inaugural de um novo período na história do Rio Grande do Sul. Desta forma, algumas narrativas criaram neste evento os limites que distinguiram dois tempos históricos:

Um seculo apenas decorrido sobre a gloriosa epopeia dos farrapos, que se moveram num cenário quase bárbaro de primitiva e rudimentar evolução material, e o Rio Grande pôde mostrar ao Brasil que cultua a memoria dos antepassados pelo trabalho nobilitante e fecundo, creando uma admiravel civilização.

(...) Aproximamo-nos, pois, dos dias excepcionais que nos aguardam e sentimos um justo orgulho pelo surpreendente espetaculo que iremos oferecer ao nossos patricios de outras terras, não somente exibindo um maravilhoso surto de progresso material, como especialmente demonstrando o elevado gráo de cultura civica que atingimos, por nossa educação politica, pela noção que temos das responsabilidades publicas e pelo idealismo das nossas convicções no sentido do bem coletivo e da felicidade da nossa terra. E só desejamos que este espirito de solidariedade humana que nos tem ligado através desta

¹⁴⁷ As festas do Centenario. A Federação, Porto Alegre, 28 ago. 1935, p. 1.

*primeira etapa vencida se possa prolongar para dias melhores, numa união mais íntima e num desejo mais largo de concordia, para que possamos elevar, mais ainda, a glória do nosso passado e a maravilhosa realidade do nosso presente*¹⁴⁸.

Após cem anos em um “cenário quase bárbaro”, o Rio Grande abandona esta condição e alcança a idade do progresso material e cultural, inclusive para os olhares da nação¹⁴⁹. Entretanto, esta demarcação, não parece romper totalmente com o passado. Talvez com o tempo considerado como “primitivo”, mas não com a “glória do nosso passado”, isto é, o passado farroupilha. Assim, o presente surge como uma continuidade do mesmo “espírito de solidariedade” manifestado há cem anos, seja nas glórias do passado, ou na “maravilhosa realidade do nosso presente”. De acordo com o autor, no centenário farroupilha o Rio Grande vivia o momento culminante da “marcha” lançada pelos farrapos, definidor, também, do seu estágio futuro:

*Si outros méritos não tivesse a próxima comemoração de 35, ao menos este, de provocar uma excitação fecunda entre todas as forças construtoras que nos animou, bastaria para consagra-la como o estopim da grande marcha espiritual e material da cidade, do próprio Estado, rumo de um futuro que será a mais bela confirmação da nossa grandeza*¹⁵⁰.

Do mesmo modo, o texto a seguir apresenta a Revolução Farroupilha como o episódio fundador do progresso na sociedade rio-grandense, e o movimento vivido na ocasião do seu centenário como o alicerce para a posteridade:

*A data máxima da história riograndense está sendo aguardada com um excepcional interesse por todos os filhos do Rio Grande, que desejam prestar uma homenagem condigna e justa aos heróis de uma epopeia que encerrava os verdadeiros **marcos da nossa evolução político-social**. Em todos os recantos do Rio Grande se conserva bem vivo o **verdadeiro sentido histórico da grande jornada de 35**. (...) Dentro desses cem anos de progresso e de cultura, de idealismo e de labor, sentimos todas as **forças impulsionadoras** do empolgante acontecimento cívico, que iniciou no Rio Grande uma fase nova de reconstrução geral.*

*A bravura dos nossos antepassados, a lealdade dos nossos guerreiros e o idealismo dos nossos heróis, constituem verdadeiros esteios de uma civilização, fecunda em lances de dignidade e de honradez e em exemplos de civismo, de prosperidade e de progresso. Sob todos os seus aspectos, a revolução de 35 constitui para a vida econômica, social e política do Rio Grande a sua **pedra fundamental**.*

¹⁴⁸ As festas do Centenário. Op. cit.

¹⁴⁹ Dentre os elementos identificados nas narrativas, estava à preocupação com a forma pela qual o Rio Grande do Sul seria notado pelos outros estados brasileiros, como veremos no terceiro capítulo.

¹⁵⁰ As festas do Centenário. Op. cit.

*E sobre este marco luminoso, feito de idealismo e de amor, foi construído o Rio Grande de hoje, com todo o esplendor de seu progresso crescente e a sua cultura cintilante, que o honra perante as demais unidades federativas. Essa é a razão do excepcional interesse que vem despertando as comemorações farroupilhas no seio da população riograndense. **População que conserva em grau elevado o profundo sentimento histórico de um acontecimento, com raízes fundas, na vida e na tradição do nosso povo** ¹⁵¹.*

Vemos que as virtudes e os heróis da epopeia farroupilha foram resgatados pela narrativa como referenciais definidores do destino gaúcho – compreendido, neste caso, como o futuro decorrente de 1835, ou seja, como o próprio presente em questão. Percebemos, neste ponto, algo em comum com a cultura histórica descrita por Guimarães, ao passo que este afirma:

A integração do passado a partir de categorias como a de desenvolvimento e progresso poderia assegurar ao presente um sentido e um ponto de ancoragem, indicando no mesmo movimento os caminhos para o futuro. Desta forma, esta cultura histórica atrela inevitavelmente passado, presente e futuro, remetendo-nos para o passado como lugar por excelência de definição de um sentimento original, razão explicativa da própria existência do presente. Por este procedimento que veio se consagrar após longa e acirrada disputa pela significação do passado, o presente estaria de certa maneira contido no passado de forma prefigurada ¹⁵².

A partir da elucidação do historiador, conseguimos compreender que as narrativas analisadas representaram o presente como o futuro do passado farroupilha, isto é, como uma consequência evolutiva do mesmo ¹⁵³. Determinado pelas forças oriundas do movimento de 1835, ele foi concebido como o cumprimento de um projeto “prefigurado” no passado, utilizando a expressão empregada pelo historiador. Além disso, podemos observar que o passado, justaposto ao presente, reflete a permanência do “*verdadeiro sentido histórico*” intrínseco à terra e ao povo sul rio-grandense. Como podemos observar no texto abaixo, o prolongamento desta “essência” ocorre graças à presença “espiritual” dos farrapos, como guardiões do Rio Grande:

¹⁵¹ As festas do Centenário. Op. cit.

¹⁵² GUIMARÃES, Manoel Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória histórica disciplinar. In.: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p.11.

¹⁵³ Segundo Guimarães, “quando [o homem] projeta o futuro como consequência de ações do presente alarga para frente sua experiência contingente. Passamos a ser o resultado das ações dos homens que não conhecemos e que viveram muito antes de nós, mas que, não obstante, ‘causaram’ este presente em que vivemos. Nossos destinos parecem inexoravelmente marcados pelo passado assim como o das gerações futuras o serão pelo nosso presente, tornado, então, ele mesmo, passado”. In.: GUIMARÃES, Manoel Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória histórica disciplinar. Op. cit., p. 15.

*Creio na tutela incessante e benfazeja da geração farroupilha sobre as gerações sucedaneas, quer **impulsionado-as** aos labores fecundos da paz que constrói, quer **conduzindo-as** pelo pampa e pelas coxilhas, para a guerra que redime e glorifica. Creio na eclosão emocionante da fraternidade definitiva da família rio-grandense, ao transcorrer a data centenária do facto máximo do civismo gauchesco*¹⁵⁴.

A exaltação do heroísmo farrapo presente nas palavras de Maia, assim como em outros textos analisados, chama a atenção para o “trabalho pedagógico”¹⁵⁵ exercido pelas narrativas relacionadas. Thiesse observa que as formações das identidades nacionais dependem deste trabalho “para que parcelas cada vez maiores da população as conheçam e nelas se reconheçam”¹⁵⁶. Dentre os elementos formadores da nacionalidade citados pela historiadora, interessa-nos especialmente aquele relacionado à “galeria de heróis”¹⁵⁷ da nação.

Sobre esta questão, Oliveira também aponta que a construção imaginária do herói ao longo do século XX acompanha a preocupação de alguns grupos em manter determinadas estruturas, apesar das transformações oriundas das modernizações¹⁵⁸. Tais reflexões fazem-nos pensar sobre a constituição de uma memória (coletiva) farroupilha, conformadora de identidades, e, por conseguinte, dos sujeitos – tornando-os coletivos com sua roupagem. A busca por heróis, as construções e os usos perpetrados a partir destes são os temas discutidos no próximo capítulo.

¹⁵⁴ MAIA, João. O meu credo cívico. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p (Edição Farroupilha).

¹⁵⁵ THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. *Anos 90*. Porto Alegre, n. 15 : 7-23, 2001/2002, p. 8.

¹⁵⁶ Ibid.

¹⁵⁷ Ibid.

¹⁵⁸ A historiadora chama atenção para a visão dos “proprietários”, diante das transformações sociais que ocorreram no início do século XX, inquirindo: “O que fazer com aqueles outros que passaram a querer participar e, pior, cujo número aumentava exponencialmente haja vista o crescimento do número de habitantes urbanos, o crescimento do número de trabalhadores/operários/proletários. (...) Como organizar as massas e suas demandas na nova sociedade? Como organizar/controlar a participação, ou como fazê-las partícipes?”. OLIVEIRA, Lucia Lippi. A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e de hoje. In.: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 67.

CAPÍTULO 2

OS HERÓIS SUL-RIO-GRANDENSES, ENTRE O PASSADO E O PRESENTE DA NAÇÃO

O processo de conformação de uma identidade coletiva requer a construção de um passado comum para a sociedade a qual se refere. Ancorada em uma memória também coletivamente constituída, a identidade busca estabelecer, por meio desta, determinados pontos de referência que possibilitam o reconhecimento do presente no passado. Assim, uma das preocupações decorrentes desta questão é em relação à ancestralidade das sociedades. Pensar sobre as origens significa indagar sobre quem são aqueles que nos precederam, e sobre o que deles queremos reconhecer no presente. Atendendo esta demanda, imagens de grandes homens são erguidas como modelos para a coletividade, em acordo com os interesses de determinados grupos. Conforme observa Carvalho:

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico¹⁵⁹.

Conforme propõe Catroga, a re-presentificação do ausente, compreendida aqui no culto aos heróis, é uma forma de administrar a “inaceitável finitude”, e “tentar entender o tempo, ou melhor, o homem como tensão entre um futuro que ainda não é e um passado que já não existe”¹⁶⁰. Neste sentido, a aproximação entre o homem do passado e o do presente, através da figura heróica, se estabelece uma continuidade temporal.

Segundo Boeira, a panteonização é uma das marcas da escrita da história rio-grandense, na segunda metade do século XIX. Para a historiadora, era “por meio do exemplo fornecido pelo passado e passível de ser imitado, que se esclarecia o presente e se buscava orientação para o futuro”¹⁶¹. Como observou Lazzari, embora diversas e

¹⁵⁹ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 55-56.

¹⁶⁰ CATROGA, Fernando. Recordar e comemorar. A raiz tanatológica dos ritos comemorativos. *Revista Mimeses*, Bauru, USC, v. 23, n. 2: 13-47, 2002.

¹⁶¹ A autora reflete sobre a relação entre a história e a literatura no Rio Grande do Sul, na formação das ideias de nação brasileira e região rio-grandense. Neste trabalho ela analisou a *Revista do IHGPSP* (1860-1863), e a *Revista do Parthenon Litterario* (1869-1879). BOEIRA, Luciana Fernandes. *Entre História e*

contraditórias, as biografias escritas pelos intelectuais vinculados ao Parthenon Literário criaram “estereótipos aplicados ao ‘ser rio-grandense’” que “variaram ao sabor da preferência política de quem os utilizava e da polêmica em curso” ¹⁶².

A forma como determinados grupos lidam com sua temporalidade e acionam “experiências, imagens e atores do passado para uma contemporaneidade” ¹⁶³ remetem-nos ao pensamento de Hartog e Revel, sobre os usos políticos do passado:

À dire vrai, tout discours historique est susceptible d’usages politiques, que cela soit le fait de son auteur, de ses destinataires ou encore qu’il faille l’attribuer au rapport particulier que les seconds entretiennent avec le premier. Récits des origines, qui enracinent les privilèges d’un groupe humain dans un sol en invoquant l’autochtonie, ou qui inscrivent le destin d’une nation dans une durée qui fait preuve. Récits de fondation ou de rupture, qui mettent en scène un commencement absolu, comme la Révolution américaine, puis la française, selon des modalités si différentes; (...) Il va de soi que ces modulations diverses s’entrecroisent, s’enchevêtrent au sein de discours historiques infiniment plus complexes et plus subtils que ne le laisse entendre ce rappel élémentaire. ¹⁶⁴

Apoiados nesta perspectiva pretendemos compreender como o passado, presentificado na *terra* e no *povo* sul-rio-grandense – segundo vimos na primeira parte deste trabalho –, foi também dado a ler através das representações sobre o herói farroupilha. Atendendo este objetivo, buscaremos perceber de que forma as imagens construídas pelas narrativas conferiram um sentido heróico ao sul-rio-grandense, do passado e do presente.

Literatura: a Formação do Panteão Rio-grandense e os Primórdios da Escrita da História do Rio Grande do Sul no século XIX. 2009. 196 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009, p. 183.

¹⁶² LAZZARI, Alexandre. Op. cit., p. 84. Conforme o historiador: “Das biografias dos notáveis à romantização do passado farrapo, monarquistas, republicanos, conservadores e liberais dos mais diversos matizes esforçavam-se por apresentar nomes, atitudes, narrativas e símbolos que pudessem transcender facciosismos e criar referências comuns para a consciência cívica dos rio-grandenses”. Ibidem, p. 83.

¹⁶³ GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. *O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória*. Op. cit., p. 39.

¹⁶⁴ “Na verdade, todo discurso histórico é suscetível aos usos políticos, seja ele realizado pelo seu autor, pelos seus destinatários, ou ainda por um dever conferido na relação particular que os segundos mantêm com o primeiro. Narrativas de origem, que enraízam os privilégios de um grupo humano em um território, invocando autoctonia, ou que inscrevem o destino de uma nação em uma duração. Relatos de fundação ou de ruptura, que colocam em cena um princípio absoluto, como a Revolução Americana, depois a francesa, de acordo com suas modalidades tão diferentes. (...) É evidente que diversas dessas modulações se entrecruzam, se confundem no seio dos discursos históricos infinitamente mais complexos e mais sutis, que não permitem perceber este aviso elementar”. HARTOG, François; REVEL, Jacques (dir.). *Les usages politiques du passé*. Paris: Ed. Ehes, 2001, p. 14, tradução nossa.

2.1 Os heróis (do passado): o panteão farroupilha nas páginas dos jornais

Guardadas as diferentes características editoriais, os jornais analisados apresentam em seu conteúdo uma galeria de nomes relacionados à Revolução Farroupilha. Dos textos que narraram determinados episódios da epopeia, até as ilustrações de alguns dos personagens vinculados a este evento, formaram-se representações que compunham o “panteão farroupilha”. De acordo com Nora, “quanto mais grandiosas fossem as origens tanto mais elas nos tornariam maiores. Somos nós que somos venerados através do passado.”¹⁶⁵ Tendo em vista este aspecto, questionaremos nesta seção quais foram os elementos criadores da “grandeza” que fez o presente reconhecer-se no passado.



Imagem 6 – Imagem de David Canabarro. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 20 set. 1935. (MCSHJC)

¹⁶⁵ NORA, Pierre (org.). *Les lieux de mémoire*. La République. t. 1. Paris: Gallimard, 1984, p. 31.

A edição comemorativa do centenário farroupilha publicada pelo *Diário de Notícias*, apresentou uma sequência dos “notáveis farrapos”, estando entre eles a figura do general David Canabarro [imagem 6]. O componente militar, a aparência aguerrida e a expressão de hombridade, presentes na imagem, acordam com o texto que a segue, da autoria de Othelo Rosa¹⁶⁶.

Na descrição do autor, David Canabarro surge como um “*homem volumoso espadaudo, de olhar semi-cerrado, em que transluz perenemente uma chama de malícia alegre*”¹⁶⁷. Aliada aos atributos físicos, o autor aponta também a vocação para a guerra: “*o guerreiro gaúcho tem qualquer coisa de **sobrehumano**. A sua tenacidade é prodigiosa. A sua energia assombra. O seu **tino militar** espanta*”¹⁶⁸. Para o autor, tais atributos eram manifestações de um “tipo rio-grandense”, comum a todos os gaúchos: “*n'um resumo fiel, as **qualidades nativas da gente gaúcha**, estruturada nesse panorama físico e moral, para todo o sempre perdido, do aspero e belo Rio Grande de antanho*”¹⁶⁹. Assim como evidenciamos em algumas das narrativas estudadas no capítulo anterior, Othelo Rosa encontra no período antecedente ao do episódio farroupilha, os fatores que explicam a “essência” gaúcha:

*Ele é desses valentes tranquilos, magníficos, feitos no tumulto dos entreveros, ao fragor alucinante das cavalaria em rodão. Ele tem face a face do perigo, na vizinhança da morte, aquela perenidade perfeita, augusta, que foi, **no riograndense de ontem, traço fundamental e marcante**. Do **açoriano**, de que provinha, ele guardava a devoção do dever, aquele “brio antigo de cumprir pontualmente a obrigação”, a que alude Antero de Figueiredo. A sua vontade é modelada em aço: e ele sabe manter, o que é uma **tradição de raça**, na asperesa de seu feito, lealmente aos seus companheiro, fidelidade inviolável nos seus compromissos*¹⁷⁰.

A referência à ascendência do general David Canabarro, aproxima-se das narrativas de Fernando Osório¹⁷¹ e Manoel Duarte¹⁷² no que concerne à influência do

¹⁶⁶ Othelo Rodrigues Rosa iniciou sua carreira como Conselheiro Municipal, em Taquari. Foi secretário particular do governador Borges de Medeiros e subprocurador geral do Estado Rio Grande do Sul. Entre os anos de 1926 a 1930, foi diretor do jornal *A Federação*, e de 1926 à 1930, do *Jornal da Noite*. Na ocasião do Centenário Farroupilha, ocupava o cargo de Secretário da Educação e Saúde Pública, no governo Flores da Cunha. Como historiador, ele atuou junto ao IHGRS, desde 1930. MARTINS, Ari. Op. cit., p. 130.

¹⁶⁷ ROSA, Otelo. David Canabarro. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 set. 1935 (2ª secção), s/p.

¹⁶⁸ Ibid.

¹⁶⁹ Ibid.

¹⁷⁰ ROSA, Otelo. Op. cit.

¹⁷¹ OSÓRIO, Fernando. Op. cit.

¹⁷² DUARTE, Manoel. Op. cit.

imigrante açoriano. Ao encontro dos autores anteriormente citados, Othelo Rosa aponta a origem étnica como um dos elementos unificadores do gaúcho, integrado ao conjunto de fatores que tornaram os farrapos “*uma geração predestinada*”¹⁷³. Até o momento, evidenciamos que o excepcionalismo identificado aos farrapos pretendeu representar uma particularidade diante das demais regiões, porém não contrária à ideia de pertencimento à nação. Os heróis, relacionados nas narrativas como arquétipos do rio-grandense, foram, ao mesmo tempo, considerados símbolos da nação. A partir da figura de David Canabarro, Othelo Rosa, por exemplo, atribui um caráter nacional ao movimento farroupilha:

*Soldado animoso e rude, a quem o tempo minguou para adquirir educação literaria, ele realizara o milagre de ser um dia a expressão autentica de ideias luminosas e altas. O seu espirito, esclarecido apenas pela **força poderosa de um instinto**, a que a rija disciplina das milicias aplainara as arestas, de todo se integraria nesse idealismo soberbo – “Visão antecipada da realidade” – **que transforma os farrapos em precursores da ideologia federativa no Brasil**, em martires concientes e incomparaveis de um anseio que se estratificara nas camadas profundas da **nacionalidade***¹⁷⁴.

Outros personagens foram lembrados pelas edições comemorativas do centenário farroupilha, porém com menor destaque¹⁷⁵. Assim como no caso do general David Canabarro, os textos, seguidos das imagens dos farroupilhas, nobilitaram o componente militar destes homens, apregoando o brio, a bravura, e os postos por eles ocupados durante o período da Revolução Farroupilha. No jornal *Diário de Notícias*, Manduca Carvalho [imagem 7] e Manoel Lucas de Oliveira [imagem 8], foram alçados à categoria de “vultos da epopeia”. Suas imagens, consideradas as “*mais altas expressões da bravura gaúcha*” foram, assim, vinculadas à ideia do “*destemor dos rio-grandenses*”¹⁷⁶.

¹⁷³ ROSA, Othelo. Op. cit.

¹⁷⁴ Ibid.

¹⁷⁵ Mesmo os nomes que ganharam menos espaço nas edições comemorativas, foram incluídos na galeria de heróis, composta por imagens e breves textos biográficos. Encontramos ao lado de nomes como os de Bento Gonçalves e Antônio Vicente da Fontoura, sempre lembrados entre os ícones da Revolução Farroupilha, outros personagens que não mereceram o mesmo destaque: Antônio Ribeiro, Frutuoso Borges da Fontoura, dentre outros. Ver anexo 1 ao 14.

¹⁷⁶ Vulto da epopeia farroupilha. Manduca Carvalho. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 5.



Imagem 7 – Imagem de Manduca Carvalho, publicada pelo *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 5.



Imagem 8 – Imagem de Manoel Lucas de Oliveira, publicada pelo jornal *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 5.

Também vemos incidir sobre estes atores o sentido nacional da causa farroupilha, cujas ações justificavam-se porque ocorriam “*em defesa do Brasil*”. Como demonstração deste sentimento, o texto relaciona o seguinte pronunciamento de Manoel Lucas de Oliveira:

*Resta lembrar-vos, riograndenses! Que cumpre desviar desse momento em diante quanto seja capaz de eclipsar tanta gloria, quanto possa desvirtuar vossos feitos, baixar-vos de ambição, enfim, quanto possa obstar que vossos ilustres voem a seculos remotos com aquele esplendor de que por tantos titulos, por tantas provas sois dignos. **Dizei comigo – somos outra vez brasileiros – seremos sempre idolatras de liberdade Constitucional.** – Campo em Poncho Verde, 28 de fevereiro de 1845. – Manoel Lucas de Oliveira¹⁷⁷.*

Percebemos, ainda, o destaque atribuído à pretensa abnegação destes personagens, como uma prova do seu devotamento: “Concluida a revolta, Manduca Carvalho, sem nada, voltou a sua terra para ganhar com seus trabalhos o pão de cada dia”¹⁷⁸. O mesmo pode ser observado em relação à figura de Manoel Lucas de Oliveira:

Na campanha contra Rosas, em 1851, o coronel Lucas comandou uma brigada de reserva. Conta o aludido biografo, sr. José Reis, que foi encarregado da compra da cavallhada para a remonta do exercito, sendo-lhe assim entregues avultadas quantias. Terminada a incubencia, Lucas devolveu à Alfandega do Rio Grande a importancia de 60:000\$000, de economias que fizera. O fato documenta, ainda uma vez, a honradez proverbial dos farrapos; e é de notar-se que Lucas, a esse tempo, estava pobre¹⁷⁹.

Em edição dedicada aos cem anos do episódio farroupilha, o jornal *Correio do Povo* recordou alguns nomes da revolução, com especial destaque a Bento Gonçalves da Silva. Notamos, nas impressões de Virgílio Várzea¹⁸⁰, a referência a um homem abnegado de interesses individuais, como nas descrições de Manoel Lucas de Oliveira e Manduca Carvalho, destacados como “vultos da epopeia farroupilha” pelo *Diário de Notícias*:

*Alma constitucionalmente estóica era por isso mesmo um desprendido, modesto e sem ambições. Dispunha de uma inteligencia activa e útil, e de grande experiencia escudada no seu caráter inteiriço: e todo ele se devotava ao bem **colectivo** de seus coprovincianos e a boa marcha da administração publica. Soldado-cidadão elle era comparado, salva a differença dos tempos, aos grandes varões de Roma. Sem elle não se faria a revolução que estava imminente, nem a republica, supremo desiguio dessa revolução. Desenteressada até ao sacrificio e de uma moral elevadíssima, immaculada, só tinha em mira o bem do povo e o egrandecimento da terra natal¹⁸¹.*

¹⁷⁷ Vulto da epopeia farroupilha. Manduca Carvalho. Op. cit.

¹⁷⁸ Ibid.

¹⁷⁹ Ibid.

¹⁸⁰ Virgílio Varzea foi articulista da *Gazeta Carioca*, e membro do IHGSC. PACHECO, Graziela. *Aninha do Bentão*: representações de Anita Garibaldi na obra de Walter Zumblick. Monografia (Graduação em História). Centro de Ciências Humanas e da Educação, UDESC, 2007, p. 19.

¹⁸¹ VARZEA, Virgilio. Bento Gonçalves. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 2.



Imagem 9 – Imagem de Bento Gonçalves, publicada pelo jornal *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 20.

A descrição minuciosa do líder farrapo edifica a figura de um homem forte, “alto (segundo o pesquisador Alfredo Ferreira Rodrigues) medindo 1,79 conforme verificou, pelo proprio esqueleto do heroe. (...) sadio, robusto, sem ser volumoso ou atletico, antes esguio e rijo, arcabouço só músculos e ossos espáduas amplas”¹⁸². Tal composição formava a condição “natural” de sua vocação militar, também reforçada pela imagem que observamos acima, que o levou a optar pela “vida das armas”¹⁸³ ao invés do seminário.

O “centauro”, conforme destaca Pesavento, é um dos componentes historicamente vinculados ao *ethos* gaúcho¹⁸⁴. Para Zalla, a figura do centauro, formada pela união do homem e do cavalo, “simboliza a simbiose do peão e do animal na Pampa Gaúcha, expressando um arquétipo utilizado pela literatura especializada desde o século XIX: o

¹⁸² VARZEA, Virgilio. Op. cit.

¹⁸³ Ibid.

¹⁸⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. Op. cit., p. 388.

gaúcho a cavalo”¹⁸⁵. O prolongamento da Revolução Farroupilha deve-se, na visão de Reichardt¹⁸⁶, “a peculiaridade da luta no sul”:

*Na campanha, diz um entendido, não se faz guerra sem cavalos. A cavalaria é a mais importante necessidade e o mais poderoso elemento de guerra. Os legalistas, com Caxias, tiveram a maior cavalcada que chegou a 35.000 cavalos. Os revolucionários dispunham de 45.000. Consistia nisso o segredo de seus movimentos rápidos e as vezes incríveis. Um soldado, ali, não pode considerar-se montado, sem ter pelo menos, 3 e 4 cavalos que é obrigado a usar revesadamente*¹⁸⁷.

No *Diário de Notícias*, André Carrazzoni¹⁸⁸ lembrou de Antonio de Souza Netto como o “chefe da famosa cavallaria que esculpiu no pampa rio-grandense os ageis grupos equestres das suas legiões de centauros (...)”¹⁸⁹. Tal qualidade foi mencionada no texto de Várzea, como algo inerente ao sul-rio-grandense, e que fazia de Bento Gonçalves “um perfeito gaúcho”:

*A equitação – tendência, insopitável, natural e constitucionalmente característica do povo rio-grandense – o arrebatará desde muito novo. Quando apareceu à frente da primeira guerrilha, era já um perfeito gaúcho e atirava todas as armas, aptidão que levou depois, pelo exercício e pratica contínuos, à suprema perfeição*¹⁹⁰.

As figuras do militar e do estancieiro estiveram do mesmo modo presentes nas imagens que ilustraram as capas das edições comemorativas do *Diário de Notícias* [imagem 10] e do *Correio do Povo* [imagem 11] ¹⁹¹.

¹⁸⁵ ZALLA, Jocelito. *O centauro e a pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas*. 2010. 320 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010, p. 18.

¹⁸⁶ Herbert Canabarro Reichardt formou-se na Faculdade de Direito de Porto Alegre, trabalhou como Auxiliar da Auditoria de Guerra da I Região Militar do Rio de Janeiro, e como Promotor da Justiça Militar. Foi membro do IHGB e do Instituto Nacional de Ciência Política. MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978, p. 475.

¹⁸⁷ REICHARDT, H. Canabarro. Bento Gonçalves: a ação – o militar. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 set 1935, p. 20.

¹⁸⁸ Cursou a Faculdade de Direito de São Paulo, e iniciou seu trabalho como jornalista no periódico *A Elite*, em Quaraí. Foi redator dos jornais *Diário de Notícias*, *Correio do Povo* e *Jornal da Tarde*, em Porto Alegre; e nos jornais *O Radical*, *A Noite*, *A Hora* e *Folha Carioca*, no Rio de Janeiro. MARTINS, Ari. Op. cit., p. 130.

¹⁸⁹ CARRAZZONI, André. Mythos, symbolos, legendas. *Correio do Povo*, Porto alegre, 8 set. 1935, p. 6.

¹⁹⁰ VARZEA, Virgílio. Op. cit.

¹⁹¹ Cabe destacar a análise de Zalla sobre a trajetória intelectual e a obra de Luiz Carlos Barbosa Lessa. Dentre os momentos da biografia histórico-intelectual do tradicionalista sul-rio-grandense, o historiador trata das representações sociais sobre a figura do gaúcho, manifestadas por alguns estudantes do Colégio Júlio de Castilhos, entre eles João Carlos Paixão Côrtes e Barbosa Lessa: “Simbolicamente, a primeira atividade do grupo, o qual começara a se articular cerca de um mês antes como um ‘Departamento de Tradições Gaúchas’ do Grêmio Estudantil do ‘Julinho’, que viria a se constituir em seu primeiro rito

As pinturas publicadas pelos jornais citados acima, trazem as assinaturas de dois pintores formados pela Escola Nacional de Belas Artes: Orózio Herculano Belém e Armando Vianna¹⁹². Certamente o fato de encontrarem-se os nomes dos dois artistas com formação em comum, nas publicações do 20 de setembro, não se resume a uma simples coincidência entre o *Diário de Notícias* e o *Correio do Povo*. Podemos pensar, ao invés disso, que ambos jornais empenhavam-se na realização de exemplares tão grandiosos quanto a data centenária, e que a apresentação dos trabalhos dos pintores vindos da capital do Brasil pretendia mostrar o valor das edições.

Além da figura de Bento Gonçalves¹⁹³ e da legenda que lembra os cem anos do episódio farroupilha, as gravuras apresentam outros pontos em comum, explicados, talvez, pelas influências artísticas na Escola Nacional de Belas Artes. Conforme Mosani e Stori Jr., o ensino de desenho na referida instituição durante a segunda metade do século XIX, era orientado pelo Neoclassicismo francês¹⁹⁴. Dentre as características deste movimento, interessa-nos o retorno a concepção estética greco-romana.

Vemos assim que, na edição do *Correio do Povo*, Bento Gonçalves está à frente de uma representação de *Niké*, deusa grega da vitória¹⁹⁵. A obra de Orózio Belém demonstra algumas semelhanças com uma das imagens já encontradas de *Niké*, localizada no Sítio Arqueológico de Éfeso. Como na escultura da *Niké de Éfeso*, esta possui asas, carrega uma coroa de louros na mão, e tem o peito direito descoberto. O líder farroupilha, seguido pela deusa da vitória, está montado em um cavalo e vestindo

específico regular, incorporado oficialmente em 1964 ao calendário de efemérides do Estado como ‘Semana Farroupilha’, sintetiza as duas figuras privilegiadas nos discursos regionalistas, literários e historiográficos, precedentes: o *militar-estancieiro*, conquistador do território, defensor das fronteiras e, devido ao episódio farroupilha, esteio da liberdade e da república, e o *campesino*, arraia miúda das tropas dos generais, mas, e principalmente, povoador dos descampados, peão e lavrador, construtor do Rio Grande, fundamento da economia e origem da cultura regional” (grifo do original). ZALLA, Jocelito. Op. cit., p. 145.

¹⁹² Sobre o trabalho dos artistas, ver em: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas. Acesso em: 17/10/2011.

¹⁹³ Apesar do jornal *Correio do Povo* não destacar em sua legenda o nome do general Bento Gonçalves, como fez o *Diário de Notícias*, podemos supor que trata-se de uma ilustração do herói farroupilha, se considerarmos as semelhanças com as representações sobre o mesmo e que, afinal, este era tido como o líder máximo entre os farrapos.

¹⁹⁴ MOSANER Jr., Eduardo; STORI, Norberto. O ensino de Artes no Brasil. *Sinergia*, São Paulo, v. 8, n. 2: 135-143, jul./dez, 2007, p. 146. Disponível em: http://www.cefetsp.br/edu/prp/sinergia/complemento/sinergia_2007_n2/pdf_s/sinergia_2007_v8_n2.pdf#page=66. Acesso em: 19/10/2011.

¹⁹⁵ FEITOSA, João Vinícius Gondim. Rito e cura no culto de Asclépio no final do período clássico. *Nearco*, Rio de Janeiro, UERJ, v. 4, n. 2: 125-137, 2011, p. 133. Disponível em: <http://www.nea.uerj.br/nearco/arquivos/numero8/8.pdf>. Acesso em: 07/11/2011.

uma farda militar. Homens usando lenços, chapéus e bombachas, também a cavalo, mas menores do que Bento Gonçalves, parecem aclamá-lo.



Imagem 10 – Capa da Edição Comemorativa do Primeiro Centenário da Revolução Farroupilha, publicada pelo jornal *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 20 de setembro de 1935. (MCSHJC)

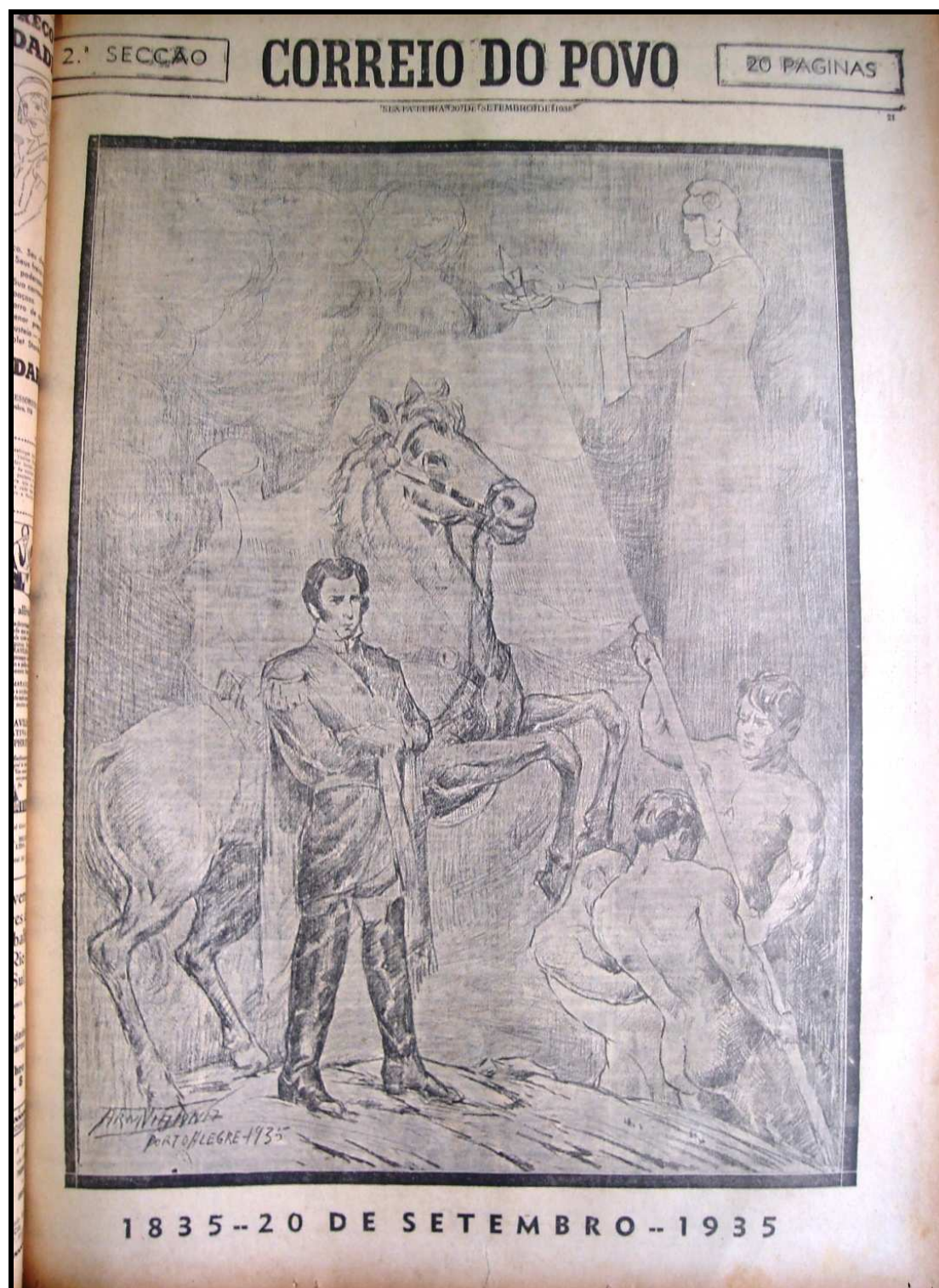


Imagem 11 – Capa do Jornal *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 de setembro de 1935, 2ª seção. (AHPAMV)

A nudez, presente na imagem de *Niké*, foi também explorada no desenho de Armando Vianna. Ao lado Bento Gonçalves vemos três homens despidos, erguendo uma bandeira, que talvez represente a República Rio-Grandense. Verificamos, novamente, a figura de uma alegoria sobre a qual, embora acreditemos ser uma referência a um deus grego, não podemos afirmar sua identificação exata. Sabemos, no entanto, que uma coroa de louros, como a que ele aproxima da bandeira, era entregue aos vencedores dos jogos Píticos em honra ao deus *Apolo* realizados em Delfos¹⁹⁶. Se o autor pretendia simbolizar a República Rio-Grandense com a bandeira que se erguia, quem sabe possamos concluir que *Apolo* entregava a coroa de louros para os “vitoriosos” farrapos.

Vemos, deste modo, as imagens comporem uma narrativa visual que cumpre determinada função pedagógica, fazendo lembrar e exaltando os heróis do passado, conforme observamos, também, nas narrativas textuais. Portanto, consideramos as imagens analisadas mais do que “disponíveis” em um sistema de comunicação visual; mas, como alerta Meneses, vemo-las como “imagens de referência, recorrentes, catalisadoras, identitárias”¹⁹⁷.

Sem dúvida, este conjunto de imagens (textuais e visuais) foi criado a partir de questões colocadas pelo presente que rememorava a Revolução Farroupilha. Buscamos, neste sentido, perceber quais foram os usos do passado heroico dos farrapos.

2.2 Os heróis (do presente): os sucessores farroupilhas reconhecidos pela imprensa

Além das narrativas sobre os virtuosos heróis farroupilhas, os eventos em homenagem aos cem anos da epopeia ganhavam espaço nas páginas dos jornais. Noticiários sobre as cerimônias ocorridas durante a programação da Exposição do Centenário Farroupilha destacavam a presença dos “ilustres chefes de governo” em bailes e jantares, frequentados por autoridades civis e militares. Dentre as atividades

¹⁹⁶ ROCHA, Fabio Bianchini. Mito e religião nos festivais esportivos gregos do período clássico. *Nearco*, Rio de Janeiro, UERJ, n. 1: 117-124, 2008, p. 122.

¹⁹⁷ MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma “História Visual”. In.: ECKERT, Cornelia; MARTINS, José de Souza; NOVAES, Sylvia Caiuby (Orgs.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2005, p. 35.

noticiadas, chamou-nos a atenção a publicação do jornal *A Federação*, referente ao banquete realizado no Casino Farroupilha [imagem 12].

Ocupando o espaço de manchete do dia, a notícia deste evento se estendeu por toda a primeira página do jornal, apresentando, inclusive, as transcrições dos discursos pronunciados na ocasião do banquete [imagem 12]. Ao centro da página, encontra-se o discurso do governador Flores da Cunha, e à sua direita, na parte inferior e com fonte menor, o pronunciamento do presidente Getúlio Vargas. Na mesma página, o texto “*O estadista que o Brasil não pode desconhecer*”, com fonte e espaçamentos diferenciados, tece comentários sobre o governador Flores da Cunha. Embora o *Jornal da Manhã* [imagem 13] tenha destinado uma página inteira à notícia do acontecimento, o destaque de primeira página atribuído pela *A Federação* não se repete neste jornal, assim como no *Correio do Povo* [imagem 14 e 15] ¹⁹⁸.

Segundo Rangel, a rivalidade entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas ficou explícita durante as comemorações do centenário da Revolução Farroupilha, em uma foto onde um está sentado de costas para o outro ¹⁹⁹. Como lembra o autor, naquele período Getúlio Vargas condenava Flores da Cunha por ter insinuado que o governo federal pretendia boicotar os interesses dos gaúchos, enquanto este acusava o presidente de ter planejado um golpe que o destituiria do seu cargo ²⁰⁰. Em meio a este conflito, os dois governantes, aliados ou não, reuniram-se na noite do banquete, que, segundo o *Jornal da Manhã*, foi oferecido por Flores da Cunha ao chefe da Nação ²⁰¹. Como podemos ver nas imagens das páginas seguintes, os jornais destacaram, também em fotografias, as figuras presentes nas solenidades, com atenção especial aos governantes acima citados.

¹⁹⁸ Não foi possível consultar a edição do dia 24 de setembro do *Diário de Notícias*, pois esta não foi localizada no acervo do MCSHJC. No entanto, é possível pensarmos que os discursos de Flores da Cunha e Getúlio Vargas tenham sido publicados por este jornal, pois no dia 22 de setembro ele anunciava o banquete que seria realizado naquela noite, no seguinte texto: Os festejos do centenário farroupilha. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 22 set. 1935, p. 6.

¹⁹⁹ RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. Op. cit., p. 32.

²⁰⁰ Ibid., p. 32.

²⁰¹ O governo do Estado homenageou domingo o Chefe da Nação. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 24 de setembro de 1935, p. 8.



Imagem 12 – Capa do jornal *A Federação*, Porto Alegre, 23 de setembro de 1935, p. 1. (AHPAMV)



Imagem 13 – Discurso do presidente Getúlio Vargas e do governador Flores da Cunha, publicados pelo *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 24 de setembro de 1935, p. 8. (MCSHJC)



Imagem 14 – Discurso de Flores da Cunha, publicado Correio do Povo, Porto Alegre, 24 de setembro de 1935, p. 10. (AHPAMV)

Imagem 15 – Discurso do presidente Getúlio Vargas, publicado pelo *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 de setembro de 1935, p. 11. (AHPAMV)

Flores da Cunha inicia seu discurso saudando o “Exmo. Sr. Presidente da Republica”, a quem direciona quase toda sua fala:

Quis V. Excia. Snr. Presidente da Republica, com a sua presença, revestir da mais significativa solenidade, a festa maxima do nosso Estado. Em verdade, nem o seu coração nem o seu espirito permitiram a V. Exa. estar ausente destas comemorações.

Filho destes pagos queridos, V. Exa. não se conformaria em estar longe, quando eles estremecem de tamanha emoção e de tão profundos sentimentos civicos. O amor á terra tinha de ser e foi, para maior alegria nossa, mais forte que os óbices decorrentes dos seus graves encargos, que bem poderiam te-lo afastado desta imponente celebração. Pelas mesmas razões é que o Rio Grande sempre esteve e estará com V. Exa., nas horas felizes e nos dias difíceis²⁰².

Partindo do Rio Grande do Sul, como o lugar de origem de Getúlio Vargas, o governador cria um vínculo entre a região e o presidente, motivando um compromisso mútuo entre as partes. Remetendo esta ligação à revolução de 1930, Flores da Cunha lembra do “Rio Grande de pé pelo Brasil” e ao lado de Getúlio Vargas. Assim, o governador gaúcho tenciona certo reconhecimento e retribuição, por parte do presidente, em relação ao Estado:

Ha cinco anos, vibração civica semelhante á de hoje levantava os riograndenses para mais uma das suas batalhas e era V. Exa. o seu chefe. Em torno do seu nome o Rio Grande se pôs de pé pelo Brasil e venceu com o Brasil a mais bela das nossas vitórias nacionais pelo direito e a democracia.

(...) Nos momentos de socego ou na agitação da luta, o Rio Grande sempre esteve ao lado do seu filho ilustre e bem grato lhe é que o Chefe da nação tenha vindo compartilhar, em torno do fogão dos pagos, do jubilo de todos os seus conterrâneos.

*Gradualmente, seguramente, o seu Governo foi reconstruindo o novo edificio politico, administrativo e economico do Brasil. Hoje, mercê de Deus desfrutamos da paz, da tranquilidade coletiva que permite ás energias do pais **iniciarem uma época de trabalho e prosperidades** gerais.*

(...) O Rio Grande confia tambem no Governo de V. Excia. para o completo desenvolvimento e prosperidade de suas forças vivas, na tranqüila certeza de que lhe não faltarão o estímulo e o apoio da União Federal, em cujo seio queremos trabalhar pela felicidade e a grandesa da patria²⁰³.

²⁰² A empolgante oração de ontem do Gal. Flores da Cunha. A Federação, Porto Alegre, 23 set. 1935, p.

1.
²⁰³ Ibid.

Neste discurso, Getúlio Vargas surge como uma saída às “*calamidades da demagogia e das humilhações do despotismo*”²⁰⁴, inaugurando uma nova etapa na história do Brasil e do Rio Grande do Sul. Esta ideia aproxima-se do tipo de narrativa assinalada no capítulo anterior, na qual a Revolução Farroupilha foi considerada a “*pedra fundamental*”²⁰⁵ do destino do gaúcho. No mesmo sentido, em artigo publicado pelo *Correio do Povo*, Russomano distingue o contexto do centenário pelo “*fato de estar no governo da República um gaúcho*”²⁰⁶. Para o autor, o governo de Getúlio Vargas constituía um marco na história do Rio Grande, por romper com o “*isolamento geographico e politico que afastou, por muito tempo, o Rio Grande de uma intervenção mais directa, no rumo dos negocios politicos do Paiz*”²⁰⁷. É possível pensarmos que aqui há uma alusão à “vitimização” do Rio Grande, pois um dos argumentos que tentava legitimar a Revolução Farroupilha recorria ao aspecto geográfico para afirmar a condição de esquecimento dos interesses da Província, como veremos adiante.

Na mesma página do jornal *A Federação*, encontramos o texto que tratou sobre o discurso proferido por Getúlio Vargas, também na ocasião do banquete, e a sua visita ao Estado. Notamos nesta narrativa algo semelhante ao que indicamos para o discurso de Flores da Cunha, concernente ao conceito de continuidade atribuído à figura do presidente:

*Getulio Dorneles Vargas, preclaro presidente da Republica, que vem ao seu Estado natal inaugurar o grande certame comemorativo da epopéa farrapa de 35. S. Exa. que é **decendente ilustre dos nossos mais gloriosos ancestrais**, não poderia encontrar-se num posto mais condigno, qual seja o de chefe supremo da Republica, para presidir os festejos de uma época que consagra e glorifica uma geração de heróis, cujo espirito republicano constituiu o seu mais intenso ideal de vida. Perfeitamente identificado com as nossas tradições e o nosso passado historico, e, profundamente ligado ao espirito republicano de seu povo, foi sempre S. Exa. **um continuador do ideal dos batalhadores invictos de 35 e um realizador dos sonhos democráticos de Piratini***²⁰⁸.

Deste modo, o Rio Grande parecia viver em 1935 o resultado de um projeto iniciado há cem anos pelos “*batalhadores invictos*”, protagonizado agora por Getúlio Vargas, considerado herdeiro de uma estirpe heroica e do “*espirito republicano*” dos

²⁰⁴ A empolgante oração de ontem do Gal. Flores da Cunha. Op. cit.

²⁰⁵ As festas do Centenário Farroupilha. Op. cit.

²⁰⁶ RUSSOMANO, Victor. Op. cit.

²⁰⁷ Ibid.

²⁰⁸ Presidente Getulio Vargas. *A Federação*, Porto Alegre, 19 set. 1935, p. 1.

farrapos. Como Flores da Cunha, Getúlio Vargas referiu-se à Revolução de 1930 em seu pronunciamento. No entanto, o texto do presidente apresenta outros aspectos a serem observados, relacionados à correspondência estabelecida entre os episódios de 1835 e 1930:

Tenho bem vivo ainda o espetáculo memorável do Rio Grande, ao declarar-se de pé pelo Brasil, em 1930. Atravessávamos período que, sob muitos aspectos, repetia a situação política de 1835. O regime se abastardara, desfigurado pelos corrilhos partidários e amolecido no seio das oligarquias imperantes. O caciquismo instalado no poder distribuía os benefícios públicos segundo a medida das preferências domésticas. Em crise a economia da Nação, em crise a estrutura do regime, desesperava-se e ao mesmo tempo anelava-se por uma reação saneadora.

*Desprezando o comodismo das situações criadas, saltando sobre todas as conveniências de ocasião, o **povo riograndense ergueu-se de novo, como um só homem, para combater pela boa causa** – pela causa que transformou o Brasil, de Norte a Sul, num campo de insurreição reivindicadora, tão espontânea e empolgante que ficará sendo o primeiro movimento em que a Nação pôde sentir-se a si mesma, em toda a plenitude da sua vitalidade cívica, moça e impetuosa²⁰⁹.*

Para Getúlio Vargas, o Rio Grande revivia o passado farroupilha, em dois aspectos: na denúncia de um esquecimento da região, frente à repetição de uma política centralizadora; e na designação *sui generis*, de “soldado” do Brasil. Notamos que a comparação entre os dois eventos pressupõe uma ligação entre o passado e o presente, cujo elo se encontraria no pioneirismo sul-rio-grandense no cenário nacional. Desta forma, mais uma vez o Rio Grande participava de um movimento que contagiava todo país, como ocorrera durante o período regencial. Logo, assim como o passado farroupilha estava refletido no presente, este edificava o futuro da nação. O destino brasileiro, determinado pelo pioneirismo dos gaúchos em 1930, estava, portanto, consolidado em seu próprio governo:

*Cinco anos já decorreram do memorável acontecimento. Si outros benefícios não houvessem produzido, bastaria, para consagra-lo, esse **despertar da consciência nacional** ante o descalabro da sua vida política e econômica. Mas, felizmente, neste curto espaço de tempo, já é possível verificar a sadia repercussão que ele teve em todos os sectores da vida do país, podendo-se afirmar que uma **nova era se abriu** ao seu engrandecimento. Acelerou-se, através de medidas oportunas e de iniciativas fecundas, o ritmo da nossa expansão econômica. Instaurou-se o processo de saneamento que está*

²⁰⁹ O notável discurso do chefe da nação no banquete. *A Federação*, Porto Alegre, 23 set. 1935, p. 1.

*modificando de alto a baixo a estrutura politica da Nação e os seus metodos administrativos. Apenas restabelecida a ordem, viu-se o espetaculo inédito de uma representação legitimada pelo sigilo do voto e a garantia da justiça togada. Continúa ainda, é certo, defeituosa e incompleta a nossa educação politica. Sobram-nos, porém, motivos para confiar no seu aperfeiçoamento*²¹⁰.

Ao final do discurso, Getúlio Vargas retribui a homenagem de Flores da Cunha, reafirmando a sua ligação com o Estado, enaltecendo o governador e identificando-o à imagem heroica dos farroupilhas:

*Vim ao Rio Grande do Sul, numa hora de jubilo civico e de expansões patrióticas e a elas me associo com sincera efusão de alma. Agradecendo a expressiva homenagem que me prestais e que tanto me sensibiliza e tóca o coração, apresento as minhas congrulações ao General Flores da Cunha, não só pelo brilho excepcional destas comemorações, como também pela circunstancia feliz de, em momento de tamanha significação, presidir o Governo do nobre povo riograndense, **a que vem servindo com inescedivel devotamento e cujas virtudes cavalherescas dignamente encarna – bravo, leal e generoso – como bom descendente da heroica estirpe farroupilha.***

*Ao Rio Grande do Sul, [apagado]no culto das mais puras tradições, sem diferenças de [apagado] ou de matizes politicos, ao Rio Grande do Sul e ao seu Governo, esta saudação comovida do **riograndense e brasileiro** reverencian-do a memoria gloriosa dos nossos antepassados e exprimindo profunda fé nos altos destinos da nossa Patria!*²¹¹

Não podemos deixar de observar a ênfase do presidente ao afirmar-se “*riograndense e brasileiro*”. Talvez possamos inferir desta ressalva, o cuidado que ele manifesta diante da comemoração do episódio que proclamou a República Rio-Grandense, e das versões que afirmavam o separatismo farroupilha²¹².

Ao lado do discurso do presidente, outro texto colocava em destaque o governador Flores da Cunha, cujo título anuncia a importância depositada em sua

²¹⁰ O notável discurso do chefe da nação no banquete. Op. cit.

²¹¹ Ibid.

²¹² Em 1933, por exemplo, Alfredo Varela publicou a polêmica obra “*História da grande revolução: o cyclo farroupilha no Brasil*”, na qual defende o caráter separatista do movimento farroupilha. Apesar de concordar com o republicanismo dos farrapos, Varela atribuía este aspecto às influências das Repúblicas do Prata, e às relações entre Bento Gonçalves e o uruguaio Lavalleja. SCHEIDT, Eduardo. O processo de construção da memória farroupilha. *Revista de história*. São Paulo, USP, n.147:189-209, 2002, p. 196. Sobre o tema das relações diplomáticas do Império e da República Rio-grandense com as províncias da Bacia do Rio da Prata, ver: GUAZZELLI, César Augusto. *O Horizonte da Província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. 1997. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1997.

imagem: “O estadista que o Brasil não pode desconhecer”²¹³. Ao encontro do discurso do presidente Getúlio Vargas, esta narrativa institui uma conexão entre passado-presente-futuro, baseada na permanência das virtudes farroupilhas, personificadas no governador Flores da Cunha:

*O magistral discurso do Governador do Estado, no momento em que o Rio Grande dava início aos festejos comemorativos do primeiro Centenario Farroupilha e inaugurava, ao mesmo tempo, a maior demonstração já realizada do seu extraordinário progresso, veio completar, magnificamente, a grande hora cívica que está vivendo o Estado, porquanto assim pôde demonstrar que seu governante é um homem que sente agudamente as vibrações da coletividade que dirige e, por consequência, pode guiá-la com alta visão administrativa e política, para os altos **destinos nacionais** que lhe estão reservados.*

*Amando **sua terra** acima de tudo, **confundido profundamente com o seu povo** nas horas dramáticas que ele tem vivido, como também nos seus momentos de alegria radiosa e feliz, o grande condutor demonstrou ainda, em seu discurso inaugural, essa consciência histórica, esse conhecimento profundo do passado de sua terra, sem o qual não se pode conceber um homem de governo capaz de conservar e desenvolver uma fulgurante civilização em **marcha ascendente para seus objetivos eternos**.*

*O Rio Grande do Sul que desfila nessa parada monumental das suas forças produtivas, das suas indústrias, do seu comércio, da sua agricultura, da sua pecuária e das suas artes, o grande certame organizado sob o rigor de uma admirável técnica moderna, o luxo e a beleza dos seus stands impressionantes, e principalmente o profundo **espírito de brasilidade** que preside os menores detalhes de sua organização, – exprime, ao mesmo tempo, o admirável grau de cultura a que atingimos e a dinâmica vontade de um governo que não encontra obstáculos para a realização de um programa administrativo que vem executando com uma precisão e uma tenacidade dignas da maior admiração.*

*Convém não esquecer, portanto, e antes proclamar bem alto e sempre, que se o Rio Grande foi uma surpreendente revelação para muitos espíritos que ainda o desconheciam, ou não o queriam conhecer, – á frente de seus **destinos** se encontra a figura singular de um homem que, tendo as mesmas virtudes primárias dos velhos **antepassados** cuja memória sabe cultuar, sublimou-as, entretanto, no sentido das realidades presentes, criando assim um tipo de **estadista moderno** – culto, orientado, corajoso e energético, – que já agora o Brasil não pôde desconhecer²¹⁴.*

Flores da Cunha, compreendido por esta narrativa, representa o passado e o futuro do Rio Grande do Sul. Enquanto herdeiro das virtudes dos “velhos antepassados” farroupilhas, o governante parece ser predestinado à liderança da “sua terra” e do “seu

²¹³ O estadista que o Brasil não pode desconhecer. A Federação, Porto Alegre, 23 set. 1935, p.1.

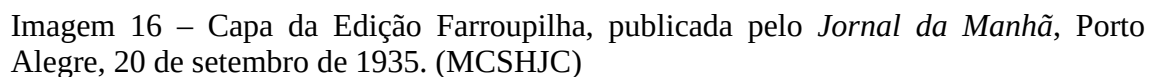
²¹⁴ Ibid.

povo”, capaz de estar à frente dos sul-rio-grandenses na “*marcha ascendente para seus objetivos eternos*”. Por outro lado, suas qualidades não se resumem apenas ao espírito legado pelos farrapos. Adaptado ao progresso em que se encontrava o Estado, Flores da Cunha surge como um “*estadista moderno*”, inscrito no presente, por elevar a sociedade sul-rio-grandense ao desenvolvimento econômico e cultural, e, portanto, no futuro, por garantir a continuidade do destino fundado em 1835. O destino anunciado pela narrativa inclui tanto os rumos do Rio Grande do Sul, como do Brasil, e em ambos se impõe a presença do governador, o qual “*o Brasil não pode desconhecer*”. Vale observarmos a pretensão de erguer a imagem de Flores da Cunha ao domínio nacional, manifestada na referência ao seu “*espírito de brasilidade*” e aos “*altos destinos nacionais*” reservados ao governador. Não buscamos com isso constatar as aspirações do governador em âmbito nacional, mesmo porque o texto analisado seria insuficiente para fazê-lo. Interessa-nos aqui, perceber como o jornal valeu-se da comemoração e da memória farroupilha para responder aos embates em questão naquele momento.

No dia 20 de setembro, o *Jornal da Manhã* trouxe em sua primeira página uma imagem que apresenta algumas semelhanças com aquelas analisadas anteriormente. Em primeiro plano, vemos um homem trajando uma bombacha e um lenço, portando uma bandeira e uma corneta, com a qual conclama outros tantos que o seguem a cavalo [imagem 16]. No entanto, ela não apresenta qualquer referência à figura específica de Bento Gonçalves, como as imagens publicadas pelos jornais *Diário de Notícias* [imagem 10] e *Correio do Povo* [imagem 11]. A representação se refere aos “*Farrapos*”, que há cem anos orientavam o Rio Grande do Sul:

1835 – Ao toque de “*Avançar*”, legiões gloriosas de Farrapos surgiam de todos os recantos da gleba querida rumo às coxilhas, onde se disputava, num embate sangrento, **a liberdade da Patria**. Eram cortes de centauros imortais glorificando, com o sacrificio sublime, toda uma geração de herois e oferecendo á Posteridade a mais aurifulgente de todas as paginas da **historia brasílica**. Benditos martires do idealismo grandioso! Gloria inacessivel de uma raça de bravos! A Paz seja convosco!

1935 – Cem anos depois, as mesmas clarinadas reboam pelos espaços infindos, enchendo de alegria aquelas **mesmas coxilhas**, que sustentaram em seus dorsos magnificos os embates renhidos dos empreendedores da jornada empolgante. Na ondulação maravilhosa dos campos do Rio Grande reerguem-se os gigantes do **Passado**, contemplando o **Presente** e perscrutando o **Futuro da terra** por cuja **liberdade** se bateram. E, ao som daquelas clarinadas que não cessam nunca, e que continuam tangindo a alma do gaúcho, o Rio Grande



²¹⁵ Farrapos. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 1.

Colocados lado a lado, 1835 e 1935 entrelaçam-se na narrativa com um tempo único, ou, de acordo com Catroga, como um *presente real*, onde “*entrecruzam-se heranças e expectativas*”²¹⁶. A presentificação do passado farroupilha pode ser observada em pelo menos três aspectos: no território, na guerra, e no heroísmo de Bento Gonçalves. A paisagem das coxilhas, igualmente representada na imagem, simboliza a permanência da *terra*, marcada no passado e no presente pelo embate “*sangrento*” e “*renhido*” em nome da liberdade. Da mesma maneira, o heroísmo farrapo, preconizado em Bento Gonçalves, é atualizado em Flores da Cunha, como verificamos, também, no texto do jornal *A Federação*²¹⁷. O mesmo pode ser observado nas imagens de Flores da Cunha e Bento Gonçalves, postas no mesmo nível, significando o “presente” e o “passado” [imagem 16]. Devemos ainda ressaltar o sentido brasileiro da Revolução Farroupilha, enfatizado no motivo da luta dos farrapos, isto é, a “*liberdade da Pátria*”, e na relação do episódio com a “*história brasileira*”.



Imagem 17 – Imagem do governador Flores da Cunha e do general Bento Gonçalves, publicadas pelo *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 20 de setembro de 1935, p. 6 (MCSHJC).

²¹⁶ CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história*. Op. cit., p. 28.

²¹⁷ O estadista que o Brasil não pode desconhecer. Op. cit.

Como na imagem acima, o texto publicado pelo jornal *A Federação* estabelece um paralelo entre Flores da Cunha e Bento Gonçalves, e, desta forma, entre o presente e o passado:

Gloria e esplendor do passado, tradição e presente dos heróis redivivos na nobreza e bravura dos seus descendentes. Geração de ciclopes forjando a grandeza da patria da Liberdade, gigante estendendo a todos os quadrantes da America o rumor dos seus feitos magníficos, homens desfraldando nas ânsias de Piratini a bandeira da fraternidade e Humanidade. O orgulho da raça que descende dos titans, culminancia de sua historia, sua epopeia, o dia do passado na realização do presente. Farrapos – Gauchos , Republica do Piratini, – Republica Rio-Grandense, Bento Gonçalves – Flores da Cunha²¹⁸.

Se o passado continuava presente em Flores da Cunha, sua imagem deveria estar de acordo com o “espírito brasileiro” dos farroupilhas. Assim tentava demonstrar o artigo “*Um descendente dos Farrapos*”²¹⁹, publicado no dia anterior pelo jornal *A Nação*, no Rio de Janeiro²²⁰. O mesmo jornal apresentava no ano anterior uma matéria, questionando a autoridade do governador sobre a bancada dos deputados rio-grandenses na Assembleia Constituinte. De acordo com Elíbio Jr., Adolfo Pinto, redator do *Correio*, enviou uma carta a Antunes Cunha, irmão de Flores da Cunha, alertando o governador sobre esta publicação²²¹. Segundo o historiador, “as intrigas se espraiavam da Câmara dos Deputados às redações de jornais minando o comando de Flores e que, em resposta, criava uma rede de informantes designados a delatar os inimigos”²²². Talvez o texto abordado a seguir, seja um esforço em restaurar o desgaste da imagem do governador, e não por acaso foi publicado em ambos os jornais.

O centenário farroupilha, que poderia agitar ainda mais as polêmicas entre o poder nacional e estadual – se pensarmos no debate sobre o separatismo –, parece ter sido transformado em uma oportunidade para amenizar esta situação. Assim como nas narrativas anteriormente analisadas, Flores da Cunha aparece para o presente como um dos heróis do passado, e aqui, ainda mais claramente, como continuidade:

²¹⁸ Farrapos. *A Federação*, Porto Alegre, 19 set. 1935, p. 1.

²¹⁹ ESCOBAR, Rui. Um descendente dos Farrapos. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 22 out. 1935, p. 4.

²²⁰ O jornal *A Nação* foi fundado em 1933, por José Soares Maciel Filho e João Alberto Lins de Barros, então chefe de polícia do Distrito Federal. Conforme Marieta de Moraes Ferreira, João Alberto, preocupado em criar uma imprensa favorável ao governo de Getúlio Vargas, apoiou a criação deste periódico, destinado às classes médias urbanas. FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Nação*. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>. Acesso em: 18/02/2012.

²²¹ ELÍBIO Jr, Antônio Manoel. Op. cit., p. 122-123.

²²² Ibid., p. 123.

*Descendente legítimo dos herois Farrapos, baluarte inquestionavelmente moral da raça que se agita nas coxilhas do sul, Flores da Cunha é um capricho atavico do destino que pôs nele toda a bravura impulsiva da geração dos gigantes de 35. Flores da Cunha, é pois um continuador!...*²²³

Com isso, tenta-se explicar as acusações feitas sobre o governador. As mesmas não passariam, então, de difamações daqueles que o cobiçam: “*Como sempre a superioridade de um espirito e a elegancia de uma atitude desperta, em torno de si, uma avalanche de inveja, um caldear infinito de derrotismos inúteis*”²²⁴. Segundo a narrativa, as atitudes “*erroneamente interpretadas*” do governador, eram, portanto, consequência de uma das suas qualidades: o excesso de franqueza. Outra qualidade apontada foi “*o culto extremado das liberdades humanas, e a sua decidida indulgencia – prejudicial as vezes – ás leis demasiadamente liberais que regem o pais*”²²⁵.

Não por acaso as narrativas sobre o governador Flores da Cunha, aqui analisadas, foram publicadas em *A Federação* e no *Jornal da Manhã*. Ambas as empresas possuíam interesse nesta visão sobre Flores da Cunha, devido seus vínculos com o mesmo. Ângelo Flores da Cunha, irmão de Flores da Cunha, era proprietário do *Jornal da Manhã*, desde 1931. *A Federação*, que já havia sido o órgão oficial do PRR, passou a representar o PRL, desde a sua fundação (1932). Este partido, como destaca Abreu, tinha como objetivo “*legitimar o poder e as idéias de um determinado grupo, estando ligado diretamente à Interventoria e à liderança pessoal de Flores da Cunha*”²²⁶.

Em contrapartida, não encontramos conteúdos parecidos nos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, exceto no discurso do presidente Getúlio Vargas. Talvez esta diferença possa ser compreendida, ao menos no caso do *Correio do Povo*, se considerarmos a posição do jornal sobre o governo de Flores da Cunha. Conforme Dillenburg, apesar do *Correio do Povo* ter inicialmente apoiado a nomeação do general para o cargo de interventor estadual, em seguida retrocedeu nesta opinião, e passou a denunciar “*as irregularidades na condução política do general*”²²⁷. Para Rüdiger, esta mudança deve-se ao apoio de Breno Caldas, então diretor do *Correio do Povo*, ao projeto de desenvolvimento capitalista de Getúlio Vargas, “*cujos termos centralizadores*

²²³ ESCOBAR, Rui. Op. cit.

²²⁴ Ibid.

²²⁵ ESCOBAR, Rui. Op. cit.

²²⁶ ABREU, 2004 *apud* ELÍBIO Jr., Antônio Manoel. Op. cit., p. 79.

²²⁷ DILLENBURG, Sérgio R. *Correio do Povo: história e memórias*. Passo Fundo: Ediupf, 1997, p. 60.

havia gerado uma dissidência com Flores da Cunha”²²⁸. Em resposta, alguns redatores foram presos, enquanto *A Federação* e o *Jornal da Manhã* publicavam matérias atacando o *Correio do Povo*²²⁹.

Portanto, percebemos que a produção das narrativas sobre Flores da Cunha não esteve isolada da participação destes veículos nas disputas políticas. Ao contrário, compreendemos que, com o emprego de uma memória heroica sobre o passado farroupilha, os jornais *A Federação* e o *Jornal da Manhã* trabalharam na construção de uma imagem positiva do governador.

A escolha do herói, como alerta Carvalho, não ocorre no “vazio social”. Ao contrário, ela “tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado”²³⁰. Neste sentido, no final deste capítulo, procuramos compreender a qual “necessidade ou aspiração” as narrativas responderam.

2.3 “São os farrapos que voltam”: quando o passado visita o presente

*As populações sem memória voltam-se para as próprias origens do seu ser, procurando, na trepidação de suas iras, o mysterio de sua proeminencia. O gaúcho, entretanto, para sentir os avós-centauros que estiveram no Seival e no Fanfa, basta apoiar-se do seu cavallo impaciente, olhar o recorte de sua paisagem amada, abaixar-se num gesto de afago ao chão de sua patria, e collar a orelha a essa terra abençoada: ouvirá um longinquo estremeir de canhadas, sacudidas por inviziveis cavallarias... Silencio então! São os farrapos que voltam!*²³¹

A experiência histórica, de acordo com Rüsen, é inscrita em uma perspectiva temporal – “na qual o passado está relacionado com o presente e através do presente com o futuro”²³² –, pelo aceno do que ele denomina como “crise”:

²²⁸ RÜDIGER, Francisco. *Tendências do Jornalismo*. Op. cit., p. 85.

²²⁹ DILLENBURG, Sérgio R. Op. cit., p. 60.

²³⁰ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 56.

²³¹ CALMON, Pedro. Heróis e Terra. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p (Edição Farroupilha).

²³² RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*. Ouro Preto, UFOP, n. 8: 163-209, 2009, p. 168. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/12/12>. Acesso em: 08/12/2011.

Uma *crise “normal”* evoca a consciência histórica como um procedimento para superá-la pelo emprego de um potencial cultural previamente dado. A contingência desafiante é transformada em uma narrativa na qual ela faz sentido, de modo que a atividade humana pode se ajustar a ela exaurindo o potencial cultural de produção de sentido da mudança temporal. Os padrões de significância utilizados em tais narrativas não são novos. De fato, eles são um reordenamento de elementos já desenvolvidos, que estão previamente presentes na cultura histórica²³³.

Concordando com esta perspectiva, nossa análise estará atenta ao movimento temporal não como uma “colagem” do passado no presente, mas como um “agir” entre as temporalidades, tendo em vista a incerteza da “crise”. Um indício deste diálogo pode ser observado, no caso da memória farroupilha, sob o ponto de vista de Fernando Osório: “(...) *para cumprir o dever nas temerosas crises do presente, os indivíduos e os povos vão haurir forças na lição do passado*”²³⁴. Consideramos tal enunciação elucidativa desta questão não somente por referir-se diretamente a ideia de “crise”, mas por perceber no passado um meio de atravessá-la. Neste sentido, procuramos entender como a leitura do passado heróico farroupilha colaborou para reordenação do presente, haja vista suas transformações e as perspectivas sob o futuro.

Vimos no final do primeiro capítulo que as ideias de progresso e modernidade foram interpretadas, em algumas narrativas, como o resultado da marcha histórica projetada em 1835. Contudo, as transformações anunciadas criavam dúvidas sobre os destinos do Rio Grande do Sul. Seriam rompidas as raízes sul-rio-grandenses diante do novo? Ou seriam preservadas, apesar da mudança? Tais questões serão observadas nas narrativas a seguir.

À véspera do dia 20 de setembro o jornal *A Federação* publicou o artigo intitulado “*Farrapos*”. Apesar do título, o texto não se referia a heróis específicos (Bento Gonçalves, David Canabarro, etc.), conforme verificamos nas publicações analisadas no início deste capítulo, mas sim a oposição entre tradição e modernidade,

Entre os povos trabalhados pela pátina das edades mortas, entre aqueles que representam na vibrante atualidade do mundo o sonho desvirginado de uma cultura crepuscular, as forças do espírito já estão distantes do ministério de suas próprias raízes, e uma dualidade de panoramas se estabeleceu. De um lado o prestígio de tradições morrendo entre os nevoeiros da legenda; de outro, a febre dos dias

²³³ RÜSEN, Jörn. Op. cit., p. 170.

²³⁴ OSÓRIO, Fernando. Op. cit., p. 2.

*velozes que vão cada vez mais precipitando no cáos das descrenças, no vazio que separou o homem de hoje das suas raízes místicas, no descontrole de toda a economia espiritual das multidões modernas*²³⁵.

Após advertir sobre esta contradição, o autor sinaliza que tal situação ocorria nas sociedades que “*não tiveram como expressão essencial um movimento de forças espirituais condutoras da multidão*”²³⁶, o que não se aplicava ao Rio Grande do Sul. Apesar da exceção enunciada, não podemos desconsiderar seu esforço em demonstrá-la:

O Rio Grande do Sul vive numa atmosfera matinal, vivificadora, e pela força de sua capacidade de culto, está ligada às suas próprias tradições pela alegria profunda de uma comunhão incoercível. E’ nesta atitude sentimental que residem nas forças imortais do nosso espírito. E’ nesta vocação religiosa que se alimentam as raízes do nosso luminoso entusiasmo.

*Estamos vivendo a hora profunda que o giro de um século, no **enigma perturbador do tempo**, assinala no gesto comovido das nossas orações. De novo, como ontem, no milagre das evocações que é o supremo consolo da saudade e a lição histórica de civismo, de novo aquelas figuras cuja sombra imensa cobrio com a sua glória viva a melancólica paisagem dos pampas, **estão presentes entre nós**, no plano mais profundo e mais rico da nossa vida espiritual. Esses vultos retornam, atravessam a neblina do tempo, e, pelo poder da nossa evocação comovida, de novo prestigiam com a grandeza de suas figuras o espetáculo do Rio Grande moderno. Nunca, como neste instante, para a nossa vida de povo cujo talismã generoso fez colher o mais belo dos **destinos**, que consiste em acreditar e poder morrer pelo seu credo, nunca um instante tão embelido de religiosidade cívica, nos foi dado viver. Saibamos sorvel-o até a última gota, com a certeza de que fomos felizes na partilha dos destinos do mundo: a força imortal de um povo está nos tesouros de sua história. Aquele que puder descerrar as cortinas do passado e mostrar a riqueza dos gestos que ontem criaram os imperecíveis espetáculos da vida em meio de um turbilhão de morte, será um **povo eleito**.*

*Mais que a misteriosa força das tradições, o Rio Grande de hoje possui o **prolongamento vivo dos tipos e das virtudes de ontem**. Não é apenas uma ressonância entre os homens de hoje, o espírito que ontem animou os homens destes pagos. E num cenário trabalhado pelo esplendor da civilização, entre as linhas audaciosas das tendências modernas, os nossos homens constituem réplicas triunfantes das figuras de ontem*²³⁷.

Percebendo a preocupação da narrativa em alegar a coexistência da tradição e da modernidade, entendemos quem eram os “farrapos” anunciados no título. Tratavam-se dos “*homens de hoje*”, não como reflexos daqueles do passado, mas como autênticos

²³⁵ Farrapos. *A Federação*. Op. cit.

²³⁶ Ibid.

²³⁷ Ibid.. Apesar de sua extensão, optamos por apresentar o argumento do autor em sua integralidade, de forma a favorecer a sua correta compreensão.

farrapos. Ora, não poderia a tradição assim sofrer abalos, afinal sua permanência não dependia da evocação dos heróis do passado. Ela continuaria, pois, por serem os homens do presente também heróis, ou, “*o prolongamento vivo e das virtudes de ontem*”.

Vemos, deste modo, que a continuidade do heroísmo farroupilha, presente na figura de Flores da Cunha, foi igualmente atribuída à imagem coletiva do gaúcho. Retomando no texto “*O rancho do gaúcho*”, abordado no primeiro capítulo, encontramos uma questão semelhante a que acabamos de apresentar. Ambos os textos ocupam-se do tema da tradição e da modernidade, porém com pontos de partida diferentes. Enquanto o primeiro texto preocupou-se com a preservação da tradição, apesar da modernidade, o segundo busca afirmar o progresso, mesmo com a presença da tradição,

Terra acolhedora e bôa, o rancho do guasca está sempre aberto, como o seu coração generoso, á todos os atos fraternos e heroicos. E se esse rancho tradicional – que o tempo não conseguiu e não conseguirá extinguir porque ele vive com o gaúcho – ergue-se humildemente no topo das coxilhas, o progresso e a civilização não são palavras mortas na nossa terra.

*(...) No domínio da ciência e das letras, na cultura de seus filhos, em síntese, não está o Rio Grande afastado, em absoluto, dos demais Estados irmãos. Acompanhamos, “pari passu”, o progresso da civilização com o mesmo sentimento de aperfeiçoamento que anima a humanidade. Não somos, portanto, um povo de apáticos (...)*²³⁸.

Neste sentido, em outra narrativa do jornal *A Federação*, vemos a Exposição do Centenário Farroupilha como o lugar exemplar da manifestação da tradição e progresso:

Essa exposição vai significar, no seu sentido comemorativo, nas homenagens aos que, ha um seculo, idealistas e guerreiros, se debateram para obter mais liberdade e mais justiça, que, no Rio Grande, não se extinguiu ainda o culto dos heróis, que representam os símbolos imortais das virtudes masculas da raça. Feliz é o povo que sabe, dignamente, render culto aos seus maiores e demonstrar que as figuras do passado, embora afastadas no tempo, estão bem vivas na sua admiração e no seu reconhecimento, porque o povo que sabe cultuar a memoria dos que foram capazes de grandes idéias ou grandes feitos, tambem sabe realizar obras magníficas, ter pensamentos generosos e nobres ideais.

²³⁸ COELHO, Adão. Op. cit.

O autor deste argumento, Angelo Guido²³⁹, afirmou ainda, que a Exposição do Centenário Farroupilha evidenciaria a capacidade do Rio Grande do Sul “em todos os domínios da atividade econômica e da cultura”:

Os visitantes do estupendo certame, não virão ver somente como a terra farroupilha vibra de entusiasmo ao evocar as suas tradições guerreiras e os vultos dos que encheram o passado de exemplos de bravura e amor á liberdade; irão ver, também, um Rio Grande que travou uma batalha mais bela e maior ainda do que aquelas que, ha um seculo, os farrapos sustentaram. Refiro-me á batalha, interminavel e gloriosa, pela cultura, pelo progresso, pela civilização, que também exige virtudes indomaveis de bravura, que também plasma figuras empolgantes de lutadores e de herois.

*E então, eles irão a lembrar virtudes heroicas de uma raça valorosa, que **transmutou o seu heroísmo guerreiro noutro heroísmo** que não emerge das lutas fratricidas, mas se afirma, cada dia mais ardente e mais tenaz, na vitalidade estupenda de um povo que sabe construir para a gloria da civilização e da cultura, obras grandiosas no campo das realidades econômicas e nos dominios das artes e do saber.*²⁴⁰

Assim, através do heroísmo as transformações foram significadas como uma continuidade, e não como uma ruptura entre o passado e o presente gaúcho. No entanto, o heroísmo identificado no presente era apenas em parte herdado pelo passado, pois o seu aspecto guerreiro havia sido adaptado às novas batalhas do Rio Grande. Isto nos remete à tese de Rodrigues, que observou na obra de Moysés Vellinho a permanência do heroísmo, mas não sob o signo das “frágeis determinações derivadas das guerras civis”²⁴¹. Conforme a historiadora, para Vellinho: “O gaúcho não deveria ser considerado apenas como o herói guerreiro e campeiro dos tempos mais recuados. Era necessário estabelecer uma continuidade entre o heroísmo dos primeiros habitantes, dos guerreiros com a identidade do intelectual da província”²⁴². Com isso, talvez possamos pensar que a “batalha” mencionada na narrativa, esteja relacionada à aspiração de um

²³⁹ Angelo Guido nasceu na Itália, mas ainda criança mudou-se para São Paulo, onde se formou no Liceu de Artes e Ofícios e iniciou sua carreira jornalística. De acordo com Ursula Rosa da Silva, o primeiro contato de Guido com a capital gaúcha foi em 1925, ocasião em que foi convidado para duas conferências sobre o Modernismo. Em 1928, Guido iniciou seu trabalho em Porto Alegre, foi redator no *Diário de Notícias* e escreveu críticas literárias para outros periódicos da capital. SILVA, Ursula Rosa da. *A fundamentação estética da crítica de arte em Angelo Guido – a crítica de arte sob o enfoque de uma história das ideias*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2002.

²⁴⁰ GUIDO, Angelo. As demonstrações culturais na Exposição do Centenario Farroupilha. *A Federação*, Porto Alegre, 14 set. 1935, p. 9.

²⁴¹ RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da Crítica à História: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação*. Op. cit., p. 44.

²⁴² Ibid., p. 147.

grupo de intelectuais pelo reconhecimento da produção sul-rio-grandense nos “*domínios das artes e do saber*”²⁴³.

Desta forma, verificou-se a importância de uma memória heroica sobre o passado farroupilha, na afirmação do presente como parte de uma longa duração. Além disso, outro elemento que chamou-nos a atenção em alguns textos foi a atribuição de um sentido nacional ao heroísmo farroupilha. Vejamos alguns casos.

Os heróis de 1835 foram lembrados, no jornal *Correio do Povo*, como aqueles que “*luctaram durante dez annos pela causa do Brasil*”. O gaúcho, portanto, era visto como aquele que “*está sempre prompto a defender o Brasil*”²⁴⁴. Ao encontro deste curto parágrafo, assinado por “*Mario Coli Oliveira (12 anos)*”, Manoelito Macêdo enuncia que “*já em 1835, encontrou-se o Rio Grande ‘de pé pelo Brasil’, pleitando na arena das reivindicações a maior parcela de sacrificios, e chamando a si o maior consciente de responsabilidades nos destinos futuros da nacionalidade*”²⁴⁵. Se o desígnio da Revolução Farroupilha era, então, lutar em prol da nação, o protagonista deste episódio não seria apenas o herói do Rio Grande do Sul, mas sim um herói brasileiro. Observando as palavras de Macêdo, percebemos que o heroísmo constituiu um elo entre o passado e o presente, como já foi verificado em outras narrativas. O que há de novo neste caso é que a continuidade se encontra no herói que persiste lutando pela nação, como em 1930, quando o Rio Grande do Sul levantou-se para “*regenerar*” o Brasil:

*O que eles ha um seculo já disputaram nos asperrimos duelos onde se mediam leões contra leões é o que **ainda hoje** estamos doutrinando. Uma patria libertada, onde os mandatos sejam a expressão legitima da soberania do povo, onde a tyrannia não medre, onde os tyrannos não encontram guarita para a prepotência, e amparo aos caprichos pessoases. Foi esse sem duvida o ideal farroupilha*²⁴⁶.

²⁴³ Sobre isso, Rodrigues observa uma reformulação na forma de representar o gaúcho na escrita de Vellinho, na década de 1940: “Sem negar a herança militar, guerreira e rural do gaúcho sul-rio-grandense, que explicaria as dificuldades históricas enfrentadas para o florescimento das atividades do pensamento, da erudição e da literatura, propunha que no tempo presente as armas dos guerreiros teriam cedido espaço à pena do poeta”. RODRIGUES, Mara Cristina dos Santos. Regionalismo, modernidade e legitimidades intelectuais: Moysés Vellinho e Érico Veríssimo (1930 a 1964). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4: 993-1008, out.-dez. 2010, p. 999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17n4/09.pdf>. Acesso em: 14/06/2011.

²⁴⁴ O gaúcho. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 1 set. 1935, p. 16.

²⁴⁵ MACÊDO, Manoelito. Data Centenaria. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 set. 1935, p. 2.

²⁴⁶ Ibid.

Neste sentido, Carrazzoni avista nas festas farroupilhas a celebração dos “*themas extraordinarios do heroismo nacional*”, considerando-o “*matéria-prima das mais desinteressadas criações do espirito colectivo*”²⁴⁷. Na mesma direção, Osório, reclamando a construção de um monumento em homenagem aos farrapos, invoca patriotas, republicanos e legalistas a reverenciá-los:

*Dia virá em que se ha de dar Hel [sic] cumprimento ao artigo da Constituição Rio-Grandense de 14 de Julho que ha 14 annos, por indicação do deputado Fernando Osorio (pae), mandava erigir sobre o sólo gaúcho um magestoso Monumento consagrado à memoria dos heroes dessa immortal Cruzada, e, então, como em face de um altar sagrado, diante desse Monumento irão ajoelhar-se: – o **patriota** sincero e respeitoso, o **republicano** convicto – os descendentes dos Farrapos que legaram exemplos de bravura e heroicidade, ensinando a amar a terra natal e a soffrer por ella, e irão tambem descobrir-se instigados por justo acatamento os filhos dos **legalistas**, que tiveram a fortuna de ouvir seus paes falarem com reverencia das grandiosas façanhas daquelles que dormem o perpétuo somno da gloria no solo em que batalharam corajosamente.*

*Não ha exagero de apologia na affirmação de que os mentores dos Farrapos a tal ponto ergueram o coração e o espirito, divisando magnos problemas no campo moral, no terreno social, no aspecto politico, da sua epocha , que mereceram o nome de **videntes** os precursores numa propheta de civismo, Gigantes maltrapilhos, cujos supremos objectivos podem os bons **brasileiros** bem dizer e exaltar!*²⁴⁸.

Para que os “*supremos objetivos*” pudessem ser vistos com bons olhos pelos brasileiros, e para que os gaúchos, independente das suas posições políticas, pudessem parecer ligados por uma ascendência em comum, um tema precisava ser resolvido: o separatismo farroupilha. Deste modo, partimos para o próximo capítulo, que debaterá a reordenação deste elemento no passado da região e do país.

²⁴⁷ CARRAZZONI, André. Mythos, symbolos, legendas. *Correio do Povo*, Porto alegre, 8 set. 1935, p. 6.

²⁴⁸ OSÓRIO, Fernando. Op. cit., p. 2.

CAPÍTULO 3

O RIO GRANDE DO SUL, ENTRE O PASSADO E O FUTURO DA NAÇÃO

Ao longo dos capítulos anteriores discutimos diferentes aspectos apresentados por narrativas, que, em seu conjunto, constituíram um quadro de referências sobre o passado farroupilha. Durante esta reflexão chamou-nos a atenção a presença do elemento nacional, seja pela forma como o gaúcho foi representado em relação à nação, ou pelo caráter brasileiro atribuído ao heroísmo que pretensamente o acompanhava. Este tema torna-se ainda mais central na oportunidade que estamos analisando, principalmente por contrapor ao debate em curso sobre a formação da identidade nacional brasileira. Conforme destaca Nedel, a tentativa de unificação nacional iniciada logo após a revolução de 1930, ocorreu não somente no nível político e econômico, mas também cultural, “pela gestão das diferenças” regionais²⁴⁹. Neste sentido, a reabilitação do passado farroupilha era um elemento necessário à integração da região na história nacional.

Desde o decênio farroupilha foram publicadas memórias sobre os acontecimentos da revolução, porém somente na década de 1880 foram divulgados os primeiros estudos históricos sobre este período. Em 1881, chegou à província o livro *Guerra Civil no Rio Grande do Sul*, de Tristão de Alencar Araripe, membro do IHGB. Um ano depois Assis Brasil publicou *República rio-grandense*, obra que, segundo Rodrigues²⁵⁰, foi encomendada pelo Club Vinte de Setembro²⁵¹. O que importava para estes autores não era apenas um simples resumo histórico do episódio, mas sim os sentidos que ambos, de acordo com os seus ideais políticos, reivindicavam na recuperação deste evento. Conforme Lazzari, enquanto Araripe, monarquista, procurava “desautorizar a memória da experiência da República Rio-Grandense como referência para as ideias republicanas”²⁵², Assis Brasil contestava esta interpretação e defendia o argumento de que o sistema federativo seria uma alternativa ao autoritarismo do estado centralizado,

²⁴⁹ NEDEL, Letícia Borges. Op. cit., p. 96.

²⁵⁰ RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. De caudilhos e heróis a grandes homens republicanos: o IHGB, os farrapos e a República (década de 1880 a 1930). Op.cit., p. 1.

²⁵¹ O Club Vinte de Setembro, fundado em 1862, foi um espaço de discussão entre os jovens republicanos rio-grandenses que estudavam na Faculdade paulista do Largo de São Francisco.

²⁵² LAZZARI, Alexandre. Op. cit., p. 210.

diante da “desigualdade natural das províncias”²⁵³. Observando este aspecto, podemos perceber que os primeiros estudos sobre a Revolução Farroupilha, que certamente foram referência para outros textos que posteriormente trataram do tema, já estavam pautados por questões políticas e utilizavam a memória da revolução para legitimar ou deslegitimar um movimento.

O passado farroupilha foi objeto da propaganda republicana, durante as duas últimas décadas do século XIX, tendo sido disputado não apenas com os liberais, mas também entre os membros do PRR. Como destacou Lazzari, a referência ao passado republicano da província não ocorreu sem provocar o debate sobre determinadas questões da identidade política local: “se existia uma peculiaridade rio-grandense em relação ao todo do país e quais seriam as suas causas; se a história da República de São Pedro era parte inseparável da própria história nacional brasileira ou aquele território estava destinado a formar uma nação à parte”²⁵⁴. Assim, a discussão em torno da República Rio-Grandense, como demonstrou o autor, estava inteiramente relacionada às expectativas do presente sobre a relação política entre a região e a nação²⁵⁵.

Temos que ter em vista, portanto, que quando em 1935 as comemorações do centenário farroupilha solicitaram ao presente a tarefa de escrever sobre este passado, uma memória republicana já estava em curso, porém ainda não constituída. Além disso, devemos considerar que o desafio de “nacionalização da memória local”²⁵⁶, como lembra Nedel, encontrava determinadas dificuldades:

Fatores como a condição fronteira do Rio Grande do Sul, as alianças políticas e empréstimos de símbolos identitários entre caudilhos gaúchos e aliados dos Estados vizinhos, sem falar do teor autonomista da experiência farroupilha, poderiam implicar no risco de desintegração de sua relação com o todo, ou pelo menos de parecer ‘menos integrada’ do que uma parte situada próxima da capital nacional²⁵⁷.

²⁵³ LAZZARI, Alexandre. Op. cit., p. 222. A “desigualdade natural” a que se referia Assis Brasil diz respeito a determinadas diferenças entre as províncias, como o clima, os hábitos alimentares, e outras características que tivemos a oportunidade de observar no primeiro capítulo.

²⁵⁴ Ibid., p. 179.

²⁵⁵ Segundo Lazzari, a divergência entre Apollinario Porto Alegre e Júlio de Castilhos, sobre o separatismo enunciado no Manifesto Republicano, em 1870, e reiterado em 1887, repercutia na contestação pela legitimidade de representar o passado farroupilha. Ver: LAZZARI, Alexandre. Op. cit., p. 226 e segs.

²⁵⁶ NEDEL, Letícia Borges. Op. cit., p. 128.

²⁵⁷ Ibid.

Neste sentido, o presente capítulo busca compreender os sentidos conferidos pelas narrativas ao debate sobre o passado, o presente e o futuro da região e da nação. No primeiro momento, dos principais textos em análise, veremos aqueles que abordaram o tema do separatismo farroupilha e, nas partes subsequentes, aqueles que discutiram a relação entre o Rio Grande do Sul e o Brasil, tendo em vista o presente e o futuro da parte com o todo.

3.1 “*Separatismo nunca*”: a conciliação entre o passado da região e da nação

Em artigo dedicado à epopeia farroupilha, publicado pelo jornal *Correio do Povo*, Ramiz Galvão²⁵⁸ afirmava: “*separatismo nunca*”²⁵⁹. Para o autor, o movimento ocorrido não poderia ser compreendido senão como uma reação das “*forças rio-grandenses*” à “*intromissão de estranhos*” na Província de São Pedro. Porém, esta interpretação não parecia ser compartilhada pelos “*escritores do norte do país*”, conforme a narrativa do general Alfredo Assunção, assinada no Rio de Janeiro, e publicada pelo *Diário de Notícias*:

Quem tiver diante dos olhos algumas das publicações que se fizeram longe do Rio Grande do Sul, sobre a origem e desenvolvimento da terra riograndense, verá que a mais difícil de todas as campanhas é ainda hoje a da boa vontade, entre os homens. Nota-se sempre em tais escritos um certo empenho em demonstrar que aquela terra deve ser considerada um caso muito à parte do Brasil conhecido. À tese não podia subsistir, por muito tempo e sair vitoriosa, mas tendo sido escolhida por escritores do norte do país, aproveitava sobre modo à opinião, com que se teve em vista diminuir o merito do glorioso decenio farroupilha.

[...] Procurou-se insinuar, no espírito dos leitores que a civilização européia transplantada para o continente americano não encontrou no Rio Grande de S. Pedro, as mesmas raízes que já existiam nas demais províncias. Assim, teria sido ai muito diferente e artificial o sistema de colonização, geralmente adotado pelos portugueses. Nas

²⁵⁸ Benjamin Franklin Ramiz Galvão, natural de Rio Pardo, realizou sua formação intelectual no Rio de Janeiro. Foi diretor da Biblioteca Nacional, entre os anos de 1870 e 1882, onde trabalhou na construção de uma história para a nação brasileira. Durante a sua direção, a BN adquiriu a função de “guardião do passado nacional”, e iniciou a publicação dos Anais da Biblioteca Nacional. Sobre sua trajetória intelectual, ver: CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. Viver em meio a livros: a atuação de Ramiz Galvão na Biblioteca Imperial (1870-1882). In: XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 2010, Rio de Janeiro. *Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio*. Rio de Janeiro: NUNEM, 2010. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 15/12/2011.

²⁵⁹ GALVÃO, B. F.. A Epopeia Farroupilha. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p (Edição Farroupilha).

*entrelinhas quer isto significar que o gaúcho não evoluiu do mesmo modo que os outros brasileiros para esta época do automovel, do aeroplano e das maquinas agrárias aperfeiçoadas. Ficou somente com o seu “matungo”, para os transportes e com o arado puxado a bois, sem trator, para o serviço moderno das suas estâncias, campos de criação e agricultura...*²⁶⁰

Em resposta aos “escritores do norte”, Assunção aponta, em tais publicações, a intenção de diferenciar o Rio Grande do Sul do Brasil, e desqualificar a revolução que se comemorava. Para o autor, ao mencionar a forma particular de colonização na Província de São Pedro, pretendia-se sugerir o atraso desta região em relação às demais partes do país. Assim como este tema, o separatismo farroupilha era uma interpretação a ser negada, por contrariar a imagem de um Rio Grande integrado ao todo. Deste modo, Assunção assinala,

*Iam ficando, a margem, os preciosos documentos que a história recolheu aos seus arquivos. Houve descaso, pelo menos ignorância, das grandes e concludentes provas na correspondência das províncias que acompanharam e tanto influíram no glorioso movimento, por onde se vê que ele **não foi meramente separatista**, ou aventureiro. Possuía fundas raízes na alma do povo brasileiro.*

*Felizmente, a má vontade a que acima nos referimos teve um atenuante no museu de Spezzia grande mérito. Aguou o espírito de análise e despertou a coesão mais firme e decidida, entre os historiadores do Rio Grande do Sul: Em todo o Brasil, a Revolução dos farrapos ficou irrefutavelmente considerada um dos mais dignos passos precursores do regime republicano e federativo dos Estados*²⁶¹.

Contestando o argumento dos “escritores do norte”, a narrativa busca um sentido brasileiro para a Revolução Farroupilha, alegando uma relação das outras províncias com este movimento. Neste esforço, o autor encerra seu texto definindo a revolução como “um dos mais dignos passos precursores do regime republicano e federativo dos Estados”²⁶², indicando o Rio Grande do Sul como o condutor dos destinos do país. A recuperação deste evento como um marco do republicanismo no país, já havia sido objeto de propaganda do PRR, como destacou Lazzari. Encontramos tal aceção em alguns dos textos analisados, como veremos em seguida.

²⁶⁰ No Centenário Farroupilha. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 24 de setembro de 1935, p. 5.

²⁶¹ Ibid.

²⁶² Ibid.

Em conformidade com o texto acima, Souza Gomes buscou contrapor a ideia de que os farroupilhas pretendiam separar-se do Império, identificando-os como antimonarquistas e, principalmente, brasileiros:

*Destruída a lenda de que o movimento revolucionário de 1835 tivera fins separatistas, lenda inspirada pela denominação de “Republica Rio Grandense” que tomara a nova ordem política instituída na província, provado ficou á evidencia, “ipso-facto”, o **sentido de brasilidade** dado ao surto redentor, cujos **objetivos anti-monarquicos** os historiadores honestos e imparciais estão revelando a nação.*

*A **balela separatista** jamais deixou de perseguir-nos, a despeito da ação corrosiva do tempo. Mas o Rio Grande do Sul tem procurado **demonstrar exuberantemente ao Brasil** que nunca cogitou de se emancipar politicamente para desagregar a unidade da patria, á qual dedica toda a sua atividade, toda a sua capacidade de ação, todas as forças vivas do seu organismo, toda a sua potencialidade cultural, toda a sua grandeza moral²⁶³.*

Chama-nos a atenção, nas narrativas anteriores, a referência às versões sobre a Revolução Farroupilha, realizadas no campo intelectual. Seja pela crítica aos “escritores do norte”, ou pelo elogio aos “historiadores honestos”, percebemos que os textos publicados nos jornais participaram de um debate que ocorreu, também, fora dele²⁶⁴. Do mesmo modo, o texto de Fernando Osório, citado no primeiro capítulo, nos remete a esta discussão [imagem 3], na medida em que enfatiza a “falsificação calculada” do passado farroupilha:

*Considerando o espirito de americanismo, embebidos de **brasilidade**, esses homéridas de 35 **não emprehenderam um mero episodio regional, particularista**, não promoveram no quadro social da America, uma simples troca de nomes e de homens, dessas experiencias revolucionarias falhas de rumos sociologicos, de sentido ideal que esterilisam as energias de um povo. Os nossos maiores gravaram em taboas de bronze a compreensão que tinham de magnos problemas no terreno social, no aspecto político, no campo moral.*

*Julio de Castilhos, em artigo na “A Federação”, de 20 de setembro de 1889, denunciou a obra dos **fabricadores de narrativas** cortezãs e de chronicas palacianas que emprehenderam nas suas memórias “inspiradas pela cortezanía [ilegível], a **falsificação calculada da historia do nosso passado revolucionário, deprimindo os heróis e o***

²⁶³ GOMES, E. de Souza. A Epopéia Farroupilha. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 4.

²⁶⁴ O estudo de Jaisson, por exemplo, aborda as críticas demandadas por alguns historiadores do IHGRS à *História da Grande Revolução*, de Alfredo Varela. Ver: SILVA, Jaisson Oliveira da. A polêmica ao redator da História da Grande Revolução. Op. cit., p. 169.

*sentido immaculado da revolução rio-grandense, descripta como uma estrepitosa expansão de caudilhagem turbulenta e viciosa*²⁶⁵.

Ainda que o autor não tenha especificado quais eram os “*fabricadores de narrativas*”, é possível identificarmos sua alusão às “*chronicas palacianas*” com o texto de Araripe. Segundo Lazzari, esta obra, vinda da Corte e escrita por um sócio do IHGB, pretendia criticar “um determinado discurso político que tomava corpo na província”, e que compreendia a Revolução Farroupilha como um “movimento sustentado pelos ideais republicanos e democráticos”²⁶⁶. Neste propósito, Araripe comparava os farroupilhas com os caudilhos, afirmando que estes lutavam por interesses privados, e não para implantar a república no Brasil, conforme destacou Rodrigues²⁶⁷. Este argumento, já contestado por Assis Brasil, na obra anteriormente citada, e por Júlio de Castilhos no jornal *A Federação*, é também rechaçado pela narrativa de Osório que, como os dois primeiros, era membro do PRR. Neste sentido, o autor sublinha que “*jamais uma longa e accesa guerra civil mais patrioticamente se resolveu na confraternização nacional para a repulsa estrangeira*”²⁶⁸, acrescentando que quando os farroupilhas viram que o “*tyranno argentino Rosas afiava as garras para invadir o Brasil*”²⁶⁹, a República Rio-Grandense “*resignou-se a tratar com o Imperio*”²⁷⁰. Notamos, portanto, na negação do caudilhismo, a preocupação em adequar as imagens dos farroupilhas à memória nacional, com o intuito de afirmar o sentido brasileiro da revolução²⁷¹.

Alguns dias antes o jornal *Correio do Povo*, que publicou o artigo de Osório, trazia no texto “*A bravura do Centenario Farroupilha*” a citação de uma carta que o seu pai, general Osório, teria enviado ao seu avô, Marquez do Herval, esclarecendo os objetivos dos farroupilhas: “*A Revolução de Setembro, de que fui humilde soldado, não se fez para separar do Imperio a Provincia do Rio Grande, nem para dar-lhe um*

²⁶⁵ OSÓRIO, Fernando. Op. cit., p. 2.

²⁶⁶ LAZZARI, Alexandre. Op. cit., p. 208-209.

²⁶⁷ RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. De caudilhos e heróis a grandes homens republicanos: o IHGB, os farrapos e a República (década de 1880 a 1930). Op. cit., p. 1.

²⁶⁸ OSÓRIO, Fernando. Op. cit., p. 2.

²⁶⁹ Ibid.

²⁷⁰ Ibid.

²⁷¹ De acordo com Rodrigues, esta também foi uma das preocupações de Souza Docca, em seu discurso de posse como sócio do IHGB, em 1921. Contudo, diferentemente da interpretação de Osório, sua narrativa não eliminava o caudilhismo do heroísmo farroupilha, mas sim o revertia nas imagens de “homens honrados e virtuosos que defendiam uma justa causa no campo de batalha”. RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. De caudilhos e heróis a grandes homens republicanos: o IHGB, os farrapos e a República (década de 1880 a 1930). Op. cit., p. 4.

*governo republicano, mas para pôr termo à péssima administração que a offendia”*²⁷². Apoiado no valor do testemunho de um dos líderes do movimento, o autor procura refutar a acusação do separatismo, assim como o espírito republicano, transferindo a responsabilidade da revolução para o governo imperial.

Ao encontro do que foi observado nas narrativas anteriores, Maia²⁷³ ressalta a iniquidade do Império com a Província de São Pedro, justificando, assim, os heróis de 1835:

*Todos os sofrimentos que nos torturavam, o avassalamento systemático dos luzitanos, **para quem o Brasil não era dos brasileiros** e sim delles; a trama ignominiosa para o imperador banido; o escorchamento ostensivo da provincia abandonada e desprezada; o menosprezo pelo tributo de sangue prestado pelos seus filhos ao longo da fronteira, era defeza permanente da integridade nacional – tudo isso constituindo forças insuperaveis, inpeio os rio-grandenses, num lance de reacção sagrada, para a decisão definitiva da Republica e da separação. **Não eram republicanos, a 20 de setembro de 1835, Bento Gonçalves, Neto, Onofre Pires, João Antonio, David Canabarro...***

*(...) Patrioticamente inspirados elles sempre repelliram com indignação as propostas separatistas formadas por caudilhos de origem hespanhola, e, prova decisiva e irrecusavel do seu objectivo federalizador, foi a expedição de Canabarro e Garibaldi, respectivamente á testa de forças de terra e mar, á vizinha provincia de Santa Catharina, onde, após feito memorável, proclamaram a Republica na Laguna*²⁷⁴.

Sob este ponto de vista, a proclamação da República Rio-Grandense é compreendida como uma consequência do esgotamento do governo imperial, e não pela presença dos ideais republicanos, ou pela influência do caudilhismo. Desta forma, o estigma de separatistas perde em significado, na medida em que se afirma a imagem de algoz do Império, como podemos notar, também, na narrativa de Callage²⁷⁵. Publicado pelo Correio do Povo, assim como o texto anterior, este artigo pontua a indiferença do

²⁷² ARAUJO, Felix. Bravura do Centenario Farroupilha. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 set. 1935, p. 9.

²⁷³ João Cândido Maia foi membro do PRR e autor dos compêndios “*História do Rio Grande do Sul para o Ensino cívico*”, utilizados pelo Estado entre os anos de 1898 a 1927. Conforme Cardoso, a obra de Maia cumpria com o objetivo de heroificação dos líderes farroupilhas, e de formação de uma identidade política. Ver: CARDOSO, Sérgio Ricardo Pereira. Compêndios de História do RS a serviço do civismo e da heroificação dos republicanos gaúchos durante a I República. In: 2º CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO E SOCIEDADE, 2006, Santa Maria. *Anais do 2º Congresso Internacional de Educação: Educação e Sociedade*. Santa Maria: UNIFRA, 2006. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/jornadaeducacao2006/2006/>. Acesso em: 13/01/2012.

²⁷⁴ MAIA, João. Sob o descortino de um século. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

²⁷⁵ Fernando Callage, foi correspondente do jornal *Correio do Povo*, em São Paulo. Foi cronista, historiador e ensaísta, e autor da obra “*Episódios históricos da revolução dos farrapos*”, publicada em ocasião das comemorações do Centenário Farroupilha. MARTINS, Ari. Op. cit., p. 116.

governo em relação ao Rio Grande do Sul, fator que teria colaborado para a revolução que se preparava desde a formação “psicológica” do povo sul-rio-grandense – conforme analisado em algumas narrativas analisadas no primeiro capítulo. Na visão do autor,

O Rio Grande, fatalmente, teria que ser o palco do grande drama revolucionário de 35. Tudo se preparava para o extraordinario evento que encheria, de gloria, a magestade infinita dos pampas. Factores psychologicos de toda ordem envolviam-no para a maior guerra civil que já se processou no Brasil. Um dos maiores, senão o maior, foi o completo descaso que o Imperio sempre votou à provincia, abandonando-a à mercê dos seus próprios recursos e necessidades.

(...) O Rio Grande talvez por ser o filho mais novo do Brasil e por ter nascido livre, independente, sem as imposições ferreas de capitães-móres e donatarios, era para o governo central uma especie de espúrio, de bastardo, de mal creado, que merecia toda sorte de castigos atrozes e as marcas de fogo em braza dos estygmas villipendiosos. Não se poupava em nada, por isso, Sacrificios de toda ordem lhes eram exigidos: de sangue, de tributos, de impostos, de vidas, de guerras, de rendas. O poder central exercia, sobre elle, a mais férrea oppressão, parecendo, desse modo, como muito bem disse alguém ‘querer extinguir as fontes de todas as suas riquezas’. O panorama da vida rio-grandense ia, assim, por uma successão de factos lamentaveis, encaminhado-se para uma revolta logica e certa a que o poder regencial, cego pelos desmandos de um autoritarismo anti-democratico, o levaria aos mais sombrios acontecimentos²⁷⁶.

Em outro texto, Callage reitera este argumento e enfatiza que a revolta dos farroupilhas combatia os portugueses, enunciando que: “Os rio-grandense, que viam o governo e o partido portuguez de mãos dadas para opprimil-os revoltam-se, envolvendo a ambos no mesmo sentimento de repulsa. Estas foram as duas causas primordiaes que lançaram na revolução a grande massa do povo, sobretudo o odio contra o elemento portuguez²⁷⁷. Vemos neste trecho, assim como no texto de Maia, ao afirmar que para os lusitanos “o Brasil não era dos brasileiros”²⁷⁸, a distinção entre um Brasil português, contra quem os farrapos lutavam, e outro efetivamente brasileiro, o qual eles defendiam.

Seguindo este pensamento, Maia sublinhou que os farroupilhas “não eram republicanos, a 20 de setembro de 1835”²⁷⁹, pois foram, sim, compelidos à Proclamação da República Rio-Grandense. É neste sentido que o texto “20 de setembro

²⁷⁶ CALLAGE, Fernando. O drama épico de 1835. Op. cit., 1935.

²⁷⁷ CALLAGE, Fernando. A imprensa na Revolução dos Farrapos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 set. 1935, p. 3.

²⁷⁸ MAIA, João. Op. cit.

²⁷⁹ Ibid.

– *data brasileira*” alega que devido à falta de possibilidade “os farroupilha foram verdadeiramente lançados, forçados à separação e à república”²⁸⁰, diante da incompreensão do Império:

*Desconheciam o meio cósmico, os fatores mesológicos, o processo do caldeamento, a constituição étnica, as condições econômicas, a maneira de viver e alimentar-se, os misteres e profissões, os hábitos, os caracteres, os antecedentes históricos – do gaúcho; fatores esses, poderosos e interdependentes, formando um complexo harmonico que ia plasmando – e só por seu estudo se podia justificar – a marcante personalidade do sulino*²⁸¹.

Assim, os elementos que constituem um tipo rio-grandense, descritos no artigo de Assis Brasil – analisado na primeira parte deste trabalho –, são aqui considerados como os agentes formadores da “*necessidade de autonomia do rio-grandense*”²⁸², que o conduziu à revolução. E assim segue destacando que não pretendiam, os farroupilhas, romper com as demais províncias, pois teria sido condição da proclamação a possibilidade do “*novo estado ligar-se pelos laços da federação aquelas das províncias do Brasil que adotassem o mesmo sistema de governo*”²⁸³.

A preocupação em enfatizar a identificação de outras regiões com o movimento que ocorria na Província de São Pedro rompia com a ideia de que aquele teria sido um evento regional. Galvão afirma, por exemplo, que “*inutil seria negar*”²⁸⁴ o republicanismo entre os farroupilhas e o sentido brasileiro da revolução: “*Era pois evidente o carater de brasilidade que ficou sempre sendo uma tradição arraigada e profunda, que não se desmentiu, como demonstra cabalmente o meu illustre patricio Sousa Docca, em uma excellente memoria, a fortuna de ler*”²⁸⁵. E segue argumentando que “os farroupilhas se debateram sempre, como leões, na formação de uma ‘*Republica Federativa*’, desde que o ideal fosse abraçado pelas outras Provincias do Imperio”²⁸⁶. Com o mesmo propósito, Russomano recorre ao manifesto publicado por Bento Gonçalves, em 1842, buscando encontrar nos paulistas um ponto em comum com o movimento que ocorria na Província de São Pedro:

²⁸⁰ 20 de setembro – data brasileira. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 19 de set. de 1935, p. 14.

²⁸¹ Ibid.

²⁸² Ibid.

²⁸³ Ibid.

²⁸⁴ GALVÃO, B. F.. Op. cit., 1935.

²⁸⁵ Ibid.

²⁸⁶ Ibid.

*Nessa proclamação, Bento Gonçalves anunciava aos rio-grandenses que a fogueira da revolução incendiava a província de S. Paulo. O chefe rio-grandense diria que os jornaes recém-chegados noticiavam que os paulistas haviam se levantado contra ‘o tyranno do Brasil’. No caso, o tyranno era o ‘Segundo Pedro’, cujo ‘ferreo jugo’ ‘procuravam sacudir’. Ao mesmo tempo adiantara que as phalanges paulistas já marchavam sobre o inimigo comum*²⁸⁷.

Assim, as províncias aproximadas pelo sentimento de revolta, afastam da Revolução Farroupilha a marca de um evento particular no cenário nacional. Neste sentido, o autor aponta no discurso de Bento Gonçalves “*um grande sentimento de brasilidade*”, afirmando que, para o líder, os sul-rio-grandenses “*salvariam não somente a patria, mas seriam os ‘libertadores do Brasil inteiro’*”²⁸⁸. O motivo brasileiro do episódio adquiriu, desta forma, maior importância na narrativa do que a questão do separatismo, que na visão do autor era inegável, mas que permanecia no domínio do passado:

*O sentido de união com as demais províncias brasileiras se manifesta, nesse tempo. Não se pode negal-o ou obscurecel-o. Mas o facto é que o ‘separatismo’ dos farrapos existiu, numa certa phase da sua existencia agitada e teve, no seio da revolução, muitos adeptos. Mas não cabe, aqui, discutir essa tendência que deve ser estudada, como phenomeno de uma epoca politica do Brasil*²⁸⁹.

A presença dos “*não rio-grandenses*” na Revolução Farroupilha foi também matéria do artigo de Dante de Laytano, publicado pelo Diário de Notícias [imagem 18]. A primeira questão abordada pelo autor foi “*como se achavam no Rio Grande do Sul os elementos brasileiros que aderiram a Revolução?*”²⁹⁰. Respondeu, então, que devido a permanência dos acampamentos militares nesta região “*todos esses homens que já traziam o germen do anti-monarquismo dentro de si*” entraram em contato com os sul-rio-grandenses, “*a unica classe organizada ao tempo*”. Na sequência Laytano relacionou uma lista de nomes dos brasileiros que participaram do episódio, incluindo mineiros, baianos, alagoenses, cariocas, paulistas e catarinenses.

Sobre a influência platina, o autor não se posicionou sem antes referir-se ao debate entre os historiadores da época: “*Felix Contreira Rodrigues, Otelio Rosa e outros negam e Alfredo Varella, Aurelio Porto e outros afirmam essa influencia na nossa*

²⁸⁷ RUSSOMANO, Victor. Op. cit., 1935.

²⁸⁸ Ibid.

²⁸⁹ Ibid.

²⁹⁰ LAYTANO, Dante de. Contribuições dos homens não riograndenses na Republica de Piratini. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 de setembro de 1935, p. 24.

história”²⁹¹. Para o historiador, no entanto, esta participação não poderia ser negada, mas, sim, relativizada:

*A tese é palpitante, mas o seu sentido economico nos demonstra que essa influencia não existe sinão fracamente porque, na linha divisória ou nas regiões fronteiriças argentino-uruguaia, o comercio e a industria das cidades rio-grandenses absorvem ás das localidades desses paízes. Mesmo na formação do nosso caudilhismo nos libertamos dos traços platinos para ficarmos integrados no espírito português*²⁹².



Imagem 18 – Artigo publicado pelo Diário de Notícias. Contribuição Dos Homens Não Rio-grandenses na Republica De Piratini. Porto Alegre, 20 de setembro de 1935, p. 24. À direita, imagem de Anita Garibaldi²⁹³. (MCSHJC)

O autor argumenta, ainda, que apesar dos farroupilhas terem realizado uma “aliança colaborativa” com o uruguaio Frutuoso Rivera, “o concurso dos platinos uruguaio é de plena solidariedade á causa dos farrapos e não um fator que

²⁹¹ Contribuições dos homens não riograndenses na Republica de Piratini. Op. cit.

²⁹² Ibid.

²⁹³ Ainda que a imagem de Anita Garibaldi esteja presente junto ao artigo de Dante de Laytano, seu nome não foi mencionado na lista dos “não rio-grandenses” que participaram da Revolução Farroupilha. A descrição desta personagem como “companheira” de Garibaldi “no amor e na glória” confirma a galeria masculina dos heróis farroupilhas. Ibid.

definitivamente a influenciassse porque a Revolução já estava acesa quando eles vieram...”²⁹⁴.



Imagem 19 – Artigo publicado pelo Diário de Notícias. Contribuição Dos Homens Não Rio-grandenses na Republica De Piratini. Porto Alegre, 20 de setembro de 1935, p. 24. À esquerda, imagem de Giuseppe Garibaldi, um dos “não rio-grandenses” lembrados pelo autor. (MCSHJC)

Além da participação brasileira, o texto destaca a presença italiana, representada pelos “*quatro bravos*” – Giuseppe Garibaldi, Tito Lívio Zambecari, Luigi Rosseti e Francisco Anzani; a colaboração dos colonos alemães, “*irmãos dos guerreiros gaúchos*”, e o norte-americano João Griggs, comandante da “*marinha republicana de 35*”²⁹⁵. Este quadro refuta a ideia de que a Revolução Farroupilha teria sido um evento circunscrito no âmbito regional.

O uso dos testemunhos dos líderes farroupilhas e dos seus sucessores, com o intuito de legitimar uma determinada versão sobre o passado, é também percebido na entrevista com Dario Crespo, bisneto de Bento Gonçalves. A publicação do *Jornal da Manhã* destacava já em seu título a ideia perseguida pela narrativa: “O sentido

²⁹⁴ Contribuições dos homens não riograndenses na Republica de Piratini. Op. cit.

²⁹⁵ Ibid.

brasileiro do movimento de 35”²⁹⁶. A Revolução Farroupilha, adverte o autor, era desconhecida pelo Brasil devido ao peso do separatismo que “*emprestava-lhe um cunho anti-brasileiro, tornando-a apática aos filhos de outros estados*”²⁹⁷. Contestando esta visão, o entrevistado estabelece uma aproximação entre este episódio e aqueles ocorridos em outras partes do Brasil através de um pensamento comum:

MOVIMENTO BRASILEIRO

(...) Examinada, porém, no seu merecimento real, a Revolução dos Farrapos encerra uma expressão eloquente de brasilidade. Os seus chefes participam das idéias então dominantes no Brasil, sobretudo a federativa, inspirada na união dos Estados Americanos, e como reação que se impunha á politica compressora de um atrofante regime centralizador.

(...) A idéia republicana, que teve manifestações no Brasil desde á época colonial, na Inconfidencia Mineira e na Revolução Pernambucana de 1917, reaparece, como assinala Oliveira Vianna, na Constituinte de 1823, voltando mais insistente, depois do 7 de abril. Dela participavam, tambem, antes de 1835, os filhos da heroica Provincia de S. Pedro.

FILHOS DE TODAS AS PROVINCIAS

– “*O ideal republicano federativo congregava no Rio Grande do Sul, numa só aspiração, brasileiros de outras provincias*”. – esclarece o sr. Dario Crespo. “*Domingos José de Almeida, o dr. Marciano Pereira Ribeiro, José Pinheiro de Ulhôa Cintra, o Padre Antonio Ribeiro, e outros, eram filhos de Minas Gerais; João Manuel de Lima e Silva, José Mariano de Matos, do Rio de Janeiro; Bento Manuel, o Padre Sebastião Pinto do Rego, de São Paulo; o Padre Antonio de Caldas, de Alagoas; o Coronel José Manuel de Leão e Vicente José da Silva, de Santa Catarina*”²⁹⁸.

A pretensa ligação entre os movimentos ocorridos em diferentes Estados brasileiros evidencia a busca por uma ligação entre as regiões do Brasil. Demonstrativo desta relação, seria, então, a participação dos “*filhos de todas as provincias*” no “*movimento brasileiro*”²⁹⁹, como também a resposta de David Canabarro ao “*ditador Rosas*”: “*Senhor. O primeiro de vossos soldados que transpuzer a fronteira fornecerá o sangue com que assinaremos a paz de Piratini com os imperiais, pois acima de nosso amor à Republica está o nosso brio de brasileiros*”³⁰⁰. Deste modo, o inconveniente

²⁹⁶ O sentido brasileiro do movimento de 35. Entrevista com Dario Crespo. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

²⁹⁷ Ibid.

²⁹⁸ Ibid.

²⁹⁹ Ibid.

³⁰⁰ Ibid.

passado separatista é revertido pela imagem de um Rio Grande do Sul republicano e integrado à nação.

Por este motivo o Centenário Farroupilha deveria ser comemorado não apenas pelos “filhos dessa terra”³⁰¹, mas por todo o Brasil, na opinião de Carlos Carneiro, capitão da marinha, cuja palestra foi publicada pelo jornal *Correio do Povo*. Assim, enfatizou o autor, era a brasilidade da revolução o que se comemorava, e não a separação que, de fato, não existiu:

*(...) acima das paixões políticas daquela epoca de cem annos atraz, sobrenada a pureza dos sentimentos, os arroubos do patriotismo, a confiança e a fé na grandeza da nacionalidade. Não viemos festejar uma revolução, mas uma epopéa; não viemos applaudir o movimento republicano de então, embora hoje o sejamos, mas a firmeza inquebrável do animo daqueles gauchos – **que eram brasileiros** – preferindo lançar-se pela vereda da Republica antes de se conformarem com o insucesso de sua campanha; não vibrariamos de emoção pela passagem dessa data se os farroupilhas desejassem sinceramente a separação do Rio Grande, como contavam os inimigos do Brasil no Rio da Prata, mas levantemos os nossos vivas e os nossos hurrahs justamente porque repelliram altivamente as ofertas e as propostas contrarias à unidade de nossa gente*³⁰².

Se o caudilhismo foi um dos temas caros à memória da Revolução Farroupilha, por ameaçar o sentido brasileiro que se buscava naquele evento, a narrativa de Luciano Tapajós³⁰³ apresenta uma interessante interpretação, por conciliar o caráter nacional e “americano” do movimento. O separatismo foi considerado apenas como “um meio de que se viram forçados a lançar mão os soldados de Bento Gonçalves e Canabarro para responder à inconciencia do governo imperial”³⁰⁴. Por isso, afirmou o autor, “ninguém mais, entre os que estudam e pensam, terá a coragem de atirar sobre os Farrapos o labéo de antibrasiliros, de separatistas, de inimigos da unidade nacional”³⁰⁵. Assim, advertiu que o Brasil (do presente), a exemplo dos farroupilhas que se rebelaram contra a “comodidade monárquica e bragantina”, deveria “deixar de ser o Portugal da America”, completando, então, “o ideal que tirou dos fogões natais para a luta aberta no pampa e nas coxilhas o **brasileiro-americano** do extremo sul”. Portanto, nem apenas

³⁰¹ Uma palestra sobre a Revolução Farroupilha. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 18.

³⁰² Ibid.

³⁰³ O escritor e jornalista, Luciano Tapajós, foi membro do IHGB e um dos fundadores da Associação Petropolitana de Ciência e Letras. Ver: LUCIANO Tapajós. Disponível em: http://www.apcl.com.br/NOTICIAS/coluna_tapajos.htm. Acesso em: 17/12/2011.

³⁰⁴ TAPAJÓS, Luciano. A semana que passou. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 27 set. 1935, p. 1.

³⁰⁵ Ibid.

brasileiro, e nem somente americano, o que propunha Tapajós era a “americanização do Brasil”:

Fazer do Brasil um país americano, uma república sul-americana, deixando de lado a placenta lusitana a que viemos presos, o sentido europeu que foi tão somente o que nos presidiu ao berço, não podendo, de modo nenhum, manter-se, como o quiseram os saudosistas da estirpe bragantina, para nos distanciar de todos os mais povos do Continente...

O Brasil precisa deixar de ser o Portugal da América, tanto mais inexplicável quanto não ha nem jamais houve, entre os países hispânicos do Prata, dos Andes ou das Guianas, aquele que quizesse a antonomasia de Espanha do Novo Continente...

*Os Farrapos, que, com seu sangue generoso, derramando-o durante dez anos, aumentaram os glóbulos vermelhos da circulação sanguínea do Brasil, iniciados com o sonho romântico de Tiradentes, que continuem a velar sobre nós, lá do alto do Infinito incompreensível, para que cheguemos um dia a realizar o intento, que era o deles, de fazer pelos sentimentos, pelas finalidades, pelos desejos, um **Brasil-americano** então aquele que ainda estamos vivendo, cheio dos preconceitos de uma civilização européia agonizante³⁰⁶.*

Este pensamento certamente não encontraria respaldo nas palavras de Getúlio Vargas, a quem interessava a versão de uma revolução incontestavelmente brasileira. A negação do separatismo, a imprevisão do Império, e a afirmação do republicanismo foram os temas percorridos pelo presidente, no discurso abordado no capítulo anterior [imagem 12]. Em sintonia com algumas das narrativas já analisadas, este pronunciamento buscava superar as contrariedades do caráter nacional da revolução, relacionando-a ao “*povo brasileiro*”³⁰⁷:

Decorridos cem anos, apagados os rancores, esquecidas as incompreensões faccionistas e limpos de falsidades os conceitos de alguns falsos reveladores da verdade histórica, o movimento revolucionário de 1835 pode ser definido como robusta e inequívoca demonstração da vitalidade cívica do povo brasileiro ao integrar-se nas conquistas políticas da independência e da democracia³⁰⁸.

Para Getúlio Vargas, devido às “*tendências conformadoras da nacionalidade*” não seria possível compreender que os movimentos revolucionários, que tinham como objetivo “*implantar a Federação e até a República*”, ocasionariam a “*desagregação da*

³⁰⁶ TAPAJÓS, Luciano. Op. cit.

³⁰⁷ O notável discurso do chefe da nação no banquete. Op. cit.

³⁰⁸ Ibid.

Patria”³⁰⁹. Neste sentido, assevera que “*não é possível sustentar, sem má fé, que os homens da decada farroupilha visassem desagregar a nação, quando, pela sua unidade, com denodo e heroísmo, haviam combatido antes e combateram depois*”³¹⁰. A “*a pecha inflamante do separatismo*”, nada mais poderia ser além do olhar dos homens do Império, para quem “*todas as arremetidas contra o regime monárquico tinham de ser consideradas impatriotas, criminosas, ameaçadoras da integridade nacional*”³¹¹.

A localização geográfica do Rio Grande do Sul no território brasileiro, elemento presente em algumas das narrativas analisadas na primeira parte deste trabalho, foi elencada na explicação do presidente sobre a Revolução Farroupilha. Além de atribuir às características territoriais a vocação do gaúcho para a guerra, aspecto abordado nos capítulos anteriores, Getúlio Vargas argumenta que a província “*afastada do centro*”, sendo a “*ultima região colonizada do país*” e um “*campo de batalha permanente*”, foi “*assolada pelas guerras*” e empobrecera³¹². Assim, a província, cujas “*necessidades locais permaneciam ignoradas do governo central*”, quis a mudança “*não só para o Rio Grande, mas **para todo o Brasil***”³¹³. Já para Flores da Cunha, era o pertencimento ao território brasileiro o que garantiu em 1835 a brasilidade da revolução: “*Soldados por mais de um século, em contato com os brasileiros do norte e do centro, que ao nosso lado vinham pelejar contra o invasor ou o inimigo comum, ficou-nos sempre no espirito, em recorte profundo, a imagem da Patria una e indivisível*”³¹⁴.

Vemos que, na narrativa de Getúlio Vargas, foram considerados heróis da revolução brasileira não somente os farroupilhas “*Bento Gonçalves, Canabarro, Neto, Gomes Jardim, Onofre Pires*”, mas também os imperiais “*Chico Pedro, Silva Tavares, Osorio, Marques de Souza*”. Caxias, por sua vez, recebeu a denominação de “*o pacificador*”, por ter convocado o “*sentimento nacional*” que encerrou a “*luta fratricida*”³¹⁵. Isto foi possível, de acordo com o discurso, porque os farroupilhas “*pelejavam contra o Imperio, mas não contra o Brasil, que queriam federado e republicanizado*”³¹⁶. O Rio Grande do Sul figura, desta forma, como pioneiro da ideia

³⁰⁹ O notável discurso do chefe da nação no banquete. Op. cit.

³¹⁰ Ibid.

³¹¹ Ibid.

³¹² Ibid.

³¹³ Ibid.

³¹⁴ Ibid.

³¹⁵ Ibid.

³¹⁶ Ibid.

que “somente 40 anos mais tarde” seria concretizada com a “*Federação e a República*”³¹⁷. O episódio farroupilha, narrado deste modo, integra o passado da região ao da nação, atendendo aos critérios de brasilidade preconizados pelo próprio presidente.

A construção de uma narrativa que transpusesse o separatismo, revertendo-o em uma memória adequada aos ditames da nacionalidade, possibilitava a compreensão do presente através da exemplaridade da Revolução Farroupilha. Neste sentido, alguns eventos foram interpretados à luz do passado farroupilha, como veremos nas próximas páginas.

3.2 O passado que continua presente: 1835 e 1930, a um só tempo

A presentificação do passado farroupilha, tal como vimos sobre o aspecto do heroísmo, também é percebido na leitura do tempo presente pelas narrativas. Assim, aos “*filhos da terra incomparavel de Bento Gonçalves*”³¹⁸ competia a tarefa de continuar a obra dos seus antepassados, mantendo os ideais de liberdade e democracia. A epopeia de 35, na descrição de Di Calafiori, representava “*o começo de uma era dinamica, de lutas e de conquistas*”³¹⁹, que se manifestaria consequentemente em outros acontecimentos: “*93 não foi mais do que o reacender da chama que se extinguiu em 45. 23, 24 e 25 não representam, na historia brasilica, sinão o despertar de um povo cansado de opressão e decidido a dar combate à tirania aviltante*”³²⁰. Às ambiguidades que poderiam ser compreendidas nas revoluções de 1893 e 1923³²¹, sobrepõe-se o argumento referente à luta contra a dominação do poder central, utilizado pelas narrativas que recusavam o separatismo farroupilha, como vimos anteriormente.

³¹⁷ O notável discurso do chefe da nação no banquete. Op. cit.

³¹⁸ DI CALAFIORI, Darcy. Glorias Farroupilhas. *A Federação*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 4.

³¹⁹ Ibid.

³²⁰ Ibid.

³²¹ Mara Rodrigues aponta que, para Moysés Vellinho, a Revolução Federalista significava uma “descontinuidade da formação regional”, que seria revista posteriormente: “A experiência de 1923 transformava a desintegração social decorrente da revolução anterior em evento efêmero, configurando os traços estruturais que embasavam a expectativa otimista de 1925, condição verificada no ambiente ‘pré-revolucionário’ de 1930”. RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da Crítica à História: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação*. Op. cit., p. 43-47.

No discurso de Flores da Cunha, publicado integralmente pelo jornal a Federação [imagem 20], a Revolução Federalista, ao contrário do que observamos na narrativa acima, representa tão somente uma “*revolução sangrenta*” onde “*se degladiaram parlamentaristas e presidencialistas*”³²². A Revolução de 1923, contudo, foi vista positivamente, pois, para o governador, a partir deste marco o Rio Grande do Sul retomou o “*sentido da união brasileira, da integridade da Nação*”³²³.

Já Di Calafiori, inscreve os dois acontecimentos na marcha iniciada em 1835 e que, em 1930, teria alcançado o seu apogeu:

*Foram esses movimentos armados, em que, mais do que nunca, avultaram os lances heroicos da gente rio-grandense, o reflexo maravilhoso da Revolução Farroupilha, que preparou a tempera de uma raça levando-a, afinal, á jornada incontestavel de 30, de que, na expressão lapidar de Flores da Cunha, “ou se voltaria com honra ou não se voltaria mais”*³²⁴.

Se a Revolução Farroupilha se repetia em 1930, era no vínculo nacional que o autor explicava seu argumento: “*E, 30 – arrancada majestosa que se distendeu por todo o territorio da Patria, despovoando os lares e inundando os corações brasilicos – foi a reafirmação irretorquível e empolgante da bravura e do patriotismo dos netos daqueles valentes defensores da soberania popular*”³²⁵. Assim, o nacionalismo, elemento presente entre os farroupilhas, perpassava “*a sucessão natural das gerações*” que, continuamente, reproduzia os feitos “*cada vez mais eletrizantes, mais heroicos*”³²⁶.

É interessante observar que o episódio farroupilha representa, nesta narrativa, uma força impulsionadora do destino do Rio Grande do Sul e quiçá do Brasil: “*E, em todos esses embates gigantescos, o braço do Rio Grande, tangido pelas forças incoercíveis da tradição farroupilha, continuou sendo, através dos tempos, como em 1835, o sustentáculo poderoso da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade*”³²⁷. Cumpre-se, portanto, o “trabalho pedagógico”³²⁸ de construção de uma continuidade temporal e de aprendizagem através dos exemplos do passado: *Hosanas, pois, Aqueles que,*

³²² A notável oração proferida pelo general Flores da Cunha no ato inaugural da Exposição do Centenario Farroupilha. Op. cit.

³²³ Ibid.

³²⁴ DI CALAFIORI, Darcy. Op. cit.

³²⁵ Ibid.

³²⁶ Ibid.

³²⁷ Ibid.

³²⁸ THIESSE, Anne-Marie. Op. cit., p. 8.

*glorificados nos campos de batalha, legaram às gerações porvindouras os mais edificantes ensinamentos de patriotismo, abnegação e bravura*³²⁹.

No que se refere à revolução de 30, a transformação da experiência do passado em explicação para o presente não pode ser compreendida de forma isolada da presentificação dos heróis farroupilhas na imagem de Getúlio Vargas, discutida no segundo capítulo. Se o presente revivia o passado farroupilha, era porque o heroísmo permanecia na formação do sul-rio-grandense³³⁰ – neste caso representado na figura do presidente –, que repetia as obras do passado. É assim que, conforme observamos no seguinte texto do jornal *A Federação*, foi retratado o “primeiro presidente democrático do país”³³¹:

*Compreendeu o dr. Getulio Dorneles todo o sentido historico de 35 e sentiu profundamente toda a intensidade de seu ideal republicano. Daí a perfeita harmonia de seus atos publicos com as prédicas de nossos avoengos ilustres, os precursores de uma Idea, que haveria mais tarde de germinar, não só no Rio Grande, mas em todo o Brasil, como uma imposição de um aneio maximo, que constituiu o espirito da época*³³².

Mais do que uma identificação entre o passado e o presente, o republicanism mencionado na narrativa aparece como uma consequência da política inaugurada pelos farroupilhas. Getúlio Vargas, de acordo com a visão deste jornal – veículo de divulgação do PRL, partido que apoiou o presidente –, é considerado, sobretudo, democrático em seus princípios republicanos, apesar da ditadura do seu governo e das acusações direcionadas ao mesmo:

*(...) E para provarmos o grau intenso de republicanismo, que pautou sempre os seus gestos mais sutis e as suas atitudes mais enérgicas, temos o proprio periodo ditatorial, após a revolução de 30, em que S. Exa. se manteve no mesmo ponto de vista democratico e na mesma fé republicana, não praticando, com os largos recursos de que dispunha, nenhum atentado contra as liberdades publicas, admitindo mesmo, nas horas mais amargas de inquietação, em que o povo não compreendia um periodo de relevante transição historica, todas as criticas injustas contra o seu governo e a sua pessoa*³³³.

³²⁹ DI CALAFIORI, Darcy. Op. cit.

³³⁰ Cabe aqui lembrar algumas das características destacadas nas narrativas analisadas no primeiro capítulo, sobre a formação do “tipo sul-rio-grandense”, como a coragem, a vocação para a guerra, a altivez, a força, etc.

³³¹ Presidente Getulio Vargas. *A Federação*, Porto Alegre, 19 set. 1935, p. 1.

³³² Ibid.

³³³ Ibid.

[illegible]

Imagem 20 – Discurso publicado pelo jornal *A Federação*. A notável oração proferida pelo general Flores da Cunha no ato inaugural da Exposição do Centenario Farroupilha. Porto Alegre, 21 set. 1935, p. 1. (MCSHJC)

A correspondência entre os eventos de 1835 e 1930 esteve também presente no discurso do governador Flores da Cunha, proferido na inauguração da Exposição do Centenário Farroupilha [imagem 20]. Nesta narrativa, a nacionalidade, uma vez manifestada pelos farroupilhas, foi relacionada ao presente de 1930, unificando o Brasil e superando determinadas diferenças:

Si um dos nossos ditames historicos fora a defesa da união nacional, o outro, não menos veemente, que se vincula ao solo é a liberdade, ia deparar, em 1930, pela primeira vez, a oportunidade feliz e gloriosa de ultrapassar as raías do seu particularismo e extravasar pelo Brasil, em estreita comunhão com todos os patriotas, afim de instaurar, em toda a sua verdade, o governo da democracia. O eminente Chefe da Nação, Chefe supremo do movimento, naquela quadra imarcescível, póde bem comprovar que o Rio Grande do Sul, pelos seus estadistas, tributos e homens de guerra, nada mais fazia do que congregar, numa sinergia titanica, em bem do Brasil, todos os seus deveres tradicionais, todos os seus anelos profundos de respeito á lei e á liberdade, de ordem segura e de trabalho fecundo, de conservação e de renovação. Naquele instante epico, confundiam-se os rio-grandenses todos, sem distinção de cor politica, republicanos, federalistas e libertadores, anciãos respeitáveis e jovens esperançosos, homens e mulheres, porque o momento formidavel em que nós ultrapassamos a nós mesmos³³⁴.

A aproximação com o tempo da experiência farroupilha, empreendida nas narrativas, tornava o passado vivido ainda presente nos episódios que se perpetuavam ao longo do tempo. Esta forma de ver o passado, necessária ao presente, possibilitava a perspectiva de um futuro para a região que pretendia estar integrada à nação, assim como estiveram os farroupilhas na “revolução brasileira” de 1835.

3.3 “O que pensam de nós”: sobre o debate entre a região e a nação

A preocupação com a unificação nacional pautou o debate entre o regional e o nacional, nos anos 1930. Buscando uma cultura nacional, intelectuais repensaram o Brasil (e suas partes), assim como o passado da nação. No que diz respeito ao Rio Grande do Sul, conforme destacou Nedel, a relação da parte com o todo foi marcada pela ideia da peculiaridade da região no cenário nacional, presente desde o final do

³³⁴ A notável oração proferida pelo general Flores da Cunha no ato inaugural da Exposição do Centenario Farroupilha. Op. cit.

século XIX³³⁵. Este fator, como destaca a historiadora, pode ser observado na crítica feita ao *regionalismo* [grifo da autora] presente na produção literária sulina, através da qual “tornou-se comum a desconfiança de que o estado parecia, aos olhos dos demais brasileiros, detentor não de uma cultura diferente, mas *divergente* [grifo da autora] em relação à nacionalidade”³³⁶.

Esta questão pode ser observada na apreciação do jornal *A Federação* sobre as transformações em curso no campo literário sul-rio-grandense:

No Brasil, pode-se precisar, claramente os limites das suas regiões distintas, com vida e hábitos diferentes. Daí o bairrismo nos costumes e o regionalismo em literatura. (...) O Rio Grande, durante algum tempo, constituiu, em literatura, um núcleo divorciado do resto do país. O gaúcho foi pintado, com as tintas mais ricas, através de todos os governos literários. A vida do campo e a estância constituíram um cenário invariável e a bravura e a lealdade do gaúcho, um motivo, que se repetiu por muito tempo, sem se esgotar nunca.

*(...) O público, que contávamos para este gênero literário, era tão somente o circunscrito em nosso Estado. Durante este tempo, ficamos isolados do resto do país. Pouco se interessavam com a literatura rio-grandense. E isso porque o tema era por demais local. E na capital da República se iniciava o surto, que hoje é vitorioso, da literatura nova, com a universalização e humanização dos temas*³³⁷.

De acordo com o texto, o descompasso entre a literatura antes restrita aos temas locais e aquela que era reconhecida em nível “nacional”, já não era mais uma característica da produção literária dos escritores modernos, que haviam trocado o “local pelo universal” e o “detalhe pelo geral”³³⁸. O convite recebido por alguns escritores gaúchos para realizarem conferências no salão Pró-Arte, no Rio de Janeiro, foi considerado como uma prova da ruptura com o isolacionismo da literatura sul-rio-grandense e o início de um “intercambio cultural”: “Como se vê, o Rio Grande já está interessando a literatura nacional. O convite feito agora aos nossos escritores é bastante significativo. Ele traduz um conceito novo, por parte dos intelectuais brasileiros, sobre os destinos novos da literatura gaúcha”³³⁹. Nota-se aqui a importância atribuída ao pertencimento da produção literária dos escritores sul-rio-grandenses ao cenário nacional.

³³⁵ NEDEL, Letícia Borges. Op. cit., p. 35.

³³⁶ Ibid., p. 69-70.

³³⁷ Intercambio Cultural. *A Federação*, Porto Alegre, 10 ago. 1935, p. 1.

³³⁸ Ibid.

³³⁹ Ibid.

A atenção dada à integração da região com a nação, sobre o ponto de vista cultural, foi matéria de outros textos encontrados neste jornal, relacionados às comemorações do Centenário Farroupilha. Poucos dias após a publicação da nota abordada acima, *A Federação* destacava a preparação da Exposição do Centenário Farroupilha, que colocaria “*ante os olhos de milhares de brasileiros*”³⁴⁰ o desenvolvimento das ciências e das artes no Rio Grande do Sul:

*No plano intelectual basta notarmos o que se vai fazendo em vista do proximo centenario, em assuntos históricos e, principalmente, o que se está realizando no terreno literário, entre os nossos escritores que neste instante desenvolvem uma atividade capaz de colocar o Rio Grande na altura merecida, entre os outros Estados da União*³⁴¹.

O mesmo pode ser observado no discurso de Flores da Cunha, que vem sendo analisado desde o segundo capítulo. Narrando uma trajetória ascensional, cujo marco foi 1835, quase ao final do discurso, o governador destacou o momento cultural vivido pelos sul-rio-grandenses:

*A cultura se difunde. A imprensa discute e critica. Artistas, literatos, historiadores, sociólogos, homens de pensamento e de ciencia vão surgindo e se projetando no cenário nacional. Longe de serem figuras isoladas, como no passado, em desproporção chocante às vezes com a rotina do meio, eles agora se agrupam e solidarizam em torno dos problemas da sua terra, das aspirações e sentimentos do seu povo*³⁴².

Assim, as comemorações farroupilhas pareciam constituir a oportunidade de mostrar para as “*figuras proeminentes da literatura nacional*” que visitavam o Estado, a obra que até então era praticamente desconhecida no Brasil:

A impressão que estes homens de cultura estão colhendo em nosso meio é, para nós, a mais desvanecedora possível. Alguns não ocultaram a sua surpresa. Com sinceridade confessam que se encontravam muito aquém da realidade. Não supunham encontrar um Rio Grande intelectualmente forte e definido.

(...) E isto é motivo de satisfação para todos nós. Critica séria e honesta sobre as atividades de espirito da elite intelectual do Rio Grande. Palavras de carinho, de amor e de estímulo, sem amargores

³⁴⁰ As festas do Centenario. *A Federação*, Porto Alegre, 28 ago. 1935, p. 1.

³⁴¹ Ibid.

³⁴² A notavel oração proferida pelo general Flores da Cunha no ato inaugural da Exposição do Centenario Farroupilha. Op. Cit.

*e ressentimentos, dentro de uma visão larga de solidariedade artistica e de verdadeiro espirito de brasilidade*³⁴³.

Neste sentido, o que deveria ser visto na Exposição Farroupilha, conforme a narrativa deste jornal, não era somente o culto dos heróis, mas principalmente as “*obras magnificas*”³⁴⁴ do presente:

*Os viajantes do estupendo certame, não virão ver somente como a terra farroupilha vibra de entusiasmo ao evocar as suas tradições guerreiras e os vultos dos que encheram o passado de exemplos de bravura e amor á liberdade; irão ver tambem, um Rio Grande que travou uma batalha mais bela e maior ainda do que aquelas que, ha um seculo, os farrapos sustentaram*³⁴⁵.

O resultado da batalha que os sul-rio-grandenses travaram “*pela cultura, pelo progresso e pela civilização*”³⁴⁶, era também o que Flores da Cunha pretendia que o Brasil conhecesse. No discurso já mencionado no segundo capítulo, por ter o governador identificado o projeto iniciado pelos farroupilhas no governo de Getúlio Vargas, vemos, também, o presente como continuação do passado, isto é, como consequência da “*maravilhosa grandesa*” que os “*riograndenses heroicos e ilustres sonharam nos campos de batalha*”³⁴⁷:

*Efetivamente, se lançarmos um rápido olhar retrospectivo ao passado, se perquirirmos sumariamente as grandes etapas percorridas, veremos com alegria e com assombro que a **marcha vertiginosa do Rio Grande** através dos anos que passaram, tem sido uma afirmação constante de vontade e de trabalho, uma realização ininterrupta dos seus ideais e aspirações mais caras, uma **progressão ascencional para o grande instante cultural** em que nos encontramos, e de que temos uma prova nítida nessa admiravel “Exposição Farroupilha”, que é uma prodigiosa manifestação do que já somos e do que **ainda poderemos realizar***³⁴⁸.

Percebemos, pois, não apenas a ligação do presente com o passado farroupilha, mas ainda com o futuro, ou, com o que se esperava dele. Ao encontro deste pronunciamento, a narrativa de Gomes, no *Jornal da Manhã*, compreendia na permanência do passado a orientação de um destino para os gaúchos:

³⁴³ As forças espirituais do Rio Grande. *A Federação*, Porto Alegre, 27 set. 1935, p. 1.

³⁴⁴ GUIDO, Angelo. Op. cit. Ver transcrição completa na página 91.

³⁴⁵ Ibid.

³⁴⁶ Ibid.

³⁴⁷ A empolgante oração de ontem do Gal. Flores da Cunha. *A Federação*, Porto Alegre, 23 set. 1935, p. 1.

³⁴⁸ Ibid.

*O sangue que pulsou no coração dos “Farrapos” e que os empeliu a luta titânica pela conquista de sua liberdade, é o mesmo sangue que nesta hora palpita nas veias dos gauchos e os tange unificados, coesos e fortes para a conquista dos seus gloriosos destinos dentro da mesma comunhão de ideias e de esforços que se resume na grandeza, na integridade e na intangibilidade da nossa Pátria*³⁴⁹.

O futuro da região foi, portanto, inscrito no imperativo da Pátria, por quem os “brasileiros” de outrora “derramaram seu sangue nos bravios recentros das cochilhas para proclamar a República Rio Grandense”³⁵⁰. O mesmo compromisso estava posto ao presente: “Como brasileiros, damos agora á patria o melhor das nossas energias, o mais fecundo do nosso entusiasmo creador, para que o Rio Grande do Sul possa orgulhar-se dela e ela orgulhar-se do Rio Grande do Sul”³⁵¹.

Verificamos que as narrativas ambicionavam, com as comemorações do Centenário Farroupilha, que a região fosse percebida pela nação. Assim afirmava o jornal *A Federação*, sobre a Exposição realizada no Campo da Redenção: “Todas as atenções do pais estão voltadas para a metrópole gaúcha, onde se vai realizar uma das mais fascinantes paradas econômicas de que ha memoria em nossa terra. As comemorações do Centenario Farroupilha prometem assinalar o maior acontecimento brasileiro destes últimos tempos”³⁵². A lembrança almejada era, portanto, a de um Rio Grande em desenvolvimento, e, como vemos na matéria de Alexandre da Costa³⁵³, a de um sul-rio-grandense brasileiro, e não aquela unicamente regional [imagem 21]:

³⁴⁹ GOMES, E. de Souza. Op. cit.

³⁵⁰ Ibid.

³⁵¹ Ibid.

³⁵² A hora farroupilha. *A Federação*, Porto Alegre, 14 set. 1935, p. 2.

³⁵³ Alexandre da Costa foi jornalista, poeta e teatrólogo. Trabalhou para o jornal *A Federação*, e publicou artigos no *Correio do Povo* e em periódicos do Rio de Janeiro. MARTINS, Ari. Op. cit., p. 161.



Imagem 21 – Texto publicado pelo jornal *A Federação*. Vozes da Cidade. Porto Alegre, 21 set. 1935, p. 5. (MCSHJC) Ao lado do texto de Alexandre da Costa, uma série de imagens retraram momentos da inauguração da Exposição Farroupilha, destacando as autoridades presentes, especialmente o presidente Getúlio Vargas.

*Uma das acusações – ou, melhor exprimindo, das recriminações que se fazem, no Rio Grande, aos seus filhos mandados em missões representativas do Estado, para a metropole, ou convocados, pelo pronunciamento nacional, para altos postos administrativos, é a que os apresenta possuídos de um **espírito de brasilidade tão intenso**, tão profundo, tão concientemente posto a serviço dos interesses da União, que aparecem como olvidados das origens, indiferentes aos assuntos peculiares a unidade de onde procedem.*

*Ainda bem que assim sucede, pois **desaparece**, diluída na visão panorâmica das necessidades nacionais – e com elas irmanadas, enunca em conflito, as do Estado –, **a suspeita de regionalismo** que não existe, nem de longe, como instinto de preponderância, como tentativa de predomínio, como espírito de dominação. Mas, breve, o Rio Grande inteligentemente compreendeu que mais trabalham pela elevação do conceito gauchesco os que, legitimamente representando-o, **se integram no espírito totalitário do brasileiro**, e, nos concílios e debates, procuram satisfazer as necessidades de outras cellas federativas, de que se, a cada passo, antepuzessem, a estas, as do respetivo rincão³⁵⁴.*

Comprovando o despretenso sentimento de apego à região, o autor descreve o que lhe fora contado sobre a emoção de João Carlos Machado, secretário de Estado dos Negócios do Interior no governo Flores da Cunha, ao retornar ao Rio Grande do Sul. Indagado, então, sobre o ocorrido, enquanto aguardava a chegada do presidente Getúlio Vargas, o secretário esclareceu sua reação:

– “Sim, é verdade, e foi para mim mesmo a interpretação vívida do que nós sentimos pelo Rio Grande; este sentimento, este “sentido da querência” não é orgulho impositivo de bens materiais, forma de arrogância: é um carinho difícil de exprimir pela palavra, um afeto de características quase infantis. Basta olhar em torno para verificar como ficamos, num impulso insopitável, lisongeados com a visita dos nossos irmãos paulistas, nortistas e mineiros, única e exclusivamente para mostrar-lhes, como o maior bem que possuímos é exatamente este requinte fraternal de afetividade, fixado em flagrantes de reencontros pitorescos de velhos companheiros que se abraçam”.

O “Caiçara” descia no aeroporto, sobre as águas crespas do Guaíba. Os olhares convergem sobre a figura de Getúlio Vargas. Percebe-se que todo o potencial de energia que se acumula na personalidade do Presidente trabalha naquela hora com a força transformadora de dínamos para que no seu olhar, também, não pouse a nevoa do retorno sentimental e não dê a sua parte de fraqueza...³⁵⁵

Um breve olhar nas edições do mês de setembro dos jornais analisados evidencia a importância atribuída à presença do presidente e dos dirigentes de outros estados nas festividades do Centenário Farroupilha, destacando o seu caráter nacional. No entanto,

³⁵⁴ COSTA, Alexandre da. Vozes da Cidade. A Federação, Porto Alegre, 21 set. 1935, p. 5.

³⁵⁵ Ibid.

nenhum deles destacou como *A Federação* a repercussão das comemorações no país. Um exemplo disto é a importância atribuída à “consciência histórica da nação” sobre aquele momento:

As referencias, as opiniões que no resto do país, neste instante traduzem a significação da nossa atitude evocativa, devem calar bem fundo nos corações dos rio-grandenses e constituir a medida exata do quanto somos admirados e queridos lá fora.

Acima das pequenas competições de ordem subalterna, acima das manifestações insignificantes de certas forças negativas que existem sempre, momentos como este, em que as expansões adquirem o prestígio das coisas espontaneas, é que podem servir para que avaliemos a altura da nossa posição em face da visão dos outros.

O Rio Grande pode se orgulhar agora com a amizade e a admiração de seus irmãos³⁵⁶.

Neste sentido, o jornal observava que “de todos os Estados do Brasil, e especialmente da Capital Federal, preparam-se representações oficiais que virão trazer a Porto Alegre, nos dias comemorativos da grande epopeia, a solidariedade fraternal de sua presença e a cooperação material do seu apoio no maior certame que já se fez em nossa terra”³⁵⁷. Nesta narrativa, a ocasião comemorativa representava a “alta significação de brasilidade” e a “oportunidade magnífica de revelar o Rio Grande a esses patricios que sentirão de perto, conhecendo-a melhor, a realidade de nossa vida de povo trabalhador, orgulhoso das nossas tradições históricas e altamente preocupado do futuro e da grandeza do Brasil”³⁵⁸. Assim, apesar da “da distancia e da palavra iconoclasta dos malsinadores”, o país conheceria “através do tesmenho imparcial” dos visitantes, o Rio Grande “de fato”³⁵⁹:

Vivendo comnosco a grande hora emocional que se avizinha, apreciando o trabalho fecundo das nossas populações, adquirindo o progresso trepidamente da nossa metropole, conhecendo mais intimamente os nossos sentimentos e os nossos anseios, e verificando, pessoalmente, a obra extraordinaria de um governo dinamico, patriotico, profundamente honesto e altamente preocupado com o bem estar da coletividade – os forasteiros nossos irmãos terão oportunidade de constatar, com os seus proprios olhos, a vida dignificante de um povo que tem tratado, de armas nas mãos, em todos os momentos tragicos por que tem passado a vida nacional, mas que sabe trabalhar, no silencio fecundo das horas tranquilas e pacificas, pelo engrandecimento e pela prosperidade da sua terra.

³⁵⁶ O que pensam de nós. *A Federação*, Porto Alegre, 24 set. 1935, p. 1.

³⁵⁷ Um testemunho imparcial. *A Federação*, Porto Alegre, 12 set. 1935, p. 1.

³⁵⁸ Ibid.

³⁵⁹ Ibid.

E esse é, sem duvida, um dos aspectos mais interessantes que o grande certame farroupilha proporcionará ao nosso espirito de riograndenses, desejosos de ver compreendido e respeitado pelo pais, como merece, o grande Estado brasileiro³⁶⁰.

O “Rio Grande revelado”³⁶¹ era, pois, a aspiração do jornal *A Federação*, e título de um dos seus textos. O Estado que “*não era suficientemente conhecido pelo resto do Brasil*”, demonstrava aos visitantes da Exposição do Centenário Farroupilha não apenas a obra já realizada, mas, principalmente, as “*enormes possibilidades que se abrem ao futuro do Rio Grande*”³⁶²:

Desde as suas instalações principais, feitas com rigoroso acabamento e com admiravel preocupação estetica, até os minimos detalhes de sua organização, sente-se a influencia decisiva de uma mentalidade nova, sintonizando profundamente com as vibrações do espirito moderno e objetivando, para os nossos proprios olhos, aspectos ineditos da nossa fulgurante evolução cultural.

Por outro lado, o desfile monumental das nossas forças produtivas, – as nossas industrias, as nossas artes, o surto maravilhoso da nossa pecuária, a nossa agricultura e o nosso comercio – constituiu da mesma forma, uma surpreendente revelação do nosso poder material, colocando-nos definitivamente, com os outros grandes Estados da Federação, no plano superior de civilização e de progresso a que tinhamos direito³⁶³.

O grau de desenvolvimento do Rio Grande do Sul, apontado nesta narrativa, colocava-o no mesmo estágio em que se encontravam as demais regiões brasileiras, como também pretendeu mostrar o general Alfredo Assunção, no texto citado no início deste capítulo. Faltava, portanto, ao Estado que já era “*admirado pelas virtudes civicas e combativas do seu povo, com uma larga ressonancia moral e politica em todos os acontecimentos historicos da nacionalidade*”, ser “*conhecido como um Estado industrial, operoso, realizador e progressista, que só agora teve ocasião de demonstrar, numa parada grandiosa de todas as suas forças, aos olhos de todo o Brasil*”³⁶⁴. Assim, o Centenário Farroupilha não se resumia apenas na celebração do passado, pois o futuro do Rio Grande já podia ser visto pelo presente:

Aqueles que vieram comungar connosco a grande hora civica das nossas glorias passadas, sentiram, mais vivamente ainda, a formidavel grandeza do nosso presente.

³⁶⁰ Um testemunho imparcial. Op. cit.

³⁶¹ O Rio Grande revelado. *A Federação*, Porto Alegre, 28 set. 1935, p. 1.

³⁶² Ibid.

³⁶³ Ibid.

³⁶⁴ Ibid.

*E o Rio Grande, cem anos após a epopeia farroupilha em que se revelou um campeador das liberdades patrias, começa a se mostrar agora, nesta nova fase de sua vida de povo forte e corajoso, como uma surpreendente força dinamica de trabalho construtivo e fecundo, tão grande na realização pacifica das suas aspirações materiais, como o tem sido em todos os tempos, e continuará a ser, na defesa intransigente dos seus mais caros anseios espirituais*³⁶⁵.

Pode-se notar que se por um lado o passado continuava na força de realização do sul-rio-grandense, por outro esta força era agora depositada no trabalho pelo desenvolvimento material do Estado. Assim, inaugurava-se uma nova etapa, marcada menos pela agricultura e pela pecuária, do que pelo progresso industrial:

O Rio Grande não se restringe, como muitos julgavam, á estância tão sómente. Além da pecuaria e da lavoura, duas grandes riquezas do nosso Estado incontestavelmente, ele possui também as industrias de tecidos, metalurgicas, de artefatos e tantas outras, que o colocam ao lado dos mais prósperos Estados da União.

*O pavilhão do Rio Grande, vitrine luminosa de trabalho e de energia, veio trazer aos olhos de todos a capacidade produtora do nosso Estado e isso com tal expressão e exuberancia, que sentimo-nos todos maravilhados ante o progresso e a conquista dos gauchos, que, **abandonando as pelejas e quebrando as lanças heroicas de 35**, restabeleceram o seculo da paz e do trabalho. Os cem anos de progresso que o Rio Grande comemora hoje é em uma lição de civismo e de patriotismo do povo riograndense. Grande nas refregas lendarias, da qual surgiram mártires e herois, é magestoso e fecundo nas horas serenas de paz e de concordia.*

*O pavilhão do Rio Grande mostra-nos todo o fruto de cem anos de paz. As industrias riograndenses ali vivas e palpitantes constituem a mais exuberante prova do que somos capaz de produzir e de realizar*³⁶⁶.

O elogio à produção intelectual dos sul-rio-grandenses e a ênfase à demonstração do desenvolvimento do Estado na Exposição Farroupilha, observados no jornal *A Federação*, não se repetiram nos demais jornais analisados. Interessava, sim, aquele que era veículo do PRL evidenciar o desenvolvimento econômico e cultural do Rio Grande do Sul, que era governado por um dos seus fundadores. O próprio Flores da Cunha afirmou no discurso de inauguração da Exposição, publicado integralmente pelo referido jornal: “Tenho motivos para me ufanar da iniciativa que lhe deu origem, que foi exclusivamente minha”³⁶⁷. Nas palavras do governador, os pavilhões que formaram a

³⁶⁵ O Rio Grande revelado. Op. cit.

³⁶⁶ O Rio Grande industrial. *A Federação*, Porto Alegre, 24 set. 1935, p. 1.

³⁶⁷ O discurso do General Flores da Cunha na inauguração da seção de pecuaria da Exposição Farroupilha. *A Federação*, Porto Alegre, 26 set. 1935, p. 1.

Exposição comprovavam que os rio-grandenses “*são capazes em todas as atividades produtivas*”:

*(...) Ainda não se haviam apagado da nossa retina o lampejar das espadas e dos nossos ouvidos o eco dos tiros disparados nas nossas ingratas contendidas civis, e havia ainda um rumor de guerra, quando resolvi promover as comemorações deste glorioso centenário. Não é esta a hora para rememorar as nossas dores. Agora desejo apenas congratular-me com a laboriosa população rio-grandense pela exibição esplendida de vigor, de energia, de trabalho e de riqueza, patenteada aos olhos dos nossos visitantes. **Somos em verdade uma raça privilegiada, capaz de todas as obras que engrandecem a espécie.** De mim, quero dizer aos meus amados patricios que estou orgulhoso de ser rio-grandense.*

*Meus patricios. Havemos de prosseguir nesta senda, dentro da ordem, amando-nos e respeitando-nos uns aos outros e **mostrando ao resto do Brasil** que aqui, neste recanto, moureja, labuta e vive uma colmeia de seres humanos que não degrada, mas dignifica a espécie³⁶⁸.*

Logo, podemos pensar que a preocupação em ver o Rio Grande do Sul valorizado pela nação, presente tanto nos discursos do governador como nas narrativas antes observadas, aponta para a aspiração de tornar a região reconhecida como integrante do país. Acreditamos que esta questão não se limite a uma intenção política do governador em ser reconhecido no cenário nacional, como poderíamos afirmar se considerássemos somente o conflito entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas. Mais do que isso, trata-se do ato de refletir sobre o pertencimento do Rio Grande do Sul ao Brasil, e da vontade de ver o seu futuro inscrito no da nação, tal como o passado.

O discurso do governador, por sua vez, está em sintonia com o tratamento que a imprensa reservou – segundo os jornais que analisamos – às comemorações do Centenário. Como pudemos demonstrar, as construções narrativas aqui observadas encontraram neste evento um espaço de celebração do passado, do presente e do futuro da região e da nação. Assim, tanto as disputas políticas quanto as versões sobre a Revolução Farroupilha foram conformadas por uma memória que atendeu às demandas do seu tempo.

³⁶⁸ O discurso do General Flores da Cunha na inauguração da seção de pecuária da Exposição Farroupilha. Op. cit.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho procuramos perceber quais foram os elementos privilegiados na escrita comemorativa do primeiro Centenário Farroupilha, através dos jornais *A Federação*, *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *Jornal da Manhã*. Desta forma, o objetivo de compreender os sentidos construídos sobre o passado da revolução e sobre o presente que a celebrava, perpassou os três capítulos desta dissertação. Almejamos aproximar o estudo da Revolução Farroupilha às investigações que problematizam a questão da elaboração de memórias e dos usos do passado, contribuindo, assim, com um acréscimo ao estudo de um tema tão tratado na historiografia. Retomaremos aqui os pontos centrais desta investigação, a fim de apontarmos possíveis conclusões a que chegamos com ela (embora saibamos que a escrita da história nunca é esgotada).

Recuperar a história da revolução significou, em algumas narrativas, resgatar os elementos que teriam agido na formação do *povo* sul-rio-grandense, condicionando-o ao evento considerado fundamental na trajetória do Rio Grande do Sul. Deste modo, o passado anterior ao episódio foi apresentado como a chave explicativa do próprio evento. Pretendendo identificar as condições que tornaram o gaúcho capaz de realizar tal feito, os textos importaram-se em explicar as origens étnicas dos habitantes desta região. A participação europeia, representada pelo imigrante açoriano e espanhol, foi sublinhada como definidora de um tipo regional particular, contrastando com os componentes que caracterizaram a formação dos demais brasileiros. Assim, a influência africana e indígena, notada por alguns autores como determinante na constituição dos habitantes das outras regiões do país, foi diminuída e até negada em relação ao gaúcho. A partir desta descrição as narrativas apontaram, portanto, para o predomínio de uma população branca à época da Revolução Farroupilha, contestando a presença do negro e do índio como atores do episódio.

Observamos que a demarcação do *eu* (gaúcho), isto é, aquele que é diferente do *outro* (negação do eu), implicou também na definição das especificidades do território do Rio Grande do Sul que atuaram na elaboração do tipo regional. Aspectos relativos à paisagem – as coxilhas e as campinas – e ao clima – especialmente o frio –, foram

avaliados pelas narrativas como determinantes na construção da “têmpera sul-rio-grandense”. Além disso, vimos que a referência à localização geográfica não apenas enfatizou o pertencimento da região ao território nacional, como ressaltou a sua importância na defesa das fronteiras do país. Portanto, ainda que o gaúcho tenha sido discursivamente diferenciado dos “outros” brasileiros, não podemos inferir que as narrativas pretendessem excluí-lo do conjunto nacional. Ao contrário, compreendemos que confirmando a particularidade do Rio Grande do Sul tais narrativas buscaram assegurar-lo como uma parte situada na unidade brasileira.

A combinação dos fatores relacionados ao *povo* e a *terra* encaminhou a ideia de que o acontecimento da Revolução Farroupilha não foi acidental, pelo contrário, sugeriu que tais componentes foram a matéria-prima que preparou as condições necessárias para a sua realização. Constatamos que alguns dos elementos identificados pelas narrativas à imagem do sul-rio-grandense também distinguiram as representações dos heróis citados pelos jornais, – como, por exemplo, a predisposição para a guerra, a intrepidez e até mesmo a origem açoriana atribuída à David Canabarro.

Verificou-se, no estudo, que o tratamento das narrativas publicadas pelos jornais selecionados não poderia considerá-las como pertencentes unicamente à categoria “jornalística”, pois grande parte dos textos foram assinados por intelectuais, alguns deles ligados ao IHGRS. Com isso pudemos perceber as semelhanças entre os discursos presentes nas edições comemorativas e as interpretações sobre a Revolução Farroupilha recorrentes nos círculos intelectuais. Assim, vimos que a rememoração do episódio buscou prioritariamente explicitar um sentido “brasileiro” para o evento que se comemorava, uma vez que aproximando a memória farroupilha ao passado nacional, o presente poderia reconhecer-se como parte da nação. Além disso, a análise das referidas narrativas atenta-nos para a participação destes profissionais no trabalho de legitimação de um regime político, uma vez que buscaram resgatar no episódio farroupilha a brasilidade necessária ao presente que projetava a coesão entre o todo nacional.

Por outro lado, as explicações que ameaçavam a versão que se pretendeu construir sobre ele foram também combatidas pelos textos analisados. Desta maneira, temas como a influência do caudilhismo e, principalmente, o separatismo farroupilha,

repelidos por alguns historiadores do IHGRS³⁶⁹, foram também rebatidos pelas narrativas veiculadas nos jornais *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *Jornal da Manhã*, como vimos no capítulo 3.

Diante do exposto, percebemos que a Revolução Farroupilha recuperada pela imprensa porto-alegrense, assim como a que foi escrita em algumas das obras publicadas em motivo das celebrações do centenário³⁷⁰, tentou adequar a memória do evento aos critérios da nacionalidade. Logo, definir quais eram os heróis da revolução e conferir-lhes um lugar simbólico no passado da nação foi umas das preocupações das narrativas que exaltaram o caráter mítico dos farroupilhas. As representações construídas não apenas valorizaram as figuras do militar e do estancieiro, como também registraram os farrapos no passado nacional – nos termos de Othelo Rosa, como “*precursores da ideologia federativa no Brasil*”³⁷¹. A lembrança de um herói brasileiro – cuja bravura estava a serviço do interesse coletivo – e prenunciador dos destinos da nação, autorizava o seu uso no presente, como evidenciamos no segundo capítulo.

Reconhecemos, ainda, que apesar do campo intelectual figurar como lugar de escrita deste material, o peso das instituições jornalísticas não se excluiu das publicações. A escolha dos nomes competentes para a tarefa de escrever sobre a epopeia e o destaque conferido às matérias foram decisões que passaram pelos critérios de cada jornal. O espaço ocupado nos periódicos *A Federação* e no *Jornal da Manhã* pelos textos que enalteceram o presidente Getúlio Vargas e, ainda mais recorrentes, os que avultaram o governador Flores da Cunha, não se repetiu nos demais jornais analisados. O vínculo que ambos mantinham com o governador, e a ligação entre o primeiro – apesar da convergência política entre Flores e Vargas – e o presidente, assinalam o interesse pela memória dos personagens da revolução. Investindo-os com o mesmo “espírito” dos “*precursores do federalismo republicano*”, as narrativas tentavam afirmar os líderes de um novo regime que, igualmente inspirado por estes ideais, continuava a obra iniciada há cem anos.

³⁶⁹ Referimo-nos principalmente ao texto *Separatismo entre os farrapos* de Othelo Rosa, publicado na Revista do IHGRS, em 1934. De acordo com Jaisson Silva, esta publicação foi resultado de uma conferência proferida em ocasião das celebrações do 20 de setembro, na qual o historiador combateu principalmente a afirmação do separatismo apresentado na obra *História da Grande Revolução*, de Alfredo Varella. Ver: SILVA, Jaisson Oliveira. Op. cit., p. 171.

³⁷⁰ Em conformidade com o trabalho de Othelo Rosa, Sousa Docca, por exemplo, redigiu o ensaio *O sentido brasileiro da Revolução Farroupilha*, defendendo a brasilidade dos farroupilhas e refutando a tese sobre o caudilhismo e o separatismo de Alfredo Varella. Ver: SILVA, Jaisson Oliveira. Op. cit., p. 175.

³⁷¹ ROSA, Othelo. Op. cit.

Ancorado no passado, o presente parecia repetir, portanto, os feitos de 1835, como pudemos observar nos textos do jornal *A Federação* – incluindo os discursos pronunciados por Flores da Cunha e Getúlio Vargas, publicados em lugar de destaque. A escolha de determinados eventos (Revolução Federalista, Revolução de 1923 e de 1930) e a sua organização em uma compreensão teleológica do tempo, pretendiam explicar o passado e o presente do Rio Grande do Sul. Neste sentido, o futuro, enquanto atitude de espera, foi representado como o fim ou o destino anunciado que orientava o “agir” no tempo.

Ao consolidarem o presente em uma das dimensões da temporalidade, a da *experiência*, e o inscreverem no tempo que ainda não é, o da *expectativa*, as narrativas assim elaboradas responderam a certas inquietudes que permeiam o transcurso do tempo, como a finitude do “ser” e a incerteza do devir. Tentamos explicitar esta problemática ao final de cada capítulo, de modo que os apontamentos sobre as seções se entrecruzam.

De uma forma geral, o presente vivido em 1935 foi abordado como a culminância de uma marcha cujo marco fundacional foi situado na Revolução Farroupilha. Desta forma, o Rio Grande do Sul, impulsionado por forças que operavam no decorrer do tempo, teria alcançado o estágio da civilização e do progresso material e moral. No entanto, identificamos em alguns textos certa apreensão diante das transformações procedentes da modernidade. Notamos que as narrativas preocuparam-se em demonstrar a coexistência entre o novo e a tradição, e a comemoração do Centenário Farroupilha como um espaço de celebração do passado, do presente e do futuro. Neste sentido, o jornal *A Federação* chamou a atenção em suas matérias para a exposição da modernização econômica do Rio Grande do Sul e, sobretudo, do seu desenvolvimento cultural. Tais circunstâncias inauguraram um horizonte de possibilidades sobre o futuro da região.

Observamos que o heroísmo também constituiu um ponto de apoio para o presente. Por um lado, as narrativas estabeleceram a continuidade do passado, através da permanência da atitude defensora do sul-rio-grandense em relação ao Brasil. Por outro, a imagem de um herói inclinado para a luta foi transferida para a do gaúcho interessado em novas conquistas, na área das artes e do saber. Esta ideia corroborou

com o avanço cultural destacado pelo jornal *A Federação*, como vimos no final do terceiro capítulo.

Os sul-rio-grandenses continuavam, portanto, preocupados com os destinos da nacionalidade, ao qual se viam integrados. Ressaltando o progresso cultural e econômico da região, apregoava-se sua colaboração para o desenvolvimento brasileiro. Percebemos, contudo, que não bastava às narrativas o Rio Grande do Sul compreender-se como partícipe dos destinos da nação. Elas requereram, pois, que o Brasil percebesse e estimasse o papel do Estado no presente em curso, reafirmando a trajetória da parte em relação ao todo nacional.

A partir desta pesquisa, evidenciamos a importância do exercício narrativo na produção da memória farroupilha, na medida em que os conteúdos apresentados pelos jornais carregaram símbolos e sentidos sobre o acontecimento comemorado. Assim, notamos que o passado ritualizado na escrita colaborou para a standardização da Revolução Farroupilha, uma vez que selecionou os heróis e as versões que deveriam ser lembradas. Embora conscientes de que a memória é produto do seu tempo e que, por isto, é mutável, não podemos deixar de refletir sobre o seu caráter permanente – ou sobre a percepção que ela cria ao fixar no presente referenciais passados. Afinal, é justamente por parecer estável que ela permite a continuidade, a persistência do passado no presente. Percebemos, portanto, que a epopeia farroupilha, discursivamente rememorada, assegurou a estabilidade necessária diante da incerteza representada pelo futuro. Neste sentido, observamos que o passado serviu como fonte de identidade para as narrativas que buscaram imprimir um modelo coletivo sobre a figura do gaúcho.

Por fim, devemos destacar a importância da ampliação dos estudos que investiguem o processo de construção da memória deste evento, tendo em vista o alcance das comemorações da Revolução Farroupilha e o lugar reservado a este episódio no imaginário sul-rio-grandense. Neste sentido, consideramos que entender como esta memória institucionalizou-se em determinados contextos seja tão fundamental quanto compreendermos o acontecimento em si mesmo. Talvez desta forma, ela possa ser percebida como o resultado de disputas, seleções, esquecimentos e conformações que cristalizaram para o presente uma interpretação sobre o passado.

ANEXOS

ANEXO 1



Antonio Ribeiro. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 2



Bento Gonçalves da Silva Filho. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 3

vacao de ambos e, no 7º, final-
mente, que a Convenção "teria



Pe
verso
celeb
verif

**FRUCTUOSO BORGES DA
FONTOURA** — Nasceu em Rio
Pardo, em 1814; falleceu em
São Luiz, em 5-12-1861. Tenen-
te-coronel da republica, tomou
parte em varios recontros, sen-
do gravemente ferido no com-
bate de Caçapava. Fez a cam-
panha de Rosas e terminou seus
dias numa emboscada que lhe
foi preparada por seus podero-
sos inimigos.

Fructuoso Borges da Fontoura. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 4



Manoel Lucas de Lima. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 5

no
ista
ros,
a
nea
no-
nais
mpe
ez ;
ás
ilha
Ve-
San-
nais
ban-
Bar-
dos
al-
da
mão,
da
das
a di-
va o
San-
o, o
São
ento,
s va-
a de-
lito-
a do

Ausentes, afim de impedir a pe-



vencid
gas ne
republ
na ple
viglar-
lhe qu
a Miss
vol. 4.
Não
o altiv
da adv
de Pel
formar
viço d
consagi
Com
geanas,
brigada
embarg
mission
mento,
maiores
armas;
municio
da a ca
grande
sando t
outros,
ram no
seus de
quidos
(H. Boi
Adema
violencia
incendio
isto leva
formular
Afinal,
brigada,
reiro, as
no, do c
outros, c
command
ob. cit. p
Ora, os
perseguiç
Candido
mente, d
exaltariam
mentos fe
populaçao
mente nac

JOSÉ GOMES PORTINHO —
Nasceu em Cachoeira, em 1/9/
1814; falleceu na mesma cida-
de em 8/8/1886. Foi um dos
mais brilhantes officiaes da re-
publica. Feita a paz, em 1845,
estava pauperrimo, apesar de
sua apreciavel posição econo-
mica ao começar a guerra. Te-
ve destacada actuação na guer-
ra do Paraguay e, pelos serviços
prestados á patria, foi agracia-
do com o titulo de barão da
Cruz Alta, titulo que não accei-
tou por julgar-o incompativel
com os seus ideaes politicos.

José Gomes Portinho. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 6



ANTONIO VICENTE DA FONTOURA — Nasceu em Rio Pardo, em 3/6/1807; faleceu em Cachoeira, em 20/10/1860. Foi um idealista e á revolução serviu durante todo o decennio; sendo decidido partidario da paz, partiu em 1845 para o Rio de Janeiro, como emissario da Republica. Foi eleito deputado á Constituinte, em 1842, e nomeado ministro da Fazenda, cargo que desempenhou com alta capacidade, gerindo os negocios do Thesouro.

Antonio Vicente da Fontoura. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 7

Quando, entre as nossas li-



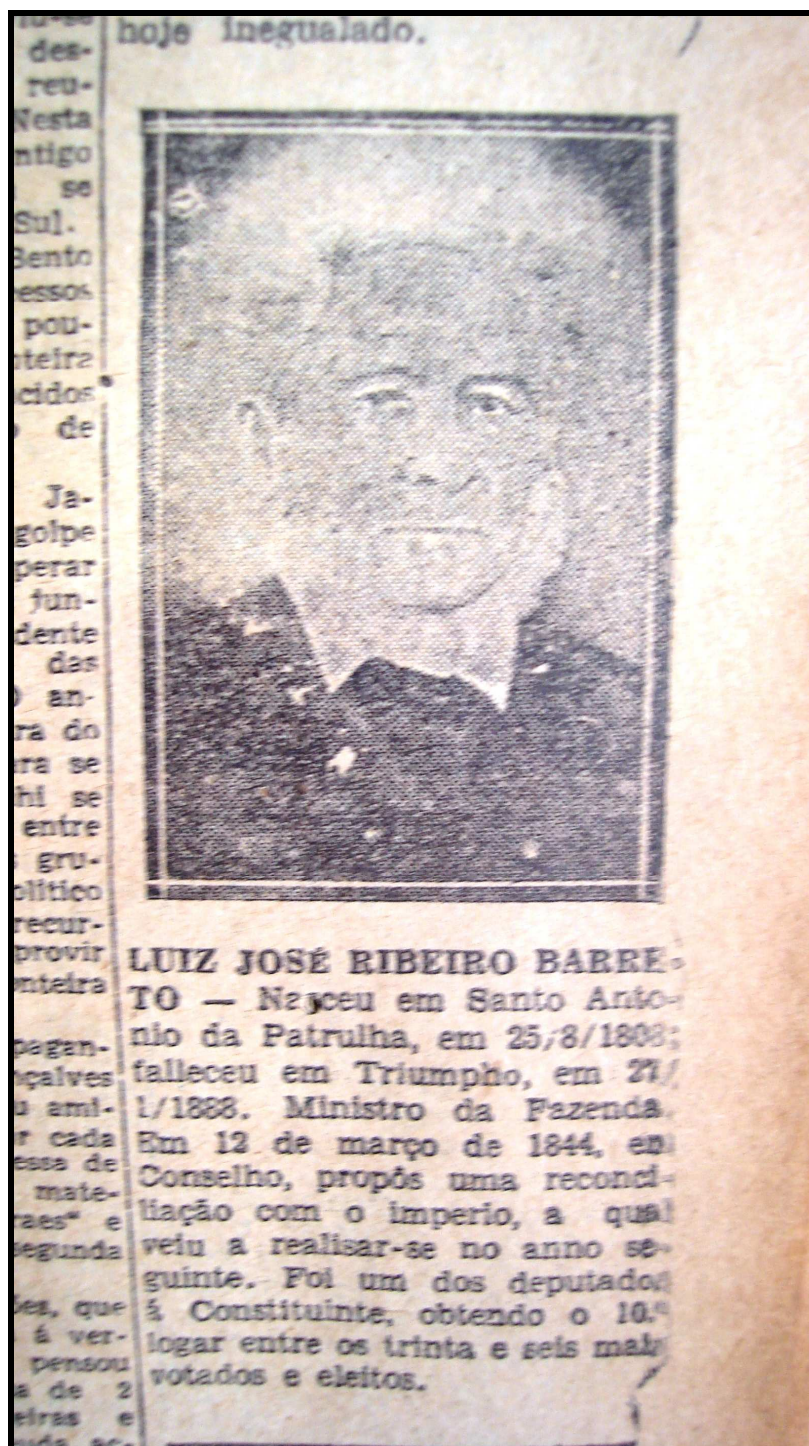
DOMINGOS JOSÉ DE ALMEIDA — Natural de Minas Geraes, onde nasceu em 9/7/1797, e donde veio em 1819; estabeleceu-se em Pelotas, ahi vivendo até seu fallecimento occorrido em 6/5/1871. Na organização do governo, após a proclamação da Republica, coube-lhe as pastas da Fazenda e Interior. Pelotas, que lhe deu a cidadania, ergueu-lhe dois monumentos, um dos quaes no Areal, em 1885, que é o unico monumento levantado no tempo do imperio a um republicano.

elas
te-
eu
se
6
de
ur-
nas
om-
isco
ho-
eiro
ffi-
pos,
he-
an-
nha
Del-
ha-
a e
oro-
que,
e S.
ndia
da
Por
ant-
inos
Lo-
ndo-
ca-
ho-
orças
bate,
se na
que,
e au-
poder
imei-
feito,
25 no
de, á
expel-

am
nan
regu
nar
cal
co d
abat
cura
lhe
polit
ra q
a su
cupa
Gran
va t
pria
Al
estoi
desp
amb
tellig
gran
no s
do el
lectiv
á bô
ção
elle
differ
grand
elle
que
repub
dessa
do at
moral
lada,
do po
da ter
Unic
periore
marear
de Itaz
rio, de
ra.
Bento
(Conti

Domingos José de Almeida. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 8



Luiz José Ribeiro Barreto. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 9



José Pinheiro de Ulhoa Cintra. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 10

m, 10
de la-
2 ta-
e fer-
ta, 22
e fer-
Uma
rração

ra Al-
ite de
nteiga,

ra, um
n cai-
calções,

1 pipas
is dito.
atos de
amen-
10 cal-
barris
com ge-
cevadil-
eijos, 1
garra-
ras com
fumo.
loso: 48
fardos

rras: 40
olos com
café, 2
aixa com

escrava

Dunha: 6



PADRE JOÃO DE SANTA BARBARA — Nasceu em Laguna, em 1786; faleceu em Porto Alegre, 5/7/1868. Notável pelos seus talentos e noores qualidades. Deputado ás Côrtes de Lisboa, em 1822. Membro da Assembléa Constituinte, eleito em terceiro lugar. Entre os membros do clero rio-grandinense que apoiavam a revolução, teve o padre-mestre Santa Barbara notavel destaque.

neire
trech
comi

“A
folha
lenu
Ponte
queir
10 d
Caeta
pago,
no d
o avi

O a
teresa
dr. B
juiz
em Ca
to Ale
alto d
já não
detento
official
tempos

Além
mem d
ciae,sc
o rema
até hoje
real pr
das cou
roupilha

Avallia
dalo da
hoje, cet
constitue
esquisito
boreando

Padre João de Santa Barbara. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 11



Francisco Lucas de Lima. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 12



José de Paiva Magalhães Calvet. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 13

de ra em frente e que, prevale-



he-0 e que eno hlu- Um ses- 1839 pres se do on- esse da se pléa não cu- ria. de que- uaes ntia me- uni- a e re- nas, mez. foi dade di- ções

FREDERICO AUGUSTO DO AMARAL SARMENTO MENA — Deportado em 1836, para o Rio de Janeiro, ahí assentou praça e empreendeu estudos militares, formando-se em engenharia. Serviu na campanha de Rosas, sendo condecorado por serviços prestados, jamais tendo usado o respectivo distintivo. Falleceu em Porto Alegre, em 1856, na Assembléa Provincial de um ataque apopletico, na ocasião em que se levantou para responder ao discurso de um seu adversario político.

ve de gra c sin tou foi ma de caç le to, com bell secu roja terp da com que non trova

* A veria tado"

Jo

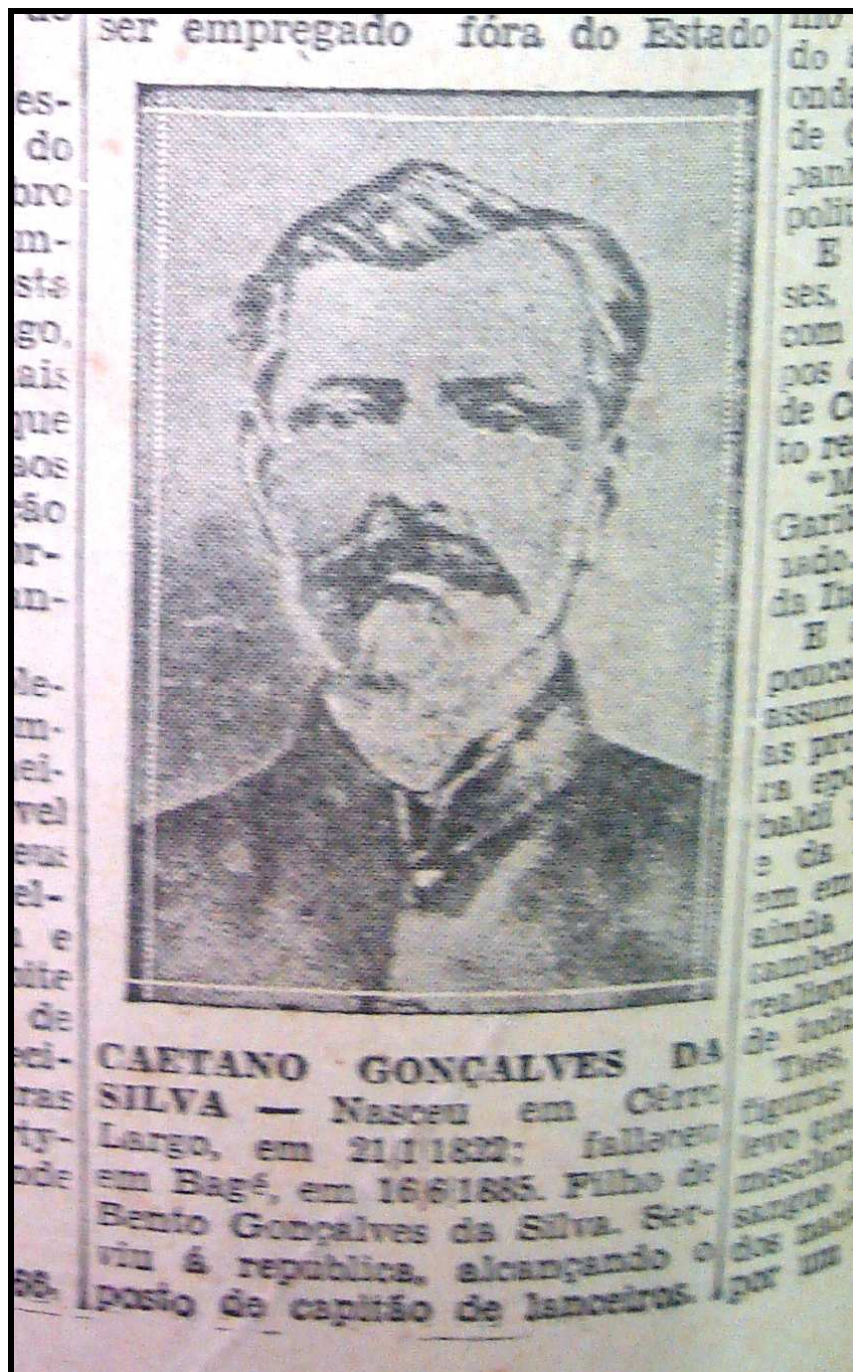
(Especi

Entre scenario remarcad mes de primeiro

25- sde as, a io do S. B.

Frederico Augusto do Amaral Sarmiento Mena. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

ANEXO 14



Caetano Gonçalves da Silva. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

REFERÊNCIAS

FONTES

A Federação

A empolgante oração de ontem do Gal. Flores da Cunha. *A Federação*, Porto Alegre, 23 set. 1935, p. 1.

A epopéia de 35. *A Federação*, Porto Alegre, 3 set. 1935, p. 1.

AS festas do Centenario. *A Federação*, Porto Alegre, 28 ago. 1935, p. 1.

AS forças espirituais do Rio Grande. *A Federação*, Porto Alegre, 27 set. 1935, p. 1.

A hora farroupilha. *A Federação*, Porto Alegre, 14 set. 1935, p. 2.

CENTENARIO Farroupilha. *A Federação*, Porto Alegre, 16 ago. 1935, p. 1.

COELHO, Adão. “O rancho do gaúcho”. *A Federação*, Porto Alegre, 5 jul. 1935, p. 3.

COSTA, Alexandre da. Vozes da cidade. *A Federação*, Porto Alegre, 21 set. 1935, p. 5.

DI CALAFIORI, Darcy. Glorias Farroupilhas. *A Federação*, 20 set. 1935, p. 4.

FARRAPOS. *A Federação*, Porto Alegre, 19 set. 1935, p. 1.

GUIDO, Angelo. As demonstrações culturais na Exposição do Centenario Farroupilha. *A Federação*, Porto Alegre, 16 set. 1935, p. 9.

INTERCAMBIO Cultural. *A Federação*, Porto Alegre, 10 ago. 1935, p. 1.

O Centenario. *A Federação*, Porto Alegre, 11 jul. 1935, p. 3.

O discurso do General Flores da Cunha na inauguração da seção de pecuária da Exposição Farroupilha. *A Federação*, Porto Alegre, 26 set. 1935, p. 1.

O estadista que o Brasil não pode desconhecer. *A Federação*, Porto Alegre, 23 set. 1935, p.1.

O notável discurso do chefe da nação no banquete. *A Federação*, Porto Alegre, 23 set. 1935, p. 1.

O que pensam de nós. *A Federação*, Porto Alegre, 24 set. 1935, p. 1.

O Rio Grande industrial. *A Federação*, Porto Alegre, 24 set. 1935, p. 1.

O Rio Grande revelado. *A Federação*, Porto Alegre, 28 set. 1935, p. 1.

PRESIDENTE Getulio Vargas. *A Federação*, Porto Alegre, 19 set. 1935, p. 1.

UM testemunho imparcial. *A Federação*, Porto Alegre, 12 set. 1935, p. 1.

Correio do Povo

ARAUJO, Felix. Bravura do Centenario Farroupilha. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 set. 1935, p. 9.

BARBIERI, Sante Uberto. Os farrapos atiram-nos a tocha! *Correio do Povo*, Porto Alegre, 19 set. 1935, p. 14

CALLAGE, Fernando. O drama épico de 1835. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 3.

CALLAGE, Fernando. A imprensa na Revolução dos Farrapos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 set. 1935, p. 3.

CALMON, Pedro. Heróis e Terra. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p (2ª seção).

CALMON, Pedro. Farrapos. *Correio do Povo*, 28 set. 1935, p. 10.

CARRAZZONI, André. Mythos, symbolos, legendas. *Correio do Povo*, Porto alegre, 8 set. 1935, p. 6.

DUARTE, Manoel. No berço farrapo. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 6 set. 1935, p. 3.

GALVÃO, B. F.. A Epopeia Farroupilha. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p (Edição Farroupilha)

MACÊDO, Manoellito. Data Centenaria. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 set. 1935, p. 2.

MAIA, João. O meu credo civico. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p (2ª seção).

MAIA, João. Sob o descortino de um século. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

OSÓRIO, Fernando. Os supremos objectivos da jornada de 35. *Correio do Povo*, 20 set. 1935, s/p.

REICHARDT, H. Canabarro. Lição de história. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set 1935, p. 3.

RUSSOMANO, Victor. Os farrapos, pioneiros do constitucionalismo republicano no Brasil. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p (2ª seção).

TAUNAY, Affonso de E. A década farroupilha. *Correio do Povo*, 20 set. 1935, s/p (2ª seção).

UMA palestra sobre a Revolução Farroupilha. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 18.

VARZEA, Virgílio. Bento Gonçalves. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 2.

Diário de Notícias

20 de setembro – data brasileira. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 19 de set. de 1935, p. 14.

BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. As causas da Revolução Farroupilha. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 de setembro de 1935, p. 8-9 (Edição Comemorativa do Primeiro Centenário da Revolução Farroupilha).

CONTRIBUIÇÕES dos homens não riograndenses na República de Piratini. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 de setembro de 1935, p. 24.

NO Centenário Farroupilha. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 24 de set. de 1935, p. 5.

O Rio Grande, vibrante de entusiasmo cívico assiste a passagem da data máxima do centenário da sua história. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 de set. de 1935, p. 5 (Edição Comemorativa do Primeiro Centenário da Revolução Farroupilha).

REICHARDT, H. Canabarro. Bento Gonçalves: a ação – o militar. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 set 1935, p. 20.

ROSA, Otelo. David Canabarro. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 set. 1935 (2ª seção), s/p.

VULTO da epopeia farroupilha. Manduca Carvalho. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 5.

Jornal da Manhã

ESCOBAR, Rui. Um descendente dos Farrapos. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 22 out. 1935, p. 4.

FARRAPOS. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 1.

GOMES, E. de Souza. A Epopéia Farroupilha. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 20 set. 1935, p. 4.

LAYTANO, Dante. Organização Política e Organização Social da Republica Rio-Grandense. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p. (Edição Farroupilha)

LAYTANO, Dante. Organização Política e Organização Social da Republica Rio-Grandense. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 8 out. 1935, p. 18-19.

O governo do Estado homenageou domingo o Chefe da Nação. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 24 de setembro de 1935, p. 8.

O sentido brasileiro do movimento de 35. Entrevista com Dario Crespo. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 20 set. 1935, s/p.

TAPAJÓS, Luciano. A semana que passou. *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 27 set. 1935, p. 1.

Outros documentos

Relatório sobre a Exposição Farroupilha apresentado pelo Comissário Geral Major Alberto Bins ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Gal. J. A. Flores da Cunha. Porto Alegre: Globo, 1936, p.34.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Luciano Aronne de. 100 anos depois: um olhar sobre a Revolução Farroupilha. *Revista Justiça e História*, Porto Alegre, v. 6, n. 12: 1-12, 2008.

ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca; SOIHET, Rachel (orgs.). Introdução. In.: _____ (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 507 p.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *Identidad como construcción pública*. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/academico/artigos.htm>. Acesso em: 27/07/2009.

_____. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007. 256 p.

_____. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 100.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 336 p.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo: Editora 34, 1994. 224 p.

- ARMANI, Carlos Henrique. *Identidades e fragmentação no pensamento de Emílio de Souza Docca*. 2002. 190 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2002.
- BOEIRA, Luciana Fernandes. *Entre História e Literatura: a Formação do Panteão Rio-grandense e os Primórdios da Escrita da História do Rio Grande do Sul no século XIX*. 2009. 196 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. 143 p.
- _____. L'identité et la représentation: elements pour une reflexion critique sur l'idée de region. *Actes de la recherche en sciences sociales*. Paris, vol. 35: 63-72, novembro de 1980.
- CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. Viver em meio a livros: a atuação de Ramiz Galvão na Biblioteca Imperial (1870-1882). In: XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 2010, Rio de Janeiro. *Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio*. Rio de Janeiro: NUNEM, 2010. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 15/12/2011.
- CARDOSO, Sérgio Ricardo Pereira. Compêndios de História do RS a serviço do civismo e da heroificação dos republicanos gaúchos durante a I República. In: 2º CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO E SOCIEDADE, 2006, Santa Maria. *Anais do 2º Congresso Internacional de Educação: Educação e Sociedade*. Santa Maria: UNIFRA, 2006. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/jornadaeducacao2006/2006/>. Acesso em: 13/01/2012.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 168 p.
- CATROGA, Fernando. Memória e História. In.: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001. 140 p.
- _____. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história*. Coimbra: Almedina, 2009. 309 p.
- _____. Recordar e comemorar. A raiz tanatológica dos ritos comemorativos. *Revista Mimeses*, Bauru, USC, v. 23, n. 2: 13-47, 2002.
- CERONI, Giovani Costa. *A exposição do centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos jornais Correio do Povo e A Federação*. 2009. 162 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

- CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 345 p.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. 244 p.
- COLUSSI, Eliane Lucia. *Plantando Ramas de Acácia: a maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX*. 1998. 489 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1998.
- CUESTA, Josefina. *Historia del presente*. Madri: Eudema, 1993. 93 p.
- DILLENBURG, Sérgio R. *Correio do Povo: história e memórias*. Passo Fundo: Ediupf, 1997. 158 p.
- ELÍBIO JR., Antônio Manoel. *A construção da liderança política de Flores da Cunha: governo, história e política (1930-1937)*. 2006. 430 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.
- ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos de Estudos do PPG em História da UFRGS*, Porto Alegre, UFRGS, v. 13, p. 19-29, 1995.
- _____. *A História devorada*. Nos rastros dos crimes da Rua do Arvoredo. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004. 321 p.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas. Acesso em: 17/10/2011.
- FEITOSA, João Vinícius Gondim. Rito e cura no culto de Asclépio no final do período clássico. *Nearco*, Rio de Janeiro, UERJ, v. 4, n. 2: 125-137, 2011.
- FÉLIX, Loiva Otero. *Política, memória e esquecimento*. In.: TEDESCO, João Carlos (org.). Usos de memórias. Passo Fundo: UPF, 2002. 171 p.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Nação*. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>. Acesso em: 18/02/2012.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. *A República, a história e o IHGB*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. 172 p.
- GONZÁLES, Juan Sánchez. Sobre la memoria. El pasado presente en los medios de comunicación. *Historia Actual Online*, Cádiz, n. 4: 153-163, 2004. Disponível em: <http://www.historia-actual.org>. Acesso em: 21/04/2008.
- GRANDI, Celito De. *Diário de Notícias: o romance de um jornal*. Porto Alegre: L&PM, 2005. 224 p.

- GUAZZELLI, César Augusto. *O Horizonte da Província: a República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata (1835-1845)*. 1997. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1997.
- GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In.: ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca; SOIHET, Rachel (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 507 p.
- _____. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória histórica disciplinar. In.: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 244 p.
- GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992. 162 p.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.
- HARTOG, François; REVEL, Jacques (dir.). *Les usages politiques du passé*. Paris: EHESS, 2001.
- HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. *Revista da Associação Nacional dos Programas e Pós-Graduação em Comunicação*, v. 7, 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/issue/view/7>. Acesso em: 18/12/2011.
- KOSELLECK, Reinhard. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006. 368 p.
- LAZZARI, Alexandre. *Entre a grande e a pequena pátria: letrados, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910)*. 2004. 363 p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. 544 p.
- LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975, p. 274.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*. São Paulo, n. 17: 63-148, novembro de 1998.
- LUCIANO Tapajós. Disponível em: http://www.apcl.com.br/NOTICIAS/coluna_tapajos.htm. Acesso em: 17/12/2011.

- MACHADO, Nara Helena Naumann. 1990. *A Exposição do Centenário Farroupilha: ideologia e arquitetura*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1990.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978. 640 p.
- MARTINS, Estevão C. de Rezende. Memória e experiência vivida: a domesticação do tempo na história. *Antíteses*, Londrina, vol. 1, n. 1: 17-30, janeiro/junho. de 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>>. Acesso em: 21/07/2009.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma “História Visual”. In: ECKERT, Cornelia; MARTINS, José de Souza; NOVAES, Sylvia Caiuby (Orgs.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2005, 328 p.
- MOSANER Jr., Eduardo; STORI, Norberto. O ensino de Artes no Brasil. *Sinergia*, São Paulo, v. 8, n. 2: 135-143, jul./dez, 2007. Disponível em: http://www.cefetsp.br/edu/prp/sinergia/complemento/sinergia_2007_n2/pdf_s/sinergia_2007_v8_n2.pdf#page=66. Acesso em: 19/10/2011.
- NEDEL, Letícia Borges. *Paisagens da Província: o regionalismo sul-riograndense e o Museu Julio de Castilhos nos anos cinquenta*. 1999. 336 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1999.
- _____. *Um passado novo para uma história em crise: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965)*. 2005. 335 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2005.
- NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire. In.: _____ (Org.). *Les lieux de mémoire*. La Republique. t 1. Paris: Gallimard, 1984. 672 p.
- OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário Gaúcho*. 3 ed. Porto Alegre: AGE, 2005. 277 p.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e de hoje. In.: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 244 p.
- _____. As festa que a Republica manda guardar. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 4: 172-189, 1989.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992. 143 p.

- OZOUF, Mona. A festa: sob a Revolução Francesa. IN: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (Dir.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 216-232.
- _____. Le Panthéon: l'école normale des morts. In.: NORA, Pierre (Org.). *Les lieux de mémoire*. La République. t 1. Paris: Gallimard, 1984. 672 p.
- PACHECO, Graziela. *Aninha do Bentão*: representações de Anita Garibaldi na obra de Walter Zumblick. 2007. 41 p. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas e da Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2007, p. 19.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da Sociedade Gaúcha. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 14, n. 2: 383-396, 1993.
- _____. Nação e região: diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX). In.: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, 244 p.
- _____. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 6: 1-8, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1499.html>>. Acesso em: 16/03/2010.
- _____. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do sul profundo. In.: *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004. 554 p.
- POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10: 200-212, 1992.
- RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. O governo de Flores da Cunha. In.: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coords.); GERTZ, René (dir.). *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. v. 4. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2007. 578 p.
- REIS, José Carlos. *História e Teoria*: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 3 ed., 2006. 248 p.
- ROCHA, Fabio Bianchini. Mito e religião nos festivais esportivos gregos do período clássico. *Nearco*, Rio de Janeiro, UERJ, n. 1: 117-124, 2008.
- RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. *Da Crítica à História*: Moysés Vellinho e a trama entre a província e a nação. 2006. 243 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.

- _____. De caudilhos e heróis a grandes homens republicanos: o IHGB, os farrapos e a República (década de 1880 a 1930). In: 5º SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA, 2011, Ouro Preto. *Caderno de resumos e Anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia e história intelectual*. Ouro Preto: EdUFOP, 2011.
- _____. Regionalismo, modernidade e legitimidades intelectuais: Moysés Vellinho e Érico Veríssimo (1930 a 1964). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4: 993-1008, out.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17n4/09.pdf>. Acesso em: 14/06/2011.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p. 93-102.
- RÜDIGER, Francisco. Cotidiano, mídia e indústria cultural: modernidade e tradicionalismo, dos anos 1930 à atualidade. In.: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coords.); GERTZ, René (dir.). *República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)*. v. 4. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2007. 578 p.
- _____. *Tendências do Jornalismo*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1993. 141 p.
- RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, Ouro Preto, UFOP, n. 8: 163-209, 2009. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/12/12>. Acesso em: 08/12/2011.
- SÁ, Antônio Fernando de Araújo. *Filigranas da Memória: História e Memória nas comemorações do centenário de Canudos (1993-1997)*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Unb, 2006.
- SILVA, Jaisson Oliveira. *A epopéia dos Titãs do Pampa: historiografia e narrativa épica na História da Grande Revolução de Alfredo Varela*. 2010. 210 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.
- SILVA, Ursula Rosa da. *A fundamentação estética da crítica de arte em Ângelo Guido – a crítica de arte sob o enfoque de uma história das ideias*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2002.
- SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In.: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. 467 p.
- SCHEIDT, Eduardo. O processo de construção da memória da Revolução Farroupilha. *Revista de História*, São Paulo, USP, n.147:189-209, 2002.
- SCHILLING, Voltaire. Ensaístas Gaúchos. *Caderno de História*, Memorial do Rio Grande do SUL, n.º 25, dezembro de 2006, p. 13.

- SILVA, Helenice Rodrigues. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44: 425-438, 2002.
- SIQUEIRA, C. V. A imprensa comemora a república: memórias em luta no 15 de novembro de 1890. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7: 121-314, 1994.
- SPINELLI, Teniza (org.). *Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul: história, publicações e legislação*. Porto Alegre: EST Edições, 2005. 159 p.
- STEYER, Fábio Augusto. Reflexões sobre a história do jornalismo no Rio Grande do Sul: uma experiência de pesquisa. In: 1º ENCONTRO PR/SC DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2010, Guarapuava. *Anais do 1º Encontro PR/SC de História da Mídia*. Guarapuava: UNICENTRO, 2010. Disponível em: <http://www.unicentro.br/historiadamidia/anais>. Acesso em: 12/11/2011.
- STRELOW, Aline. *Breno Caldas: poder e declínio de um dos mais influentes jornalistas gaúchos*. Disponível em: <http://bocc.uff.br/pag/bocc-imprensa-strelow.pdf>. Acesso em: 01/03/2010.
- THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 15: 7-23, 2001/2002.
- TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Buenos Aires: Paidós, 2000. 112p.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11: 89-112, 1993.
- ZALLA, Jocelito. *O centauro e a pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas*. 2010. 320 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.